

# DO SEXO À DIVINDADE

As Religiões e seus Mistérios

JORGE ADOUM

## SUMÁRIO

I	Introdução
II	Rumo aos mistérios
III	A religião fálica
IV	A religião mitraica
V	A religião de Osíris
VI	A religião dos druidas e seus mistérios
VII	Religiões antigas em moldes modernos
VIII	Rasgando véus
IX	A Maçonaria – Religião, Ciência e Filosofia
X	A religião védica
XI	A religião bramânica
XII	A religião budista
XIII	A doutrina bíblica
XIV	A religião e o Cristo Místico
XV	O Cristo Místico
XVI	O credo
XVII	Meu credo
XVIII	O grande mistério

## INTRODUÇÃO

1 – A palavra “homem” não significa o ser organizado que se encontra na terra. Homem é todo ser formado de uma parte do Espírito e de uma parte da Matéria de que está composta a esfera que ele habita e que é capaz de manifestar por atos morais a parte do Espírito que está nele.

2 – A finalidade do Universo é o progresso. Logo, a finalidade de cada homem, que é parte do Universo, não pode ser outra senão uma parte do progresso.

3 – Os planetas e as esferas não são, em si mesmos, suscetíveis ao progresso. Somente é suscetível ao progresso o ser moral formado de uma parte do Espírito e de outra parte da Matéria de que está formada aquela esfera.

4 – O ser moral metade Espírito e metade Matéria é o Homem.

5 – O Espírito e a Matéria contêm em si mesmos, desde o começo, o germe dos feitos materiais e morais que foram, são e serão no futuro.

6 – A manifestação ou transformação tira a consequência necessária de um princípio existente em estado latente no fato anterior. Desde a ação do Espírito sobre a Matéria, nada foi produzido que não fosse em estado latente no princípio.

7 – O homem é a miniatura do Universo, por isso lhe chamam Microcosmos, porque contêm todas as qualidades que foram dadas a todos os seres nascidos antes dele.

8 – Tudo quanto foi feito antes do aparecimento do homem foi feito para o homem. Logo, possuindo a quinta-essência de todas as qualidades dadas a todos os seres anteriores a ele, o homem será o rei da criação – ou um Universo em miniatura. No entanto, se o

homem não é a última palavra da perfeição no caminho do progresso, é sem dúvida o mais perfeito no estado atual.

9 – Todos os seres anteriores ao homem lhe serviram de duas maneiras: uns foram organizados cada vez melhor para lhe darem caída e outros para lhe serem úteis e servi-lo em suas necessidades.

10 – O homem recorreu aos animais, aos vegetais, aos minerais, aos gases etc. para ter vida por meio dos alimentos, da roupa, da respiração, do abrigo etc. A terra o carrega, a água lhe mata a sede, o ar move a sua respiração, o calor o abriga e o Sol lhe conserva a vida, porque o Sol é a alma da Terra e de todos os planetas. Portanto, o homem não poderia viver se não tivesse em si tudo isso. Logo, o homem é um resumo de tudo quanto está no Universo até a sua aparição nele.

11 – Por conseguinte, o homem é o mais poderoso agente do progresso e o único ser capaz da perfeição moral; porque o progresso moral coroa o progresso material, como o homem coroa a escala genealógica dos seres organizados.

12 – O Espírito, ao agir sobre a Matéria, é incorporado nela. Antes da organização do homem, o Espírito existia na Matéria em estado latente. Isso quer dizer que não tinha poder para a manifestação moral ou livre.

13 – Durante a época cosmogênica, a Matéria impedia a manifestação livre do Espírito. Isso está representado pela estrela microcós mica invertida, com a ponta para baixo. Quando chegou a estabelecer-se o equilíbrio entre o Espírito e a Matéria – devido à transformação contínua – então se manifestou a conseqüência de um progresso material e vice-versa, isto é, todo progresso material exige progresso moral.

14 – A organização universal é completa: onde existe necessidade encontra-se o que a ela possa satisfazer. Perto da dor está o remédio; próximo da fome, o alimento; perto da ferida, o bálsamo. Esta ordem que combina e supre se chama com razão Providência.

15 – A Providência é a harmonia entre o Espírito e a Matéria.

16 – A Providência interna não nos deixa caminhar às cegas na senda do progresso, nem tem o poder de nos deter a marcha rumo à perfeição.

17 – A perfeição é indefinida porque o resultado do progresso é infinito e, como tal, nunca pode ser alcançada. Certamente existe uma perfeição parcial, à qual se pode aspirar: é a perfeição relativa que consiste em satisfazer a todas as necessidades de uma época com todos os elementos postos à sua disposição e alcançar o ideal de bem-estar mais possivelmente desejado.

18 – Para a alma humana, tudo quanto seja razoável é realizável; porque a razão não pode desejar mais do que seja possível. Nada é impossível se os meios de execução se encontram preparados para a obra.

19 – A alma concebe o progresso, e o corpo, que é o auxiliar da alma, tem de caminhar rumo a ele. Logo, para manifestar o progresso desejado pelo espírito, o corpo tem de empregar todos os meios de que dispõe e fazer trabalhar cada órgão ou a matéria no sentido do seu destino e da sua orientação. É por esse motivo que chamam *corporações* às sociedades, porque cada elemento tem de trabalhar numa coisa segundo a sua aplicação e o seu lugar.

20 – O homem é o único ser, metade Espírito, metade Matéria, que pode e deve descobrir e fazer conquistas no terreno da ciência, da arte; porém, descobrir não é criar.

21 – A diferença entre o homem e o animal é como a diferença entre o progresso e a conservação, ou entre a consciência e o instinto.

22 – O meio de conservação que foi dado ao animal e ao vegetal é o instinto, sem o qual seria inútil o dom da existência, porque nem o animal nem o vegetal teriam tido qualquer meio de conservação.

23 – O instinto é o meio de conservação de todo ser animado – forçosamente tem de ser fatal, irreflexivo e instintivo. Assim, a abelha constrói o seu reino sem consciência: ela age sob a pressão da necessidade da sua natureza, à qual deve obedecer; seus hábitos são, desde os tempos mais remotos, uniformes, segundo a necessidade que lhe foi imposta.

24 – Do instinto irreflexivo não poderá haver progresso. Se o instinto pudesse refletir, então poderia comparar; se pudesse comparar, poderia melhorar, se pudesse melhorar, poderia progredir; e, se pudesse progredir, deixaria de conservar, porque não seria instinto e se converteria em Espírito.

25 – Se o instinto (hoje chamado subconsciente) chegar a desaparecer da Natureza, esta deixará de existir, porque, logo depois de cumprido um progresso, não haveria outra força de resistência capaz de conservar o primeiro progresso para fazer dele a base de um segundo. Tudo cairá novamente no Caos. O instinto é uma força de inércia que modera o salto muito impetuoso do progresso. Por isso se diz: ‘A Natureza não dá saltos’.

26 – Se o instinto não existisse como condição de conservação, não existiria a consciência como condição de progresso; da mesma forma, não teria razão de existir o corpo humano que vive materialmente pelo instinto e não poderia conservar a sua vida animal, que é indispensável à vida moral da alma. E assim a matéria se desagrega; todas as esferas voltam a ser átomos; as almas voltam ao estado de puro Espírito e a lei do progresso se detém. O Espírito teria de recomeçar o trabalho da organização universal, agindo novamente sobre a Matéria.

27 – Esta é a lei da transformação, a lei da Evolução ou desintegração: Quando um corpo ou uma esfera deixa de ser útil à lei do progresso, desintegra-se, porque se deteve no

caminho do progresso. Pois bem, se a natureza não dá saltos, tampouco volta atrás, nem se detém no seu adiantamento.

28 – O instinto é o correlativo da consciência. O instinto é o passivo da consciência como a Matéria é o passivo do Espírito. Sem instinto não há consciência, como não haverá Espírito, nem Vida, sem Matéria.

29 – O instinto, então, é para a vida material aquilo que a consciência é para a vida moral. O instinto é feito para a consciência como a vida material é feita para a vida moral.

30 – O Espírito é o princípio do progresso, a Matéria é o princípio da conservação.

31 – A consciência é a condição do progresso, supõe liberdade. O instinto é a condição da conservação, supõe conservação; e supõe a fatalidade ou naturalidade.

32 – A liberdade atrai responsabilidade, enquanto a fatalidade não tem nenhuma responsabilidade. Logo, todo ser que segue fatalmente o seu instinto cumpre a lei natural e não pode ser responsável, ao passo que aquele que abusa da sua liberdade é responsável por seus atos.

33 – O instinto do animal e o corpo do animal parecem com o animal; ambos se transformam e entram em outros corpos.

34 – Somente o homem é perfectível, porque é livre e não necessita de nenhum agente exterior para a sua perfeição.

35 – A matéria inerte sem iniciativa é imperfectível. O animal é imperfectível, porque carece de liberdade e de vontade. Somente o homem pode aperfeiçoar-se.

36 – Se o homem é perfectível, é também suscetível ao progresso, porque o progresso é o caminho que conduz à perfectibilidade indefinida.

37 – A inteligência, que alguns homens atribuem a certos animais superiores, nada mais é do que o instinto que cada um deles possui em grau diferente. É o instinto desenvolvido segundo a ordem de superioridade do ser organizado no qual reside. Não é surpreendente que os animais que mais se acercam do homem para servi-lo tenham certo entendimento que os capacite a ser mais inteligentes para executarem a sua missão providencial.

38 – O homem, com seus corpos ou veículos, tem por objeto ajudar no progresso indefinido do Universo. A ‘alma’ deve levar e guiar o homem no caminho da perfeição, sem deixá-lo desviar-se.

39 – Todo desvio no caminho do progresso é abuso de liberdade. Logo, cada alma, a parte do Espírito, tem por objeto aperfeiçoar cada corpo, a parte da Matéria. Então a alma, no Universo, tem determinada porção de Matéria para aperfeiçoar, transformando-a do estado grosseiro e denso ao estado mais sutil, isto é, até o estado mais perfeito, que é o da Matéria calórica que se encontra imediatamente debaixo e perto do Espírito infinito.

40 – Os corpos se modificam conforme a manifestação da alma. A manifestação da alma é o resultado da sua ação sobre o corpo, que afinal de contas é o fato do progresso para o melhoramento material.

41 – Se os órgãos do corpo destinado a manifestar as faculdades da alma não funcionam, terão de desintegrar-se por serem inúteis à alma.

42 – O bem é o resultado da harmonia que existe entre os elementos humanos ou entre a alma e o corpo. O mal se evidencia quando os atos conduzem à desarmonia.

43 – O corpo não torna má a alma; somente ele pode impedir a sua manifestação num ou noutro ponto. Onde a alma não se manifesta, o corpo adquire a ação egoísta e todos os desejos desenfreados da sua natureza.



44 – Quando o corpo impede a manifestação da alma em todos os seus pontos, o homem se torna semelhante ao bruto, à besta, e não terá senão instintos animais, aos quais obedece.

45 – As religiões e a educação têm por objeto remediar, tanto quanto possível, as inclinações perversas. A instrução pode diminuir os desejos desenfreados, substituindo-os por anelos elevados, segundo se verificou, historicamente, com cérebros de grandes homens, que foram mudando de conformação à medida que idéias novas lhes ocupavam a mente.

46 – A vida material é anterior à vida moral, e até se pode dizer que a vida moral nada mais é do que o resultado do desenvolvimento da vida material do homem.

47 – Quando o homem era semelhante ao animal, não era moral, porque não podia comparar os fatos entre si nem distinguir o bem do mal.

48 – As faculdades de apropriar-se, de comparar, julgar e escolher, isto é, a inteligência, a memória, o juízo e a consciência não se foram despertando senão lentamente. Uma faculdade foi a base de outra; mas uma faculdade não nasce de outra senão depois de haver mediado longo intervalo. Este é o fruto proibido que o homem consumiu voluntariamente quando desenvolveu em si as quatro faculdades e comeu abusando de seus frutos.

49 – Defender-se para sobreviver não é um ato de razão; é um ato fatal, isto é, natural e instintivo, como o de comer e o de dormir.

50 – A vida em sociedade, o amor conjugal, a educação dos filhos, o trabalho para preencher as necessidades, aproveitar os frutos do trabalho, tudo isso é instinto. Pertence à vida material. Tudo isso é fatal, instintivo e se efetua debaixo da pressão das necessidades, porque é comum entre todos os homens e animais. Tudo isso é feito tendo em vista a

conservação da vida. Logo, tudo quanto é do instinto é da vida material, é fatal, é instintivo, natural, que concerne ao corpo físico. E tudo quanto concerne ao corpo físico tem por objetivo a conservação.

51 – Logo, o homem, no princípio, desenvolveu o instinto; depois começou a desenvolver a consciência, porque, sendo o instinto o agente da conservação e a consciência do progresso, a conservação deve preceder ao progresso.

52 – A conservação é a condição do progresso, o instinto é a condição da consciência, como o corpo é a condição da alma; logo, a condição material deve ser cumprida primeiramente para que se manifeste o resultado moral.

53 – Logo, as faculdades da alma se desenvolvem em razão proporcional aos desenvolvimentos do instinto, isto é, dos órgãos e dos sentidos que nos servem para nos apoderarmos dos objetos materiais que nos rodeiam.

54 – O homem primitivo era solitário e débil ante os perigos e por esse motivo teve de associar-se aos seus semelhantes e viver em sociedade.

55 – Em sociedade, precisou então de meios para se comunicar, e foram necessários a voz e os sinais que engendraram o linguajar. Logo, a linguagem é a primeira manifestação da vida moral, isto é, da vida social.

56 – A vida moral ou social se compõe de deveres. Antes de viver em sociedade o homem não tinha deveres, isto é, a necessidade foi o seu único móvel e o instinto o seu único guia para satisfazê-lo.

57 – O fato de viver em sociedade, no princípio, era um ato de conservação revelado pelo instinto, como fazem certos animais que se reúnem em manadas no interesse da sua comum conservação. Desse modo, o homem foi lançado à vida moral, contra a sua vontade,

em vista do simples efeito da satisfação da necessidade material mais imperiosa: a necessidade de viver.

58 – Se o homem tem faculdades morais paralelas às suas funções materiais, deve-se concluir que as faculdades morais foram dadas para serem exercidas. O homem não pode possuir nada que não tenha o seu objetivo. Logo, faculdades morais e faculdades materiais são para obter resultados determinados.

59 – Mas, para que as faculdades morais tenham livre funcionamento junto às faculdades materiais, foi necessário ditar leis sociais e implantar religiões para defender os direitos do homem e ajudá-lo a cumprir os seus deveres para consigo mesmo e para com os seus semelhantes.

60 – Esse foi a princípio da religião e o começo da legislação.

61 – A religião trata de melhorar a moral ou o social: Espírito, alma. A legislação é para melhorar o material: Matéria, corpo.

62 – No quadro seguinte podem resumir-se os principais caracteres enumerados anteriormente.

#### Princípios

Vida moral	Espírito – Alma
------------	-----------------

Vida material	Matéria – Corpo
---------------	-----------------

63 – Meios

Vida moral	Consciência – Liberdade – Eleição
------------	-----------------------------------

Vida material	Instinto – Fatalidade – Obediência
---------------	------------------------------------

64 – Objetivos.

Vida moral	Progresso – Melhoramento
------------	--------------------------

Vida material	Conservação – Estabilidade
65 -	Caracteres
Vida moral	Praticada pelo homem sozinho.
Vida material	Praticada por todos os que têm vida.
Vida moral	Não pode existir sem a vida material.
Vida material	Pode existir sem a vida moral.
Vida moral	Nascida no homem depois da vida material.
Vida material	Nascida no homem antes da vida moral.
Vida moral	Compõe-se de todas as faculdades que não funcionam ao lado dos órgãos especiais, materiais e sensíveis que trabalham na economia do corpo humano.
Vida material	Compõe-se de todas as funções que exercem a ação de algum órgão, material e sensível na economia do corpo humano
Vida moral	Tem o dever por agente.
Vida material	Tem o direito por agente.
Vida moral	Vida em sociedade que regula as relações.
Vida material	Vida de indivíduos separados, sem relações sociais.
Vida moral	Útil, confortável e abundante.
Vida material	Indispensável, reduzida e necessitada.
Vida moral	Com diversas sociedades, segundo os indivíduos.
Vida material	Uniforme em todas as sociedades e todos os indivíduos.
Vida moral	Responsável se abusa da sua liberdade contra o direito alheio. Sanção.
Vida material	Sem liberdade, sem responsabilidade. Se desobedece ao direito tem sanção natural.
Vida moral	Idéia moral; o verdadeiro Progresso, ideal, material, o belo, perfeição.
Vida material	Trabalho mecânico. Copiar, nada de aperfeiçoamento.

66 – Logo, a religião e as leis sociais são frutos da vida moral ou da vida social.

67 – Quando o homem cumpriu os atos de sobrevivência, quando assegurou sua existência, começou a sonhar em desenvolver-se, em melhorar e progredir. Depois de ter o *indispensável*, começou a procurar o útil.

68 – Logo, há duas classes de necessidade: a indispensável e a útil. Todos os homens estão de acordo no que toca ao instinto, ao indispensável; mas estão demasiado divididos no que toca à vida moral ou útil e por isso vemos que o Espírito de todas as religiões é indispensável e uno, ao passo que as religiões, ao se converterem em úteis, dividem-se.

69 – A necessidade é fatal ou instintiva; é por isso que todos os homens obedecem fatalmente à necessidade que se faz sentir, e por isso também são idênticos em fazerem direito para as suas prescrições.

70 – Na liberdade existe a diversidade. O indispensável é absoluto como a necessidade material. O útil é relativo como a necessidade moral. A fatalidade impõe o indispensável; a liberdade permite escolher o útil. O útil é como a religião ou a lei, não é igual para todos; ao passo que a necessidade é comum. O útil é escolhido livremente e por isso varia de indivíduo para indivíduo, segundo o caráter daqueles que o escolheram.

Logo, a religião deriva da vida moral do Espírito e por meio do Espírito exerce a sua liberdade. O princípio da vida material é a necessidade ou fatalidade. Por conseguinte, vida moral e vida material são correlativas e paralelas entre si, como são o Espírito e o corpo, a liberdade e a fatalidade.

## RUMO AOS MISTÉRIOS

71 – Então o fim das religiões, ou da religião, é apressar a evolução humana; é inútil, porém, querer dar a todos os mesmos ensinamentos religiosos, porque aquilo que pode ser auxílio para uns seria incompreensível para outros e o que pode produzir um êxtase num santo não causaria a mais leve mocha num criminoso. No entanto, a totalidade das categorias humanas tem necessidade de uma religião, até o homem chegar a tornar-se, ele próprio, religião, ou alcançar vida superior à sua existência atual.

72 – Já vimos que as religiões devem formar naturezas morais e intelectuais e desenvolver a vida espiritual.

73 – Agora surge uma pergunta muito difícil de responder: Qual é a origem das religiões?

Esta pergunta teve duas respostas em nossos tempos:

- 1.º) Das mitologias comparadas, e
- 2.º) Das religiões comparadas.

Estas duas ciências demonstram como base comum para suas respostas os fatos estabelecidos.

74 – Os dois partidos diferem, entretanto, na maneira de se definir a natureza da origem das religiões. A mitologia comparada afirma que a origem comum é uma ignorância e que as religiões mais transcendentais são apenas a expressão aperfeiçoada das ingênuas e bárbaras concepções de selvagens – homens primitivos. O animismo, o fetichismo, o culto da Natureza, o culto do Sol nada mais são do que uma flor surgida do charco. E Krishna e Cristo são descendentes de certos curandeiros civilizados e por sua alta sabedoria dominaram os ignorantes.

75 – Os das Religiões Comparadas ensinam que toda religião tem uns ensinamentos de homens divinos que revelam, de tempo em tempo, os diferentes fragmentos de verdades

religiosas e que as religiões selvagens são degenerações que resultam de uma comprida decadência.

76 – Os verdadeiros sábios aceitam ambas as teorias e a nossa introdução demonstrou claramente que o homem tem duas necessidades, uma instintiva e outra consciente, e que a religião e as suas leis foram impostas por necessidade e para utilidade. O valor relativo das afirmações das duas escolas deve ser julgado pelo valor das provas invocadas. A forma degenerada de uma grande idéia pode demonstrar estreita semelhança com o produto aperfeiçoado de uma idéia grosseira.

77 – O sábio admite que uma religião civilizada resulta da evolução das não-civilizadas e, ao mesmo tempo, admite que a Providência da qual temos falado nunca abandonou o homem primitivo e sempre lhe enviou diretores e guias para lhe darem lições de religião e de civilização.

78 – As religiões foram dadas a todos os povos e cada religião devia satisfazer à necessidade moral e natural de cada povo. Cada religião deve chegar ao nível da inteligência de um povo, do contrário não ajudaria na sua evolução. A necessidade material obrigou o homem a viver em sociedade e por tal razão se ditou a lei “Amai-vos uns aos outros”.

79 – Todas as religiões têm uma origem comum; a divergência entre elas se deve ao desenvolvimento mental dos povos da terra. O deus dos negros é negro e o dos amarelos é amarelo; o dos brancos é branco, e assim também são suas religiões.

80 – No princípio do tempo, isto é, quando o homem começou a viver em sociedade pela necessidade urgente de se defender e defender os seus direitos, vivia feliz. Não havia inveja, nem ódio, porque não havia intrigas entre eles. Não havia enfermidades porque a carne estava bem equilibrada com o espírito. Eles sentiam que a vida era uma oração. Eram felizes e sentiam intuitivamente que o doador da vida estava neles e eles estavam nele. (Esta fase da vida está representada alegoricamente pelo Paraíso da Bíblia.)

81 – Depois, porém, progressivamente, o homem começou a satisfazer desenfreadamente os seus sentidos (comendo do fruto proibido) e se tornou descontente com o seu modo de viver; perdeu a felicidade e com ela a sensação de sentir-se uno com o Doador da Vida. Foi atacado por enfermidades, dores físicas e morais, e então principiou a procurar alívios e remédios. O primeiro remédio foi a busca da felicidade anterior, perdida por causa do abuso. Não a encontrando novamente, dirigiu suas orações ao Doador da Vida para que a concedesse a ele de novo.

82 – Mas como a petição deixou de ser atendida, por ser egoísta e errada, o homem começou a procurar um meio de atrair novamente a complacência do Criador, inventando teologias vagas e indefinidas como as águas do mar e oferecendo sacrifícios vivos àquele Deus, a fim de que ele não continuasse zangado. Em seguida, principiaram a ensinar que o Sol e a Terra, a Lua e as estrelas eram movidos e iluminados por uma Grande Alma Universal, que era ao mesmo tempo a fonte da vida e, em sua natureza, um Fogo – uma Chama Sagrada – que brilha no firmamento e se manifesta como chama menor na alma dos homens. Então adoraram o Sol como Doador da Vida e deixaram o Sol espiritual invisível. Entretanto, havia muitos ainda que sentiam o Doador de Vida através da Luz Inefável, a Chama Sagrada, íntima.

83 – Gradualmente e após eras, esses que sentiam a Luz Inefável em seu íntimo se converteram em sacerdotes, ao passo que a humanidade geral descia mais profundamente nas crenças materiais, isto é, materializava o espiritual e o abstrato. Por fim, foram muito poucos os sacerdotes que ficaram e que conheciam e sentiam a Chama Sagrada Interna como fonte de tudo e como chave da imortalidade, e assim o povo chegou a adorar o que se chama Deus só por meio de símbolos ou através de corpos celestes ou elementos terrenos.

84 – Em seu devido tempo, a Providência enviou os deuses das eras para visitar os filhos do homem. Entre esses deuses estava Orfeu, inventor de instrumentos que produziam sons de suprema doçura ao serem tocados com as mãos ou soprados. Com essas melodias acalmava o vagabundo Espírito da humanidade e ensinava com palavras harmoniosas os



preceitos de obediência à grande alma e de benevolência obrigatória e amável para com os demais. Dessa maneira, os homens começaram a escutar ensinamentos de outros homens, em lugar de ouvir os impulsos das suas próprias almas, e dedicar grutas e bosques à adoração da deidade, em vez de adorá-la em Espírito como no princípio, quando a sentiam.

Este foi o princípio das religiões: quando o homem adocece, procura remédio para seus padecimentos; quando sofre em espírito, apela para uma deidade a fim de que lhe dê alívio.

85 – Passo a passo, por seus padecimentos e enfermidade devidos aos seus abusos e à sua desobediência às leis naturais, procurou apaziguar o seu zeloso Deus, esse que sua mente obscura criara; instituiu a oferenda de plantas, flores e frutos mais seletos a esse Deus. Os sacerdotes, ignorantes ou por conveniência, reconheceram que a verdade nua e crua já não satisfazia, e instituíram o sacrifício acompanhado de certas orações e começaram a prestar culto ao Sol, não como Deus, porém como símbolo da luz e da vida que representa em forma visível, ao Deus que já não conheciam intuitivamente. Começaram a honrar aquelas flores que abriam suas pétalas e as cerravam, respectivamente, ao sair e ao pôr-do-sol.

86 – Até ali o povo se manteve satisfeito com a adoração do Sol, da Lua, das estrelas e do fogo como símbolo. Mas diariamente via chegar novos seres, e sem explicação nem do princípio da vida nem da fonte da qual essas novas vidas brotavam. Perguntaram aos sacerdotes iniciados e estes lhes responderam que Deus, para poder manifestar-se (Criar), teve de converter-se em dualidade: macho-fêmea. Positivo-Negativo. E como o homem tem a imagem e semelhança de Deus, ele também se converteu em criador menor, como Deus foi o Criador Maior em princípio.

87 – Da compreensão desse poder criador do homem resultou a organização daquele poderoso sistema religioso conhecido atualmente sob o nome de ‘fálico’, ou adoração do sexo.

A religião fálica é a base, é o fundamento, é o corpo, é a coroação de todas as religiões antigas e modernas.

## A RELIGIÃO FÁLICA

88 – O sexo é a força mais poderosa da natureza. Sem sexo não poderia haver geração, nem mundo, nem humanidade, nem ação. Sem geração, nada haveria que regenerar, não haveria humanidade, nem alma para imortalizar, nem necessidade da existência de Deus. O sexo é o princípio, é a imortalidade, é a divinização.

89 – A atividade sexual mal dirigida pode aniquilar e destruir a alma. Mas o sexo não pode ser condenado; somente o homem se está fazendo merecedor de condenação, porquanto usa como meio de destruição aquilo que lhe foi dado como salvador. Está nas mãos do homem escolher o que ele quer fazer com este sublime princípio.

90 – A adoração do sexo, ou culto fático, foi a forma comum de todos os povos; é um culto inspirado pela manifestação da Natureza no seu grande Mistério da vida e da procriação. Este sublime culto chegou ao seu desenvolvimento máximo entre os antigos egípcios, assírios, gregos, romanos e demais povos da Antiguidade em toda parte da terra: Pérsia, Ásia Menor, Etiópia, Ilhas Britânicas, México, América do Sul e outras partes do hemisfério. Até hoje existe esta religião na Índia e entre os Nusaireth do Líbano, e tem mais de cem milhões de adeptos e verdadeiros adoradores fáticos sem nenhum indício de degeneração do sexo pelas práticas indignas e pervertidas hoje existentes universalmente nos países que se consideram civilizados.

91 – Todas as religiões atuais estão fundamentadas na religião fática e não passam de modificações ou continuação das formas arcaicas adaptadas às condições modernas, aos ambientes e propósitos.

92 – O impulso animador de toda vida orgânica é o instinto sexual; o sexo é o chamado universal rumo à reprodução; a Natureza assim o pede e a lei divina o sanciona. O chamado do sexo é o que atua na luta pela existência no mundo animal; é a fonte de todo

esforço e emoção humanos, por mais sublimes ou por mais degenerados que possam ser os desejos que atuam por trás da paixão.

93 – A lei de atração entre os sexos opostos para se unirem tem por objeto a produção de um novo ser, o qual por sua vez oferece a oportunidade para uma nova alma e um receptáculo para a Chama Sagrada. Este impulso é o fator mais poderoso em tudo quanto concerne à raça humana. É o mais alto dom de Deus outorgado ao homem.

94 – O apetite sexual não é apetite animal, ao contrário, é o desejo mais elevado que a Deidade pôde depositar no ser humano; é um meio nos propósitos de Deus para a imortalidade da alma do indivíduo e o bem-estar de todos os homens. O sexo é a base da sociedade e o manancial da vida humana, de felicidade e de eternidade.

95 – Sem o instinto sexual sobreviria a exterminação da raça e, depois, numa geração se despovoaria o mundo. O próprio céu seria algo sem razão. Contudo, as religiões atuais consideram o sexo denegrido e sujo.

96 – O sexo tem a raiz na Divindade, porque sem sexo não pode existir o amor, que é a fonte da inspiração de toda beleza, moralidade e sublimidade. Nunca poderá haver amor, inspiração e beleza de sentimentos num homem sexualmente impotente. A Chama Inefável não pode manifestar sua luz através do ser assexuado ou impotente. *Sem sexo não há amor e sem amor não há religião.* As emoções religiosas brotam do poder animador da natureza sexual. A Religião Fálica adorava o mistério da Vida da criação ou reprodução: era a devoção ao Poder Criador Onipotente...

97 – A procriação e a transmissão da vida de uma geração a outra é o mais maravilhoso mistério, que faz com que a planta brote da tenra semente, e põe um novo ser sobre a terra; foi, é e será o mistério dos mistérios. Esse mistério está encerrado no grânulo da vida segundo o denomina a ciência moderna.

98 – A Religião do Falo ensina até hoje que, ao orar, o homem invoca Deus; mas, ao unir-se sexualmente à sua mulher, se converte em Deus. O fogo do sexo é o fogo da

Santidade; a origem do sexo tem a raiz na própria Divindade. O sexo está em Deus, assim como o filho está no Pai. O sexo e a santidade são duas linhas paralelas que se encontram em Deus; mas os olhos do libertino e os do hipócrita e fanático não podem ver esse encontro.

99 – A união carnal, para os adoradores do sexo, é obra luminosa. Toda união é motivo de criação ou expressão. O mal não está no ato, e sim nos pensamentos que o precedem e o acompanham... O sexo é o fruto da árvore da vida, que está no meio do jardim do Éden; ao comê-lo, o homem se faz Deus, “e o homem fez-se um de nós”, dizem os Elohim da Bíblia. Contudo, apesar de ser a árvore da vida, o homem morreu.

100 – A árvore da vida não pode causar a morte; o homem, porém, ao comer o fruto, pecou, e foram os seus pecados que o mataram. O sexo é o caminho à iluminação, mas a paixão sexual é o querubim com a espada flamígera, que por si mesmo impede ao homem impuro a entrada no Éden. A castidade afastada do sexo não tem valor algum. A verdadeira castidade deve estar na pureza e na santidade do sexo. O verdadeiro casto é aquele que leva à Divindade a sua virilidade. Deus fez-se homem por meio do sexo, e o homem se fez Deus mediante o sexo. Fugir do sexo é tão nocivo como buscar somente nele o prazer. O prazer sexual fora da pureza sexual é incompleto.

101 – Quem é Yeová, o Deus dos judeus e dos cristãos? É o Yod, o falo masculino, unido a Eva, o órgão feminino; ambos formam o poder criador das antigas religiões. A união sexual, em toda manifestação da natureza, é a união de duas metades, para formar o Yeová da Bíblia.

102 – O sexo deve ser amor, mas o amor não deve ser sexo, pois há sexualidade carnal e sexualidade espiritual. A carnal é o nascimento e a morte, ao passo que a espiritual é a ressurreição eterna. O fogo de Yeová na sarça de Horeb não é senão o fogo do sexo... na sarça do sistema seminal. “Não vos aproximem daqui: descalçai vossos pés, porque o solo que pisais é sagrado!”

## A RELIGIÃO MITRAICA

103 – Não podemos, nestes trabalhos preliminares, dar ensinamentos nem práticas da religião fálica, que é a mais pura e elevada das religiões. Os antigos, vendo a corrupção do sentimento humano com respeito à adoração do sexo, trataram de velar a verdade por meio de simbolismos ou religiões simbólicas. Antes de mais nada, devemos saber que a religião é feita para o homem e não o homem para a religião.

104 – Recordando sempre que os povos primitivos adoravam o Sol quando degenerou a adoração de sexo, vemos que na Pérsia antiga batizavam o culto solar com o nome de Religião Mitraica. Mitra significa “sol”, segundo a linguagem dos seus adeptos. Mitra, o Sol, sai todas as manhãs para afugentar as trevas, viajando no seu carro pelo firmamento. Ao aparecer cada dia, dá nova vida à sua criação.

105 – A Lua foi adorada porque viajava nas esferas superiores arrastada por touros brancos. O touro, para os persas, era o animal de reprodução e de agricultura. A Lua era a deusa que presidia ao crescimento das plantas e à geração de todas as criaturas viventes, assim como o Sol era o Doador da Vida. Então, para eles, o Sol era o Pai e a Lua era a Mãe. Os dois luminares que fecundavam a terra eram adorados pelo povo, ao passo que os sacerdotes iniciados praticavam somente a religião do sexo, que é Fogo-Luz. Os Sacerdotes reservaram exclusivamente para os iniciados a revelação da doutrina original, enquanto a multidão se contentou com o simbolismo brilhante e superficial.

106 – Devemos esclarecer, de uma vez por todas, que, se os sacerdotes deram ao povo o culto da adoração ao Sol e aos planetas, foi porque os homens começaram a perverter a religião do sexo. Por outro lado, ensinavam que a adoração devia ser ao espírito dos planetas e não ao corpo celeste. De acordo com as teorias astrológicas, os planetas eram dotados de qualidades e virtudes. Cada um dos corpos planetários presidia um dia da semana; e cada um era associado a um grau de iniciação, ficando o seu número como o mais sagrado, que é o número 7.

107 – Ensinava-se que, quando a alma chegava à terra, tinha de receber desses planetas suas qualidades e paixões. Como deuses imortais, estavam entronados no Olimpo: Hélios, Selene, Ares, Hermes, Zeus, Afrodite e Cronos. O Sol era o Deus dos Deuses: Mitra.

108 – Ao lado dos sete deuses planetários (sete anjos ante o Trono), recebiam homenagens outras divindades: os doze signos zodiacais (doze faculdades do Espírito, como os doze discípulos de Cristo). Estes signos do Zodíaco sujeitavam as criaturas às suas influências. Cada um deles era objeto de veneração particular durante o mês a que presidia. Segundo a religião mitraica, cada dia era governado por um Deus, portanto, denominado pelo seu próprio nome; já não é difícil compreender o motivo pelo qual as religiões modernas têm um santo para cada dia do ano.

109 – Mitra, para os magos, era o Deus da Luz, o Pai Inefável ou a Luz Inefável. O Deus de Fogo e de Lua, que se manifestava pelo órgão masculino. Para o povo, porém, era o Sol que transmitia sua luz através do ar, acreditando que ele habitava a zona intermediária entre o céu e a terra. Para simbolizar este atributo no ritual, havia-lhe consagrado o décimo sexto dia, dia central do mês. Mitra era o Mediador entre Deus, que reina no Céu, e os homens, que lutam e sofrem na terra. Isto engendrou a primeira concepção da necessidade que o homem tem de um mediador entre ele e Deus. Para os persas, Mitra era idêntico a Jesus Cristo. Mitra e Jesus são a personificação da Chama Divina. O iniciado, em vez de seguir uma pessoa ou profeta, vai diretamente à fonte de Luz; àquela Luz da qual ele é uma chispa.

110 – A idéia que o homem tem de Deus depende, em cada caso, de sua própria natureza, educação e posição social. À proporção que o intelecto se refina, o homem concebe o Ser Supremo sob forma mais elevada e espiritual; por essa razão os filósofos gregos conheceram o mistério de Mitra mais do que mesmo os persas. Os gregos viram que o Sol que derramava a luz sobre a terra era a imagem do Ser Invisível, que ser algum podia ver: “O pai por ninguém foi visto”, disse Jesus milhares de anos depois.

111 – Mitra tinha sua trindade: era representado entre duas figuras jovens. Uma com facho alçado e outra com facho invertido. Estas duas figuras juvenis eram a dupla encarnação de sua pessoa. Os dois chamados Dadophori formavam com o Deus uma Tríade. Este Deus Sol-Mitra passeava triunfalmente pelo Zênite e caía de noite para o horizonte, onde morria. Este era Mitra. O Triplo ou a Trindade num só Deus. E assim sempre, por trás de todas essas formas externas, estavam os mistérios com os seus sacerdotes, que ensinavam os adeptos como buscar e encontrar, em si mesmos, o Fogo-Luz, como fonte dos mistérios da própria vida.

112 – Os fachos são os símbolos do Fogo-Luz do ser supremo no homem, que eram dados ao neófito antes de receber a revelação da doutrina interna que conduz à Iniciação.

113 – Toda religião tem uma lenda, que serve de roupagem que oculta a verdade desnuda, a qual scandaliza os ignorantes, néscios e fanáticos. A lenda da Religião Mitraica é a seguinte: os Céus eram concebidos como uma abóbada sólida. A Luz iluminava desde estes Céus. Então os magos formaram a seguinte mitologia: Mitra (luz materializada) nasceu da rocha (rocha generativa), à beira do rio, sob a sombra de uma árvore sagrada. Alguns pastores da montanha foram testemunhas do milagre de sua entrada no mundo. Eles o viram sair da rocha, a cabeça ornada com um barrete frígio, armado com uma faca e conduzindo um facho que iluminava as trevas. Os pastores ofereceram ao Divino Infante os primeiros frutos dos seus rebanhos e colheitas. O jovem herói, porém, estava nu e exposto ao vento frio. Ele ocultou-se na figueira, comeu os frutos e das folhas fez uma roupa, e assim saiu para afrontar todos os poderes do mundo.

114 – Mitra encontrou-se com o touro, a primeira criatura viva criada por Ormazd. Mitra o agarrou pelos cornos e conseguiu montá-lo; o animal partiu furioso a galope para o derrubar; este não cedeu, embora sofrendo com o ser arrastado e suspenso pelos chifres do animal, até que, exausto pelos esforços feitos, o touro se rendeu a Mitra. O conquistador, então, segurou-o pelos cascos traseiros e o conduziu por um caminho escabroso até a gruta onde morava.

115 – Essa lenda, para o povo, era como um artigo de fé; todos a tomavam como uma verdade, enquanto os magos sacerdotes viam nela a viagem penosa do homem sobre a terra. O touro é o sexo do homem ou a sua natureza criadora que, com sua paixão, não se deixa dominar facilmente. Quando o varão alcança a maturidade, é assaltado pelo poder tentador, o desejo sexual. Se quiser chegar a ser Mitra (um Deus), não deverá jamais desistir de lutar, e sim perseverar até dominar a paixão e dirigir suas forças pelos devidos canais. O caminho está cheio de obstáculos, os quais deverá superar. É o relato da Iniciação.

116 – Uma vez, escapando da prisão, o touro foi à montanha em busca de pastos; o Sol enviou a Mitra o seu mensageiro, o corvo, com a ordem de matar o fugitivo. O jovem perseguir o animal, contra a vontade, levando em sua companhia um cão fiel, até encontrar o touro. Segurou-o, então, pela abertura do nariz com uma das mãos e enterrou com a outra, nas ilhargas do animal, a sua faca de caçador.

117 – Do corpo do touro brotou o reino vegetal. Da espinha dorsal nasceu o trigo que dá o pão, e do sangue brotou o vinho que produz a bebida sagrada dos mistérios.

118 – (O touro é considerado símbolo da criação, devido à sua vitalidade, força e função sexual sabiamente dirigidas. O touro, depois do bode, é o animal mais potente e viril. A virilidade representa o princípio da vida. A vida deve ser sacrificada para produzir vida. O touro é sua alegoria, representa a semente vital, que deve ser destruída para que produza. São Paulo disse: “Se o grão de trigo não morre, não revive; se, porém, morre, dá muitos frutos”.)

119 – O espírito do mal lançou os seus demônios contra o animal; o escorpião, a formiga, a serpente, todos quiseram consumir as partes genitais e beber o sangue prolífico do animal, porém fracassaram. A semente do touro, recolhida e purificada pela Lua (útero), produziu as diferentes espécies de animais úteis, e sua alma, sob a proteção do cão de Mitra, alçou-se às esferas celestes, recebendo as honras de divindade; chamou-se Silvano e se fez guardião de Grei.



120 – O significado iniciático do que precede é o seguinte: Mitra é o Homem-Deus que, ao baixar à terra para progredir e produzir, teve necessidade de sacrificar a sua semente, representada pelo touro. Esta semente deve ser recebida pela Lua-Mulher, Ísis ou Matéria, e será por ela purificada. Mitra, no começo, não queria sacrificar o touro, ou o sexo, porque assim se tornaria mortal e ainda porque a sua semente não mais poderia ser dirigida para cima, ao altar; teve, porém, de obedecer ao Deus Sol, Luz Sagrada Interna, e, assim sacrificou o touro, semente, e a sua procriação (produção) o deixou atônito, ao ver que estas criaturas do seu seio (das suas ilhargas) podiam se tornar como deuses... Mitra, ao descer à Matéria e semear sua semente (sacrificando-se) viu que dessa semente brotavam almas que se convertiam em seres divinos, os quais eram considerados e recebidos como Deuses.

121 – (Mitra, o Deus-Luz, o Sol, a Chama Sagrada, tinha de vigiar cuidadosamente a raça adâmica. Ahriman, o Deus das trevas, assolou em vão a terá com o fogo e quis matar de sede seus habitantes; mas, quando imploraram o auxílio de seu adversário, o Arquiteto Divino, este lançou suas flechas contra a rocha, de onde saiu uma fonte de água viva que saciou a sede de todos... Veio depois o Dilúvio Universal e Mitra, advertido pelos deuses, construiu uma arca, salvando-se assim com o seu gado, flutuando sobre a superfície das águas.) Ou, em linguagem mística: a Chispa Divina dentro do homem o preservou das inundações da matéria e das trevas no útero da Natureza. A lenda bíblica de Noé não é mais do que uma cópia da lenda mitraica que foi escrita milhares de anos antes.

122 – Termina aqui a história de Mitra: numa última ceia dos iniciados, que Mitra celebrava com Hélio e outros companheiros de trabalho, Mitra subiu aos céus levado pelo Sol, em sua radiante quadriga (lenda de Elias na Bíblia). Mitra cruzava o oceano que, em vão, procurava engoli-lo e ia habitar com os imortais; mas lá, das alturas celestes, nunca deixou de proteger os fiéis que piedosamente o serviram e lhe escutaram as palavras, fazendo a vontade do Pai, como dizia Jesus.

123 – (Mitra, segundo a interpretação iniciática e há muitos milhares de anos antes de Jesus, teve a última ceia com os discípulos antes de sua ascensão ao céu para “sentar-se à direita do Pai”. Mitra, em linguagem filosófica, é o Logos que emanou de Deus e participou de sua onipotência; quem, após haver modelado o Mundo como demiurgo, continuou velando sobre esse mesmo mundo. Mitra, pois, é o Cristo dos persas.)

124 – Os mistérios persas, como todas as religiões, mesclaram muitas concepções profanas com os ensinamentos cosmogênicos. Acreditavam na liberação e redenção. Criam na supervivência consciente. Acreditavam que a Chama Divina habita dentro de nós. Criam também em castigos e recompensas de além-túmulo; que as almas que povoavam os céus desciam à terra para animar os corpos dos homens, vindo umas à força e outras com agrado, para travar batalha contra os demônios. À hora da morte do homem, os deusas da obscuridade e os da luz disputavam a posse da alma que abandonou o corpo. Em decreto especial, decidia-se se era digna de ascender novamente ao paraíso; mas, se estava impura, os emissários de Ahriman arrastariam corpo e alma para as profundezas infernais onde sofriam milhares de tormentos (igualmente aos infernos das demais religiões).

125 – O firmamento era dividido em sete céus; cada um associado a um planeta. Uma escada formada por oito portas superpostas, cujas sete primeiras portas eram de metais diferentes: era o caminho que se deveria seguir para atingir a suprema região das estrelas fixas (o mesmo significado da escada dos sete céus da Igreja e dos sete mistérios maçônicos, assim como o sonho de Jacó com a escada que ascendia ao céu).

126 – Para passar de um grau ao seguinte, o iniciado deve saber fórmulas sagradas a fim de apaziguar o anjo de Ormazd que guardava a porta. Somente a alma liberta de suas paixões pode ascender aos céus depois de haver vivido na terra. Para isso, devia entregar à Lua sua energia vital e nutritiva; ao Sol, suas frias capacidades intelectuais; a Marte, o amor à guerra; a Júpiter, os sonhos de ambições materiais desenfreados, e a Saturno, suas demais inclinações terrestres. Despojada de todo vício, a alma, ao penetrar o oitavo céu, é recebida como Chispa Divina de volta ao seio da Luz, por meio da Iniciação, isto é, por meio de suas experiências na encarnação.

127 – Quando o tempo houver terminado a sua fixada duração, virá o dia do Juízo Final. Ahriman soltará as suas pragas e açoites sobre o mundo (o Anticristo da Igreja?), que o destruirão. Aparecerá, então, um touro maravilhoso, análogo ao touro primitivo, e Mitra de novo descerá para novamente despertar os homens para a vida. Todos se levantarão das sepulturas e assumirão suas antigas aparências. A humanidade se reunirá em grande assembléia e o Deus verdadeiro separará os bons dos maus. Então, com um sacrifício supremo, será imolado o touro Divino, cujo sebo será misturado com o vinho consagrado, que será oferecido aos justos como bebida milagrosa conferida a todos (aqueles que tenham obedecido à Lei, seguido a senda e obtido a Consciência da Alma), a imortalidade. Aqueles, porém, que houverem renunciado a seguir o caminho da Iniciação, retornarão à terra de onde vieram. Júpiter-Ormazd, escutando as orações dos bem-aventurados (segundo o Apocalipse de São João), fará cair do céu um fogo devorador que aniquilará todos os males.

128 – Eis aqui a fonte da Bíblia Ocidental com toda a minúcia. É a doutrina de um salvador que redime a humanidade vindoura ou a segunda vinda.

129 – Os mistérios iniciáticos explicam esta lenda esotérica do seguinte modo: o primeiro touro, como vimos, é o símbolo da geração já efetuada. O segundo touro, o atual, se converte no símbolo da Regeneração: o princípio continua sendo o mesmo, porém, para fins mais elevados... O primeiro Cristo no homem, a Luz, a Chispa Sagrada (é o Cristo Salvador) que, com a sua volta, se converte no Cristo ascendido. É a Chispa Divina Manifestada. Os salvados são aqueles que, por meio da regeneração da energia sexual, chegaram a construir suas almas de acordo com o protótipo do Ser Divino. É a Transmutação dos desejos inferiores (do Inferno) para que a alma possa converter-se em facho da Chama Sagrada. Este é o Cristo que desce ao inferno, assim como Mitra desceu antes dele, à inferioridade da matéria, para que a alma possa sentir e achar a luz Divina que mora na forma. Assim se manifesta a transfiguração de Cristo. Quando o fogo superior desce, não destrói o bem mas, sim, torna-se parte da alma.

130 – Aqueles que desperdiçam o fogo (a semente) destroem a alma, porque a lançaram às baixas profundidades “sobre o solo”; serão destruídos por conseguinte (isto é, se destroem a si mesmos, e, em vez de progredir na senda, constituirão um estorvo que a própria Lei trata de aniquilar e eliminar), porque este fogo arremessado se converte “em uma serpente que devora as entranhas”. Cada homem, então, é um Mitra, e o seu sexo é o touro. Este touro (ou sexo), a princípio, é necessário para a geração; mas, após a Iniciação Interna, o sexo deve empregar-se para a regeneração. O primeiro Mitra desce ao inferior da matéria ; o segundo, porém, tem de alçar-se aos céus.

131 – Vimos, em tudo anteriormente exposto, que a Religião Mitraica é fundada no mistério do sexo, como todas as demais religiões. Vemos, assim também, que esta religião, como as demais, tem uma parte secreta e outra pública. O mistério e a santa prática do sexo eram revelados aos iniciados. Deus-Fogo-Luz era adorado pelos eleitos para a iluminação. O Sol, a Lua, as estrelas eram, são e serão as divindades do povo.

#### 132 – RITOS E CERIMÔNIAS MITRAICAS.

Uma vez estudada a religião de Mitra sob as suas duas faces, externa e interna, torna-se necessária uma instrução sobre os seus ritos e cerimônias e seitas posteriores. Os sete graus da Iniciação, que eram obrigatórios para cada místico, correspondem aos sete céus; são as sete virtudes, as sete Igrejas do Apocalipse, os sete anjos ante o trono, etc. O corvo é o neófito aspirante que, depois de praticar e trabalhar, é promovido à ordem do oculto. Os membros desta classe permaneciam ocultos por um véu aos restantes da congregação; eram soldados de Deus para fazer guerras aos poderes do mal. Cada dignatário deve levar na cabeça um barrete frígio que fora outorgado a Mitra, identificado este com o Sol; os seus servidores, então, deram a si mesmos o nome de mensageiros do Sol, recebendo por fim o título de “Padres”.

133 – O Corvo, mensageiro do Sol, é o neófito que aspira à Iniciação sacerdotal. Os três primeiros graus do Ministério não lhe autorizavam a participação nos mistérios. À testa da hierarquia estavam os Padres, os quais presidiam as cerimônias sagradas e tinham autoridade sobre as outras classes de fiéis. O chefe dos padres trazia o título de Padre dos

Padres, *Pater Patrum* e *Pater Patrastrus*. Os místicos sob sua autoridade chamavam-se entre si *hermanos*. A admissão às ordens inferiores, batismo e outros podia ser concedida às crianças, assim como fazem as igrejas modernas. Esta cerimônia da Iniciação era como os sacramentos em nossos tempos. Aquele que quebrava o voto prestado era considerado como renegado, e ninguém podia receber nem continuar nos mistérios se usasse de mentiras para com o Mestre e seus irmãos; por tal deslealdade era anatematizado, isto é, excomungado.

134 – O aspirante que anelava o título de Miles se apresentava com uma espada que trazia uma coroa; então, com uma das mãos, colocava a coroa num dos ombros e arremessava a espada para proclamar: Mitra é a minha coroa, é o Imutável e é o meu Deus Invencível.

135 – Segundo os ritos iranianos, era necessário para o místico um batismo, que levava consigo todas as impurezas (vem daí a prática do batismo moderno). A água era benta e servia para aspersão ou imersão, como no culto de Ísis. São estes os ensinamentos de João Batista e seu batismo com água. Porém, um virá que batizará com Fogo... isto é, o batismo de Fogo-Luz que se manifesta durante certos exercícios, no período de desenvolvimento que prova a Imortalidade da Alma... O Batismo do Fogo é o Batismo do Espírito Santo ou a Chama Sagrada no Ser.

136 – O Padre celebrante consagrava o pão e o sumo embriagante do *Haoma* (Soma?) misturado com água e preparado por ele. A consagração se efetuava mediante certas invocações mágicas, e consumia estas coisas durante a celebração dos seus sacrifícios. Como no Ocidente não se encontra a planta *Haoma*, substituíram-lhe o sumo por vinho misturado com água: é o sacramento da Ceia do Senhor como a celebram as Igrejas e o Colégio dos Magos.

137 – Os magos orientais e sua organização praticavam o sacerdócio tanto sob as formas externas como sob as internas. O Grande Hierofante era o Chefe Supremo (*Summus Pontifex*) e continua até a nossa época a gozar deste cargo como o fez há milhares de anos.

138 – O culto Mitráico teve suas virgens, vestais ou monjas; teve conventos e escolas de treinamento ou seminários, os quais foram mal copiados pelas religiões modernas.

139 – O Padre místico invoca em cada dia da semana o espírito chefe do planeta correspondente e sagrado desse dia, num lugar determinado da Cripta. O dia de domingo era o mais sagrado, por ser o presidido pelo Sol, pois esse dia é santificado pela religião mitraica desde milênios antes de nossa era. O *Natalis Invicti*, dia do nascimento do Sol e de Mitra, era o dia em que o Sol começava a crescer com o seu poder para salvar a humanidade e a natureza da morte; era um dia santificado desde muitos séculos antes da vinda de Jesus ao mundo. Esse dia é o 25 de dezembro.

140 – Em cada sistema de mistérios, os adeptos formavam conciliábulos secretos; os membros denominavam-se irmãos, purificavam-se a si mesmos pelo batismo, recebiam a confirmação como poder para combater o mal. Por meio da Ceia do Senhor, esperavam a salvação do corpo e da alma. Santificavam o domingo e celebravam o natalício do Sol na noite de 24 para 25 de dezembro, data que, desde o século IV, foi fixada como Natividade ou Nascimento de Cristo.

141 – Acreditavam e ensinavam que a abstinência, a renúncia e o domínio de si mesmo eram coisas meritórias. Os Magos sabiam que o autodomínio era necessário para o equilíbrio da vida. O dilúvio era uma história profana para o povo, ao passo que, para os Magos, foi e é uma fase da história da alma. Acreditavam na imortalidade da alma. Mitra era o Mediador, o Logos, como Jesus, intermediário entre o Pai celestial e o homem, e, como ele, era uma Pessoa da Trindade.

A vida de Jesus é a duplicata do Herói iraniano. Jesus foi adorado pelos pastores. Os magos de Mitra levaram ao Ocidente a doutrina da Luz Inefável e o Menino teve outro nome no nascimento de uma nova época. Este novo Menino, entretanto, afirmava: “Não vim derogar a Lei, vim para cumpri-la”, porque sabia que a Verdade é uma em todas as épocas.

## A RELIGIÃO DE OSÍRIS

142 – Depois de estudar a religião de Mitra, agora nos toca estudar uma outra que nos confirma que todas as religiões têm uma mesma origem e fundamentalmente as mesmas têm por base o mistério do sexo.

Do meio do caos nasceu Osíris; ao nascer, ouviu-se uma voz que dizia: “O governador de toda a Terra nasceu”. Do mesmo seio ou útero nasceram Ísis, Rainha da Luz, e Tífon, Rei das Trevas. Já temos, então, a trindade fundamental.

143 – Diz o *Livro dos Morto*: conhece o dia em que haverá de deixar de ser (existir). Conhece seu sacrifício. “Tem poder de dar sua vida e de recobrá-la. Seu suplício é voluntário, mas ele mesmo o quis”. (Isaías LIII, 7)

Deus está no sofrimento. Osíris é o sorriso dos que choram. Osíris está na vítima que se imola, e no grão que morre na espiga que se ceifa, no Nilo que decrece, no quarto minguante da Lua, em todo sofrimento, mas sobretudo no sofrimento humano.

Osíris foi homem e Deus ao mesmo tempo; realmente Deus e realmente homem. “humilhou-se sob a aparência de um escravo”.

De quem se fala assim? De Osíris?

Não, Osíris não é nada mais que a sombra do Corpo Invisível. Mas essa semelhança entre o corpo e a sombra é o mais insondável mistério do Egito.

Nos confins do arenoso deserto da Líbia, ao fundo da grande planície semicircular de Abidos, numa estreita garganta rochosa, Peher (atualmente Ulel-Hakab), ali onde o Sol se põe, foram encontrados os túmulos dos mais antigos reis do Egito, e, entre eles, o sacórfago de Osíris. O sábio francês Amelineau, que levou a cabo escavações em Abidos em 1897-1898, viu nas inscrições desses túmulos um testemunho tão incontestável, que acreditou haver encontrado realmente o féretro do Homem-Osíris, personagem histórica, terceiro faraó da dinastia I.

Todo o Egito descansa na crença de que o Homem-Osíris ou Homem-Deus viveu, sofreu e morreu na terra.

A única lápide conservada refere-se a uma inscrição dos mistérios de Osíris celebrados no Santuário de Abidos: as “Paixões de Osíris” se representavam num drama, assim como as paixões de Senhor nos mistérios da Idade Média. No silêncio ressoava um grito súbito, a grande lamentação de Ísis sobre Osíris morto.

Todo o Egito vira as costas a Osíris, que morre e olha para o Deus que ressuscita, não querendo ver o sofrimento nem a morte; mesmo sabendo que o sofrimento e a morte são divinos.

144 – Um velho conto egípcio foi recolhido, milhares de anos mais tarde, por Plutarco, grego do século I-II de nossa era, grande sacerdote de Apolo em Delfos. Em seu tratado sobre Ísis e Osíris, diz:

“Em outros tempos, os deuses viviam na terra com os homens, e o grande Deus Rá, que habitava em Heliópolis (cidade do Sol), governava o Egito.

Então a Terra não estava ainda separada do Céu, e os homens eram como deuses. Mas se perverteram, renegaram o Deus Único e disseram: ‘vede-o que envelheceu e está achacadiço. Seus ossos são como prata, sua carne como ouro e seus cabelos como lápis-lazúli (Lazulite); seus membros tremem, e a saliva mana de sua boca’. Assim os homens zombavam de Deus. E Deus se encolerizou e ordenou à deusa do Amor, Hátor, que exterminasse o gênero humano. Hátor o exterminou, mas não por completo. Deus, movido de piedade para com os homens, inundou, durante a noite, a terra com uma bebida inebriante e quando, pela manhã, a deusa entrou naquele mar, viu refletido nele seu rosto e alegrou-se de sua formosura. Provou do licor, embriagou-se e cessou de exterminar o gênero humano.

Mas a antiga união do Céu e da Terra ficou desfeita. E Deus disse: ‘Meu coração está cansado. Não quero viver com os homens e não quero aniquilá-los por completo’. E Deus deixou a Terra, subiu ao Céu e separou a Terra do Céu. E são, ainda hoje, como serão até o fim dos tempos. Assim acabou o primeiro mundo e começou o segundo.”

145 – Quando Deus, ao subir ao Céu, abandonou os homens, estes, devorando-se uns aos outros como animais selvagens, ter-se-iam exterminado se não tivesse sobrevivido



Osíris. Ele nasceu como simples mortal e, tendo chegado a ser rei do Egito, afastando os homens de sua existência bestial, ensinou-lhes a cultivar os cereais, deu-lhes leis e instituiu o culto aos deuses. Depois percorreu o mundo, proclamando seu reinado e submetendo todos os povos, não com a espada, mas com o Amor, com o canto, a música e a dança. Quando voltou ao Egito, seu irmão Tífon-Set, com setenta e dois conspiradores, decidiu sua perdição. Tomou em segredo a medida exata de seu corpo e, baseado nela, construiu um cofre magnificamente ornamentado e convidou seu irmão para um festim. Durante o ágape, os servos trouxeram o cofre. Todos os convidados se maravilharam e Tífon, como que gracejando, prometeu presentear-lo àquele cuja estatura se adaptasse às dimensões do cofre.

Os setenta e dois cúmplices estendem-se um após outro no cofre, o qual, no entanto, não foi feito na medida de nenhum deles. Por último, o próprio Osíris se estende nele. Então investem todos sobre o cofre, fecham-no, pregam a tampa com cravos e soldam-na com chumbo derretido, levam-no ao Nilo, arrojam-no à água, e o cofre, pela boca do Tanais, vaga (deslizando suavemente até o mar).

Ísis, esposa de Osíris, andou buscando durante muito tempo o corpo de seu esposo, errante por toda a terra. Por fim o encontra e, com gritos e prantos, deixa-se cair sobre ele, aperta seu rosto contra o do morto, beija-o e rega-o com suas lágrimas. Depois, partindo de novo em busca de seu filho Hórus, igualmente perdido, esconde o cofre com o corpo de seu esposo entre os papiros do Nilo. Mas Tífon, caçando à noite com a lua nova, nota o cofre sob os raios do astro e reconhece-o. Retira o corpo, rasga-o em quatorze partes e espalha-as aos quatro ventos.

Ísis toma conhecimento do fato e recomeça a busca. Recolhe, um por um, os despojos do desmembrado corpo, junta-o e ressuscita o morto.

“Estes símbolos nos levam ao conhecimento de Deus”, conclui Plutarco – mas ele próprio é incapaz de decifrá-los.

O corpo é o ataúde da alma enterrada neste mundo. Assim Osíris caiu no cofre de Set, no corpo-ataúde: nasceu e morreu voluntariamente: “Sabe o dia em que há de deixar de ser”.

O nascimento é uma queda; a ressurreição um levantar-se; Osíris cai para levantar-se e levantar os que caíram; morre para renascer ele mesmo e ressuscitar os demais.

O ataúde egípcio é a envoltura, de madeira e pedra, da múmia e reproduz exatamente não só a forma do corpo, mas também as mesmas aberturas do rosto do morto. O corpo se reconhece pelo ataúde, como a alma pelo corpo. É o ataúde das medidas exatas. Esse é o princípio de distinção, de diferenciação. O Deus desmembrado é o mundo múltiplo: “Sou um, feito dois, quatro, oito”. Eis aqui por que Tífon esquarteja o corpo de Osíris.

Mas se Osíris é Deus, quem é Set? O diabo? Não.

“A perfeição do ser é um mim e o nada é em mim: eu sou Set, o zero entre os deuses. Detém-se, pois, Hórus! Set é recebido no número dos deuses”, diz Osíris a Hórus, seu filho e vingador.

Isto significa que Osíris e Set fazem um, que são as duas contrapartes do Deus Uno. Osíris conhece o dia em que há de deixar de ser. Esse “deixar de ser” é justamente o nada em Deus, Tífon-Set.

Estes são os simbolismos que nos levam ao conhecimento de Deus.

São Clemente de Alexandria foi, antes de sua conversão ao cristianismo, iniciado em grande número de mistérios pagãos; entre outros, nos de Osíris. Deles se lembrou quando disse que a sabedoria grega vê a verdade eterna em “crucificação ou desmembramento em que baseia o ensinamento da teologia do Logos Eterno”.

146 – Quando Ísis morreu, foi sepultada num bosque perto de Mênfis. Sobre sua tumba erigiu-se uma estátua coberta com um véu negro desde os pés até a cabeça e por baixo estas divinas palavras: “Eu sou o que foi, isto é, tudo o que será, e ninguém entre os mortais se atreveu a levantar o véu”.

147 – Sob este véu estão ocultos todos os mistérios, e alguns foram conhecidos pelo homem, cuja solução não pôde achar. Só puderam levantar o véu os Mítras, os Krishnas, os Cristos, e nós poderemos se quisermos seguir seus passos. Se o homem persiste em sua ânsia de divinizar-se, a luz brilhará através do véu e poderá ver por trás dele.

Para isso deve encarar a verdade sem levar em conta quão contrária seja ela a suas antigas crenças ou opiniões. O amante da verdade pode levantar o véu.

148 – Osíris e Ísis são os pais de todos os mistérios. Todos os deuses são substitutos destes dois e de seu filho Hórus. Ísis é Maia, Maria, Matéria, Mãe, tanto da humanidade como dos deuses.

Hórus é o filho, o Logos, o Verbo, o Cristo, o Filho de Maria, mãe de Deus. É o símbolo da Luz que diz: Eu sou a Luz do Mundo e o que vem a mim não anda em trevas. Eu sou o que o Criador é, logo Eu sou Ele, Ele é Eu. Por Ísis somos mortais, mas também por ela adquirimos a imortalidade.

149 – Em Ísis-Matéria dorme a Luz Divina do Espírito, mas o Fogo Criador Eterno (ou o anseio sexual, que é o fogo e luz) nunca pode ser extinto. Em todas as religiões os mistérios se repetem. Na religião hindu vemos que Shiva mutila Brahma, como Tífon o fez com Osíris, como o javali matou Adônis.

150 – Osíris, que é Fogo Criador Divino na matéria, foi através do Sol adorado e conhecido sob diferentes nomes: antes era Mitra, logo Brahma da Índia, depois Adônis da Fenícia, Apolo na Grécia, Odim dos escandinavos, o Hu dos bretões, o Jesus dos cristãos etc... .

151 – Se o povo tomou o Sol por Deus em vez de sentir Deus pelo fogo e pela Luz Divina que estão em cada ser, os iniciados não foram responsáveis por este erro. Não foi dito pela Luz do Mundo: “Mulher! Dia chegará em que não se adorará a Deus nem nesta montanha nem em Jerusalém, mas sim em Espírito e em Verdade”? No entanto, até o presente momento o povo adora a Deus por meio de uma estampa ou de uma imagem. Os iniciados sempre ensinaram que o Sol doador da vida não era senão o símbolo da força criadora universal, que era conhecida e sentida pelos super-homens como Fogo Interior e Luz Inefável.

152 – Ísis recebeu os nomes Ceres, Réia, Islene, Vênus, Vesta, de onde as vestais do fogo sagrado tomaram seu nome, Cibele, Níobe, Mális, Óssi, entre os índios, Pussa entre os chineses, Cerideu, entre os bretões antigos e Maria entre os cristãos.

153 – Os sábios caldeus, como astrônomos e astrólogos famosos, descobriram leis que, ainda hoje, são reconhecidas como exatas. A cada estrela deram um nome e para cada dia do ano designaram uma estrela. Depois os gregos encarnaram estes nomes em lendas e, por fim, os personificaram em pessoas. Destas lendas se originaram os anjos, os gênios, os heróis e os santos.

154 – A mitologia contém em si a verdade religiosa, diz Schelling. A religião não é mitologia, mas a mitologia é religião.

O mito universal do Deus que padece, que morre assassinado ou crucificado, não é oriundo do fato de ter ocorrido uma vez e sim em virtude de ter de suceder sempre, que é sentido de novo na vida de cada ser humano. Não sucedeu uma vez, mas sucede sempre. O Cristo-Luz oculto no paganismo revela-se no cristianismo.

155 – Já foi dito que o homem chega a fazer de Deus o conceito que lhe permite sua educação intelectual e social; por esse motivo muitos dos homens atuais, ao verem os antigos santuários de Serápis, de Vênus, de Apolo e outros, se perguntam: “A que Deus oravam esses imbecis de então?” Para eles, os construtores da Pirâmide de Queóps, a maravilha científica das idades, são imbecis. Eternas tolices têm sido ditas sobre as coisas eternas. Quando se descobriu a múmia do faraó Ramsés, foi embrulhada em folhas do jornal *Les Temps* e transportada para o Cairo num carro. O conferente da alfândega pesou-a e, como não encontrasse na tarifa a classificação correspondente, aplicou-lhe a taxa de bacalhau seco. E, assim, para nossos doutos fiéis, modernos, o corpo das antigas religiões é bacalhau seco.

156 – Algum cristão, por acaso, já se deu ao trabalho de pesquisar sob o invólucro do mito para encontrar o mistério? Não, porque ninguém suspeitou, ainda que a verdade do mito esteja no mistério.

Omar, ao queimar a biblioteca de Alexandria, disse: “Se os livros são bons, não os necessitamos, porque todo o bem o temos no Alcorão, e, se são maus, não devem existir”.

157 – Osíris, Tamuz, Adônis, Átis, Mitra, Dionísio são a sombra das coisas vindouras, mas, por lógica, devemos deduzir que o Corpo de Cristo deve ter existido eternamente, pois sem o corpo não pode haver sombra. Antes de Cristo existiu o cristianismo, ensinou Santo Agostinho; tudo o que não é eterno não é verdadeiro, diz Hermes Trimegisto. Os mistérios de Osíris são eternos e, por isso, florescem em todas as religiões que lhe sucederam, apesar da deturpação de seus significados.

158 – “O ruído aborrece Deus. Rezai em silêncio, homens!”, diz o verso de um hino dirigido ao Deus-Sol-Amon-Rá. E depois de milhares de anos, Jesus repete: “Fecha a porta e ora a teu pai que vê em segredo, e te recompensará”.

159 – “Comecei por ser Deus Uno, porém três deuses foram em mim”, diz um antigo livro egípcio de Deus Nun. Por acaso os padres do Concílio de Nicéia falaram melhor? “Glória a ti que baixas nas trevas”, diz um verso de um hino antigo. E “A luz resplandece nas trevas”, diz São João.

“O Espírito na Matéria é a luz nas trevas”, ensinam os Magos. “Por que a matéria na há de ser digna da natureza divina?” pergunta Spinoza. Ninguém respondeu a esta pergunta senão o Egito.

160 – Os mistérios de Osíris são os mistérios da Religião do Sexo. No santuário de Donderach, em leito mortuário, está estendida, envolta num sudário, a múmia de Osíris ressuscitante, com o ‘Falo’ ereto. A deusa Ísis, em forma de gavião de asas abertas, desce sobre ele e, viva, se une com o morto e extrai o sêmen do esposo. O sexo é a vida através da morte.

161 – Osíris se pronuncia em egípcio antigo *Usirit*, que quer dizer “Osíris” numa só palavra, com as significações masculinas e femininas: ele-ela, andrógino, homem-mulher. Em cada homem se esconde uma mulher e em cada mulher, um homem. Osíris-Espírito une-se com sua irmã-Matéria e engendram Hórus, em quem estavam todas as coisas. Deus, Elohim, criou o homem à sua imagem e semelhança; criou-o à imagem de Elohim, macho e fêmea os criou (embora o original diga macho-fêmea). Primeiro *o* depois

os (a imagem de Deus está no homem, Deus em Um; não Adão somente, mas Adão e Eva ‘Ieva’, porque o próprio Deus é Duo, Ele e Ela, Homem-Mulher).

162 – O mistério do sexo (do Uno) é o mistério dos dois. O Talmud diz: “O homem e a mulher foram, em princípio, um só corpo de dois rostos (pólos), mas logo o Senhor os dividiu em dois e deu a cada metade uma espinha dorsal. Viver em Dualidade Sexual é caminhar para a morte...”

163 – A religião do Egito é a religião do sexo. Mas do sexo que ressuscita e não do sexo que mata; no mesmo corpo de Deus Osíris desmembrado Ísis substitui o desaparecimento do ‘Falo’ sagrado por outro de madeira, para a ressurreição ... Ísis é esposa, irmã e mãe. A matéria é filha, irmã e mãe de Deus. A virgem é filha do Pai, esposa do Espírito Santo e mãe do Filho...

“Durante os dias em que se celebravam as festas do Deus Livre, a imagem do ‘Falo’ era colocada em carros e exibida pela cidade com grandes honras”, conta Santo Agostinho falando dos mistérios pagãos.

164 – A circuncisão é o testemunho nupcial de sangue e carne. Até hoje, ninguém, ninguém mesmo descobriu o significado do mistério da circuncisão. O anel da circuncisão é o anel dos esponsais. É a união conjugal do homem com Deus. “Que coisa tão espantosa e que blasfêmia!” Mas é menos espantoso comermos Deus? Nutrirmo-nos de sua carne e de seu sangue? “Quem é que pode ouvir isso?!” exclamaram, espantados, os discípulos do Senhor, quando pela primeira vez ouviram tal afirmação. O mistério da circuncisão é este: “Através da circuncisão desse anel recortado na carne o homem contempla Deus eterna e involuntariamente. Por quê? Porque a extremidade do membro é o ponto mais ardente e, por isso, este ponto mais ardente do prazer sexual é consagrado a Deus e o Universo se eleva a Deus por esse anel”. (Colégio dos Magos)

165 – Os elos da cadeia ou os anéis da circuncisão – carnal ou espiritual – encontramos-los na Religião do Pai em toda a Antiguidade pagã, no Testamento do Pai. Moisés encontrou a circuncisão no caminho do Egito, porque o Egito é a fonte do sexo sagrado. Adorar ao Pai em Espírito e Verdade é chegar a Ele pelo Sentir e pelo Amor. Orar

ao Pai é comunicar-se com Ele, entrando no interior (do aposento). Falar-lhe é senti-lo em segredo. Esta foi e é a religião dos sábios e iniciados.

166 – “Mas ao Pai ninguém viu”, diz o Grande Mestre. No entanto, o Pai engendra o Filho e ressuscita-o; logo a primeira idéia da geração e da ressurreição vai unida à idéia do Sexo e nunca as religiões de Mitra e de Osíris fizeram qualquer distinção entre as duas idéias... A base de toda religião é: “O sexo excede os limites da Natureza. Está por fora e por cima dela... É o abismo que leva aos antípodas do Universo. É a única imagem do outro mundo que se nos mostra neste”. (Colégio dos Magos)

167 – “O Sexo é o único contato de nossa carne com o além.” (Colégio dos Magos)

168 – A sede sexual é a sede da ciência, da Árvore do conhecimento do bem e do mal. Os dois serão uma só carne. Sim, mas ainda não o são, senão no amor mortal, já que tudo o que nasce morre. O Egito sentiu o amor imortal que ressuscita.

169 – O ‘Falo’ de Osíris não simboliza a procriação, a fecundidade, o nascimento e a morte, mas a ressurreição. “Ó deuses, saídos da energia sexual! Estendei-me vossos braços”, suplica um morto levantando-se do ataúde (*Livro dos Mortos*). Outro ressuscitado confessa: “Ó Energia Sexual de Osíris que extermina os inimigos rebeldes (contra Deus)! Por ela sou mais forte que os fortes, mais poderoso que os poderosos”.

170 – As religiões antigas que adoravam o Sexo não adoravam o Sexo grosseiro, terreno, animal, mas sim o fogo sexual sutil, espiritual, astral, cósmico, aquela força divina que ressuscita, já que os mortos têm de ressuscitar, de engendrar a si mesmos na Eternidade. O Credo de Nicéia diz: “Creio na ressurreição da Carne”. Enquanto as religiões antigas criam na ressurreição da carne por meio do Divino Sexo. Por isso os egípcios, cortando às vezes o ‘Falo’ do morto, embalsamavam-no separadamente e o depositavam ao lado da múmia em pequeno obelisco de madeira dourada, simulando o raio solar, ou ‘Falo’ divino que vivifica: outra forma de união do morto com o Sol. Por isso Ísis encontra todas as partes do corpo desmembrado de Osíris, menos o ‘Falo’, porque foi arrebatado e levado

ao ponto de onde havia vindo, deste mundo ao outro, e a deusa o substituiu por uma imagem de madeira de sicômoro.

Os mistérios de Ísis, o véu de Ísis! Quem se atreve a divulgá-los sem ser queimado vivo?

171 – A religião de Osíris é a religião do sexo divino, pela qual o homem, inteiramente, pode ver Deus de frente a frente sem morrer. Osíris é o Fogo-Luz em todo o corpo, em cada uma das células. Este Fogo Criador não tem sua sede nas partes sexuais e sim é mais vasto que o corpo. O Fogo não está no corpo, porém o corpo está no Fogo. O Sexo pode causar a morte, mas sem o Sexo não há ressurreição.



## A RELIGIÃO DOS DRUIDAS E SEUS MISTÉRIOS

172 – Depois dos egípcios vieram os druidas, adoradores do Deus Único. Erigiram a Deus altares de pedras brutas sem som de martelo e invocaram em campo aberto. Creram num céu para os bons e num inferno para os maus, e na imortalidade da alma. Os druidas homenagearam muitas deidades como os cristãos e judeus depois deles, mas não em forma de adoração. Criam na Trindade de Deus ou em seus três atributos e renderam homenagem a cada um destes tributos.

173 – A religião dos druidas tinha duas faces: o culto ao Único Deus e a homenagem às deidades das estrelas, aos elementos, às colinas e às árvores. Os iniciados eram muito versados nos Ritos do Cabari Fenício e tinham doutrinas internas e cerimônias, mas ao povo não davam senão aquilo que lhe podiam ser útil e proveitoso, e não o que ele não podia compreender.

174 – Se algum neófito ou iniciado cometia alguma insensatez, era castigado com a excomunhão, um castigo terrível. Os preceitos filosóficos e religiosos do druidismo eram escritos em versos e chegam a vinte mil. Estes preceitos eram decorados pelos doutos sacerdotes, não sendo permitido escrevê-los; dessa maneira, o candidato permanecia mais de vinte anos sob observação e estudo.

175 – Os druidas usavam pólvora em sua Iniciação para dar um símbolo da chama sagrada, que o aspirante deve encontrar em si mesmo antes de ser iniciado. Eles chamavam-na “Resplendor de Deus”. Quando morria um druida, colocavam em seu peito uma vasilha com terra e sal, cujo significado é “corrupção do corpo e imortalidade da alma incorruptível”.

176 – Eles tratavam antes de prevenir a enfermidade que curá-la. Tinham muitas frases relativas à cura das enfermidades, como, por exemplo, a seguinte: “A jovialidade, a temperança e o levantar-se cedo trazem saúde e felicidade”. Uma de suas máximas filosóficas é a seguinte: “As três bases do mestrado: ver, estudar muito e sofrer muito”.

Outra: “As três bases do pensamento: clareza, amplitude e precisão”. Dessa maneira, eram filósofos da alma e do corpo.

177 – A serpente era um de seus símbolos importantes. Uma serpente do ouro colocada sobre o peito do iniciado era sinal de regeneração. O iniciado tinha de sentir primeiro a Serpente Ígnea, para ter o direito de levar seu símbolo no peito. Precisava fazer ascender a Chama Sagrada de seu sexo quando adorava em Espírito e Verdade. A serpente era adorada com um círculo com gravações misteriosas. Colocava-se uma tiara sobre a cabeça (símbolo da Luz ou da auréola que emanava da cabeça do iniciado).

Era vestido com uma túnica de púrpura (símbolo do Amor desinteressado pela humanidade), salpicado com estrelas (faculdade de luz e de idéias luminosas); levava um báculo na mão (Cetro levantado, “Falo” erguido); era Rei porque tinha chegado a ser um iniciado.

178 – A Serpente Ígnea, quando se arrasta pelo solo, é o símbolo de destruição, é a energia seminal jogada ao solo; mas, quando está erguida, é um emblema da imortalização e da vida, é a Regeneração e tudo aquilo que foi, é e será. Os faraós do Egito levavam em seus diademas uma serpente de ouro na parte correspondente ao entrecenhos, símbolo da alta Iniciação.

179 – No deserto os hebreus lançavam seus semens sobre o solo e se transformavam em serpentes que causavam a enfermidade e a morte. Mas por ordem de Moisés a serpente se ergueu e se tornou doadora de vida e salvadora de almas. A serpente no sexo é fogo; levantada até o trono de Deus, se faz Luz Sagrada e Chama Inefável; arrastada, é a destruição da alma. Não se deve esquecer também que a célula seminal tem a forma de uma serpente, na qual está latente o Homem-Deus (ver *As chaves do reino interior*).

180 – Os altares dos druidas eram compostos de uma pedra grande colocada sobre dois outros toscos pilares. A lei druida ordenava que nenhuma ferramenta deveria tocar a pedra sagrada (nem mais nem menos que a Lei Mosaica do Êxodo 20:25: “Não edificarás altar de pedra talhada”). Mas este mandamento foi esquecido milhares de anos depois.

Estes altares eram erguidos à sombra de uma árvore forte, como o carvalho, e assim vemos como Abraão, debaixo do carvalho de Menrah, edificou um altar a Deus e ali recebeu os três anjos como hóspedes.

181 – Os druidas adoravam a Deus na Chama Sagrada Interna e reverenciavam publicamente o fogo como emblema do Sol e símbolo do Fogo Divino do Sexo. Todas as religiões tiveram seus fogos sagrados, que não são mais do que símbolos do fogo do sexo, no homem. Os druidas tinham seus conventos e irmandades femininas como as monjas de nosso tempo e tinham três votos para três classes. O primeiro era o voto de servir livremente nos templos, e as monjas não eram separadas da família. O segundo voto era para aquelas que ajudavam os sacerdotes nos serviços religiosos. O terceiro era para aquelas que juravam castidade e reclusão e que formavam os oráculos de Britão.

182 – Quanto ao supremo sacerdote druida, seu título era *Pontifex Maximus*, que foi herdado pelo alto sacerdote secular da Antiga Roma e na Itália. Tinha poder supremo, tanto nos assuntos seculares como nos eclesiásticos, e estava rodeado por um Senado composto pelos principais druidas. É o Arco Druida. Imitaram-no logo o Pontífice Máximo com seus fâmulos, e o Papa com os cardeais.

O signo do flâmine é um chapéu “como o capelo cardinalício”. E em certas ocasiões, o povo beijava o pé do Arco Druida.

Júlio César, ao ser Pontífice Máximo, obrigou Pompeu a fazer o mesmo; depois seguiram-no Calígula e Heliogábalo, a quem o Papa imitou.

Os sacerdotes de Ísis usavam tonsura porque sabiam da existência do Centro Energético no alto da cabeça (lótus de mil pétalas) e diziam ao povo que isso simbolizava o Sol Doador da Vida.

O celibato é de origem pagã. Orígenes castrou-se a si mesmo. O verdadeiro iniciado não aceita o celibato como condição natural; ao contrário, ele ensina a pureza do sexo e a obediência da Lei Divina.

183 – Pitágoras estabeleceu ordens de freiras, entre as quais colocou suas filhas. As vestais romanas eram monjas que faziam voto de castidade. Também entre os pagãos havia muitos monges e eremitas.

As vestais tinham o dever de atizar sempre o Fogo Sagrado e não deixá-lo apagar, do contrário eram castigadas com a morte. Brigit, deusa da poesia, da física e dos ferreiros em Kildare, na Irlanda, tinha a missão de conservar um Fogo Sagrado sempre ardendo; quando se aboliu o druidismo, as sacerdotisas se fizeram monjas cristãs e Brigit se converteu em Santa Brigite ou Brígida, santa titular da Irlanda. Durante o reinado de Henrique VIII foram suprimidos da Inglaterra e da Irlanda os conventos com monjas.

Os sacerdotes fenícios usavam sobrepelizes; os sacerdotes persas usavam cordorinas, de onde veio o mandil maçônico (avental grosseiro).

184 – Os sacerdotes persas levavam guizos de prata em suas vestes; os bispos ortodoxos, em suas cerimônias levam-no em seus trajés como fazem os sacerdotes judeus.

O báculo pastoral do bispo e dignitários eclesiásticos corresponde ao lítu dos romanos e ao bastão dos iogues. É o símbolo da Serpente, do “Falo” e da Cruz.

185 – O jejum era praticado antigamente para limpar o sangue e preparar o aspirante para certos trabalhos espirituais transcendentais.

Os círios ardentes no altar é a prática de manter sempre a luz, nos templos.

Os egípcios tinham “A Festa das Lâmpadas”, que celebravam descendo em barcos pelo Nilo abaixo até o Templo de Ísis; este serviço se converteu nas vésperas.

Os persas usavam água sagrada a que chamavam Sor. É a água, o princípio da geração, que se transmuta em Chama Sagrada.

186 – Os druidas tinham certas danças religiosas e genuflexões, que imitavam as rotações das esferas celestes, conservadas pelos cardeais, pelos dervixes e pelos maçons ao avançarem na direção do Oriente.

187 – Os egípcios lançavam terra sobre o ataúde três vezes e diziam: “A terra à terra, o pó ao pó e a cinza à cinza”.

O sacrifício da hóstia feita com farinha de trigo é tão antigo como as religiões.

O batismo e a unção com óleo para purificar a alma era um rito observado há milhares de anos antes da era cristã. As crianças, depois dessa cerimônia, recebiam o sinal-da-cruz e se lhes davam leite e mel.

Quando o menino chegava aos quinze anos, o sacerdote punha-lhe as vestes chamadas *Sudra* e o cingia e confirmava, instruindo-o no mistério da religião.

188 – A cruz é o símbolo da vida. A cruz ansada é um emblema fálico. A cruz representa os dois princípios em conjunção. A cruz é venerada como símbolo da geração e regeneração desde muitos séculos antes da crucificação de Jesus. A cruz se acha gravada em todos os povos antigos da terra.

## RELIGIÕES ANTIGAS EM MOLDES MODERNOS

189 – Os caldeus dividiram ao ano em doze meses, sendo cada mês presidido por um anjo. A Igreja mudou os nomes e fez com que um santo presidisse cada dia.

O *Divi* ou deuses romanos inferiores faziam milagres e em sua honra se erguiam altares, perante os quais se mantinham luzes continuamente acesas; suas relíquias eram adoradas; formavam-se conventos de homens e mulheres religiosos sob o nome de divos ou deuses inferiores, como os querinais de Quintino ou Rômulo; os marcianos de Marte; os vulcanos de Vulcano, como hoje existem os franciscanos, os agostinianos e os dominicanos, de Francisco, Agostinho e Domingos.

190 – Os *Divi* romanos eram patronos de várias vocações: Netuno, dos marinheiros; Pã, dos pastores; Palas, dos maridos; Diana, dos caçadores.

Agora temos São Nicolau para os marinheiros; São João Batista para os maridos; Santa Madalena para as cortesãs, etc... . Também os Santos receberam os característico dos *Divi*: a Moisés foram atribuídos os dois cornos de Júpiter-Amon, a São Pedro as chaves de Jano. Também a Igreja canonizou muitos deuses antigos: Baco, o deus do vinho, foi batizado com o nome de São Baco ou Bacchus. Brigit, a deusa dos druidas, se converteu em Santa Brigite, padroeira da Irlanda.

191 – O culto à Virgem Maria é igual ao que foi tributado a Ísis e a Mariana dos hindus. Comparemos as litânias desses dois povos, que se dedicaram ao elemento feminino da Divindade, com a litania da Virgem Maria dos católicos e mesmo com a dos protestantes. Os antigos hindus adoravam Deus através de sua manifestação feminina, do mesmo modo que adoravam a mulher, atribuindo-lhe todos os dons divinos, e, para manter a adoração e o respeito a ela, seus sacerdotes formulavam em suas orações uma litania que invoca o elemento feminino, que é indispensável para a conservação da vida, da saúde e da felicidade.

O Ritual Hinduísta reza assim:

Santa Mariana, Mãe de Perpétua Felicidade

Mãe do Deus Homem Encarnado

Mãe de Krishna  
Mãe Eterna Virgem  
Mãe Puríssima  
Virgem Castíssima  
Mãe Sempre Pura  
Virgem Trígama  
Espelho da Suprema Consciência  
Mãe Sapientíssima  
Virgem do Loto Branco  
Matriz Áurea  
Luz Celeste  
Rainha dos Céus e da Terra  
Alma Mãe de Todos os Seres  
Virgem Concebida sem Mancha de Pecado.

192 – Está á a litania dos hindus, invocando o poder feminino da divindade na matéria, endeusada na mulher. Por sua vez, os sacerdotes do Egito invocaram o elemento feminino com esta outra ladainha:

Santa Ísis  
Mãe Universal  
Mãe dos Deuses  
Mãe de Hórus  
Alma Mãe do Universo  
Sagrada Virgem Terra  
Mãe de Toda Virtude  
Ilustre Ísis Misericordiosa e Justa  
Espelho de Justiça e Verdade  
Misteriosa Mãe do Homem  
Loto Sagrado  
Sistro Áureo  
Astarte  
Rainha dos Céus e da Terra

## Virgem Mãe

193 – Já não é necessário copiar, aqui, a litania da Santíssima Virgem Maria, por ser uma cópia exata das antecedentes. Isso nos demonstra que os antigos sabiam que emanavam d'Ela as energias e a juventude que dão a imortalidade ao Homem: pois não é coisa do corpo e sim da alma e que Ela é porta do Céu, consoladora dos aflitos e curadora dos enfermos.

194 – O parto (criação de um ser) era um mistério incompreensível e atribuído diretamente a Deus. Ísis é a Mãe Virgem porque é como a Natureza; é fecundada pelo Raio Solar Divino e por isso concebe seu filho sem perder sua virgindade.

O lírio na mão da Virgem Maria é o loto sagrado de Ísis, que foi a Ela consagrado. O mês de maio era consagrado a Ísis, por ser o despertar da Primavera; o mês de maio, hoje em dia, é dedicado à Virgem Maria.

195 – A lua, símbolo da estação lunar da mulher, é a Rainha do Céu. Ísis está coroada com a lua; a Virgem Maria pisa sobre a lua. A primeira figura é a lua nova; a segunda é o quarto minguante ou o que significa antes de ser fecundada pelo Espírito; era coroada por uma meia-lua, mas depois foi coroada com o sol, pisando sobre a lua.

196 – Os budistas do Tibet celebravam a festa de todos os santos no dia 1.º de novembro e o dia dos mortos era celebrado em 2 de novembro. No Colégio dos Magos se efetuava uma convocação solene nessa noite e muitos deles se punham em contato consciente com os que haviam passado ao novo estado durante os doze meses anteriores.

197 – O dia 25 de dezembro era guardado como dia sagrado por todos os povos antigos. Os cristãos deram esse dia como o do nascimento de Jesus, para atrair ao cristianismo os diferentes povos que festejam o natalício do Sol, assim como o dia de domingo foi consagrado como o dia do Senhor, para não afugentar “os povos pagãos”. É o “dia do Senhor Sol”, equivalente ao Baal na Caldéia, a Osiris no Egito e a Adônis na Fenícia.



198 – A religião é feita para o homem e não o homem para a religião. Tampouco a religião é para um dia especial; é para todos os minutos do dia e da semana. O objetivo da religião é manter o fogo sagrado sempre ardendo. A vestal tem esta obrigação. O Deus vivo está no templo-corpo como fogo e luz no sexo e nunca se deve permitir que esse fogo se apague; nesse fogo e nessa luz se acham a vida e a morte; a geração e a regeneração e tudo o que era, tudo o que é e tudo o que será. “Buscai o reino de Deus e seu justo uso e tudo o mais vos será dado por acréscimo ... e o reino de Deus está dentro de vós mesmos...”

199 – Quem acha o fogo sagrado pode conhecer Deus dentro de si mesmo, dentro do seu próprio corpo, que é o Templo do Deus Vivo.

## RASGANDO VÉUS

200 – O órgão masculino, o Falo, era considerado (e é) a fonte encarnada do ser, a personificação do Poder Criador e o lógico símbolo do Criador da Vida.

201 – Como representante do Poder Criador da vida humana, foi exaltado, e por fim prestou-se-lhe culto. A força criadora foi deificada como deidade suprema qual pai unido à sua natureza e por essa natureza vêm à existência todos os seres. O Falo era a encarnação deste poder para o cumprimento dos grandes propósitos da vida, que são a geração e a regeneração. A geração era representada com a linha vertical e a Re-Generação com a linha horizontal, e assim se formou a Cruz, símbolo do Falo ou representação da força fálica, ou a sublimação da semente criadora. A cruz representa as duas atividades. Todas as religiões consideravam a esterilidade como afronta e maldição. O supremo dever religioso de cada mulher era dar filhos e perpetuar a semente da raça humana

202 – O homem e a mulher, antigamente, viam no Criador a Fonte suprema da felicidade... Era a Deus que as mulheres pediam filhos... Para elas, Deus era uma realidade substancial claramente definida. Estava em conexão direta e pessoal com o ato da geração. Era o próprio Criador que ia para dentro da mulher por intermédio do homem. O homem era representante de Deus. O Falo era a divina função operante por intermédio da qual Deus obrava. É por isso que a humanidade daquela época era mil vezes mais pura do que a de hoje, porque, então, no ato da criação via-se somente Deus.

203 – O Grande Hierofante dos Magos explicou a Circuncisão. O membro viril é considerado como especialmente consagrado ao Criador, seja como símbolo, seja como conduto do poder e dos desejos divinos a serem cumpridos. Antigamente, para se tornar o juramento de uma pessoa, ela devia colocar a mão sobre o Falo do ser a quem fazia o voto ou a promessa. Hoje jura-se sobre a cruz.

204 – O libertino que abusa do seu poder viril lança fora a sua própria alma, e se a cruz é o símbolo da salvação é porque a Cruz Fálica respeitada e venerada é fonte de saúde,

poder e iluminação. As religiões antigas e a Maçonaria Moderna não iniciavam em seus mistérios os eunucos ou os seres sexualmente impotentes, porque não poderiam estes ver nem sentir o Fogo Criador em si mesmos, logo não podiam sentir Deus nem se sentirem Deus. Quanto mais viril fosse um homem, mais valor tinha para o bem e maior veneração lhe era prestada.

205 – Os mais antigos registros dos egípcios e dos hindus se referem ao culto da Cruz Fállica como uma religião estabelecida milhares de anos antes da era cristã, que tinha dado lugar ao nascimento do sistema da teologia. Essa religião e as que se lhe sucederem tinham por objetivo o culto das forças criadoras. Os que condenam aquelas velhas religiões se condenam a si mesmos porque manifestavam uma atitude mental suja e impura.

206 – Sempre as lendas nos contam que Deus aparecia ao homem sob a forma de fogo. Fogo é o calor que dá vida, e a alma imortal é puro fogo. Para se obter a Imortalidade Consciente é preciso ver o Fogo Divino no Corpo, do qual o Sol e o fogo material são os símbolos. Osíris morava no Sol como o Criador Onipotente e foi personificado pelos homens.

207 – Da adoração do Fogo Divino dentro do templo-corpo se originou a adoração do Sol como Criador e preservador da humanidade, e do Culto Solar derivaram todas as religiões existentes. Quando o homem contemplou a morte da Natureza durante os meses de frio, devido à ausência do Doador da Vida, que é o Sol, ele lhe dava as boas-vindas e agradecia com alegria e louvores a renovação da vida, quando o Sol, o Pai Onipotente, o Salvador, aparecia novamente no horizonte, com poder e glória.

208 – Deus é a alma do Universo. O Sol é a alma do sistema. A alma é o Sol do homem.

Nascer um filho de uma virgem significa que a virgem foi escolhida para gerar uma criatura humana com propósito sagrado, elevando-a acima das suas irmãs mortais, para receber aqueles Espírito Divino que vem em nome do Senhor. Esta é a concepção

imaculada que dá nascimento a Krishna, salvador hindu, a Buddha, o fundador das maiores religiões do mundo, e a Jesus, o moderno salvador da humanidade, e outros mais.

209 – Também a humanidade adorou Deus em forma feminina, isto é, foi reconhecida a necessidade da união do macho com a fêmea para o cumprimento do sagrado propósito da geração, dando lugar ao culto do princípio feminino. Por tal motivo temos Ísis, Astarte, Vênus, Maia e, por último, Maria. O Espírito, que é considerado positivo ou masculino, é que gera a Matéria (*Mater*), que é o elemento passivo. O Espírito é o gerador, a Matéria é o amor da Natureza e o regenerador. O efeito mágico da mulher, principalmente se virgem, sobre a natureza masculina, por meio das emoções e dos sentimentos, era considerado como o despertador do Fogo Criador. Este esplendor natural era olhado com a mais profunda reverência, porque encerrava a saúde, a iluminação e a superação. Já temos o exemplo de Davi e a jovem moabita na Bíblia.

A terra é encarada como feminina onicriadora e o seu consorte é o Sol; por isso o Sol era Osíris, a terra, Ísis, a mãe, e Hórus, o produto, ou o filho.

210 – Os símbolos mais sagrados das religiões são os que representam o útero da mulher, como, por exemplo, a Arca. Dentro dessa arca ou recinto do templo, somente o sacerdote podia entrar. Era o Santo dos santos, que continha o símbolo divino da vida, sem o qual o homem não viveria senão uma geração. A Arca da lenda de Noé continha todos os elementos da vida. O tabernáculo continha a vara de Aarão, o pote de maná e os Dez Mandamentos, símbolos de salvação por intermédio da mulher. A Arca dos egípcios continha a Cruz Fállica, o ovo e a serpente.

211 – O ovo é um símbolo universal do princípio feminino; era considerado como o germe de todas as coisas e o emblema da regeneração. A Páscoa e os ovos da Páscoa representam o símbolo da reprodução, isto é, a ressurreição.

212 – A lua é passiva e receptiva, era tida como feminina. Era Ísis, a deusa lunar divinizada. Era considerada a esposa virgem do Sol. Representa *yoni* ou linha horizontal da cruz como símbolo do poder criador feminino. A meia-lua é o símbolo da virgindade. A lua

representa o útero, a Porta da Vida. O uso da ferradura é devido ao costume de se colocar a representação do *yoni* (órgão feminino) nas portas dos templos antigos. Este costume foi adotado pelo povo como emblema de felicidade e boa sorte.

213 – O peixe é um símbolo religioso muito antigo consagrado a Ishtar, Vênus e outras divindades femininas. Por um lado, isso se deve à sua fecundidade, e, por outro, porque a sua boca se assemelha à Porta da Vida, Arca da Aliança. Vishnu faz sair da sua boca um grande peixe, ou os seres do mundo.

214 – A lenda de Jonas significa que o ser que se recusa a obedecer à Lei da Regeneração, querendo somente a geração é arrojado à morte e devolvido contra a sua vontade à Regeneração através da Porta da Vida ou Peixe. Este é o significado da mitra do bispo caldeu, a qual tem a forma de cabeça e boca de peixe, ou Porta da Vida.

215 – A serpente é considerada o símbolo do Criador, do elemento masculino. Já explicamos anteriormente o seu significado. Aqui podemos acrescentar: aquele que pode levantar a sua serpente adquire sabedoria, poder, imortalidade, bondade, vida, regeneração, quando ela está levantada sobre a Cruz. Se ela se arrasta é a causa de todo o mal. Assim a conheceram no Egito, na Síria, na Grécia, na Índia, na China, na Escandinávia e na América. A serpente foi adorada em todos os tempos e simbolizou todas as divindades.

216 – A divina paixão no homem é a força onipotente e fonte vital de toda a criação. É o poder atuante do Pai onipotente.

217 – A Serpente ou o Instinto Criador é fonte de todo bem e de todo mal. (Expliquemos de uma vez o mistério: é o símbolo do bem quando está levantada sobre a cruz, isto é, quando esse Instinto Criador ou a Serpente Ígnea ascende para a iluminação do ser, para a procriação, para a regeneração. Vemos esta serpente em todos os templos nesta posição. Mas, quando ela está sobre o ventre, é o mal que ataca o calcanhar do homem, é a serpente do pecado, das práticas degradantes do sexo, a paixão cega, o fogo da luxúria. Este é o mal, “é o demônio”, o opositor de Deus Fogo-Luz Interior...)

218 – Este é o significado da lenda bíblica de Adão e Eva no Paraíso. Adão, não obedecendo ao Divino Fiat e não comendo o fruto da Árvore do conhecimento do bem e do mal, isto é, em lugar de empregar o seu ato para a regeneração, usou-o para a satisfação desenfreada do seu próprio gozo. Esse gozo próprio foi induzido pela serpente ou paixão descontrolada. O abraço sexual ordenado pelo Criador era para cumprir um propósito divino, ato de maior santidade que o homem poderia realizar.

219 – A cruz e a serpente foram sempre os mais fiéis símbolos do Falo. O princípio criador é o Falo Ideal, e o princípio criado, o Cteis formal. A inserção do falo vertical no Cteis horizontal forma o *stauros* dos gnósticos, ou a cruz filosófica dos maçons. É a Âncora da salvação, que tem a forma do T invertido.

220 – A cruz sempre foi usada como símbolo religioso e por todos os povos da Antiguidade. Quando os espanhóis chegaram à América, ficaram atônitos ao verem que os nativos prestaram culto a um salvador crucificado, e que a cruz era o símbolo da salvação e da vida futura. A cruz mais antiga é a tau, ou o T. no início do cristianismo era proibido o uso da cruz.

221 – A cruz sempre representou a divina união sexual, considerando que com esta união chega-se à regeneração, à redenção e à vida eterna, porque o homem obtém e dá, a Imortalidade com esta união.

222 – O homem e a mulher, isolados, são estéreis e impotentes; só por meio da sua união sagrada são capazes de cumprir a Vontade Divina. Esta é a Verdade Absoluta e a Razão pela qual o Supremo Criador formou o homem em dois sexos, em vez de formá-lo num só. Quando ambos se unem para o duplo propósito de gerar e regenerar, pode-se dizer deste matrimônio: “Aquilo que Deus juntou, o homem não separa”.

223 – A mais santa oração e a mais sagrada entre as funções é a Sagrada União Sexual para a geração, e em seguida para a regeneração. Nenhum ato pode ser mais santo

do que o que imita a Deidade. Ser como Deus, obrar como Deus é a base de todas as religiões e da Iniciação. Se não, o que significam estas palavras de Elohim: “Eis aí, o homem se fez um de nós”? Se o homem não elimina do seu coração e da sua mente todos os preconceitos, o hipócrita pudor e a falsa virtude, e se não grava no lugar deles as verdades básicas ensinadas pelo espírito das religiões e na Iniciação, jamais chegará a sentir a verdade e a divindade em si.

224 – Todos os povos têm as suas lendas solares, que consistem na ressurreição da vida. O Sol desaparece (morre como Adônis, Osíris, etc.) entrando nos escuros reinos do firmamento Sul, deixando o mundo frio. Depois de uma curta ausência, durante a qual toda a Natureza chora, reaparece com toda a sua majestade e luz, trazendo à terra a fecundidade e a alegria que lhe faltaram durante o inverno. A terra, a mãe, gera o seu filho e a vida renasce sob o poder vitalizador do Pai Sol. Todo o mundo, a natureza toda é uma simbolização triunfante da Regeneração da Vida; “a alma, que é o Sol do homem, tem de seguir o exemplo da Mãe Natureza; tem de seguir o caminho do Sol, isto é, despertar novamente depois da sua viagem (para mais além), para reviver e desfraldar a sua glória...”

225 – Bem e mal; escuridão e luz; o triunfo do dia sobre a noite, etc. são chaves da religião. O sol do verão está personificado num jovem que é assassinado pelo mal, representado pelo frio, e levado ao mundo inferior (inferno), onde permanece cativo pelo Deus do Inverno, para depois regressar à terra, que se alegra com a sua presença.

226 – O sol é considerado o Salvador Divino, que veio redimir o mundo das trevas. As estrelas matutinas eram os seus heraldos. A noite é um cruel tirano que teme a luz, trata de destruir os portais inferiores ou infantes, extinguindo assim todas as luzes ou infantes do firmamento. Esta é a lenda da matança das crianças quando nasceu Krishna e também quando nasceu Jesus.

227 – Os doze signos do Zodíaco eram os assistentes do Redentor do mundo, o Sol. O duodécimo mês ou signo zodiacal (Judas, O Iscariotes) era um traidor, que o vendeu, causou a sua morte e desceu à morada dos mortos, para depois ressuscitar com glória e

poder. Esta é a vida de cada homem, que, como iniciado, deve seguir a mesma lei da vida. A descida à Matéria, a escuridão do útero materno e demais influências o controlam, porém por fim a sua ressurreição e imortalidade vêm, se seguir o Caminho da Luz.

228 – Todos os redentores nascem de uma virgem e no dia 25 de dezembro, porque nessa data o Sol nasce, passando o solstício de Inverno, quando começa a salvar o mundo com o seu calor.

229 – Todas as religiões têm as suas cerimônias e os seus sacramentos cuja finalidade é preparar o povo, aos poucos, para a compreensão dos mistérios da divindade no sexo. Um dos feitos mais surpreendentes e sagrados é a adoração da Deidade, comendo a sua carne e bebendo o seu sangue sob a forma de pão consagrado (carregado de sagradas invocações) e vinho fermentado, que eram servidos por sacerdotes trajando de branco, e de que participavam os iniciados em Santa Comunhão.

230 – Usar suco de uva ou suco de frutas não-fermentado para os Santos Sacramentos no lugar de vinhos fermentados é arrojado ao pó, aos escravos e débeis a santidade destas cerimônias. Isso traz a decadência das sociedades e igrejas, porque prostitui o mistério divino. O suco de uva sem fermentar representa o homem físico antes da Regeneração. Quando o vinho fermenta converte-se em Espírito – o Espírito da Vida –, Ígneo Cristo. É então tanto físico como espiritualmente, o Espírito Dual.

231 – Simbolicamente, o homem recebe este Espírito Crístico e se salva com ele. O suco fermentado deve ser usado no Sacramento da Eucaristia, ou então se converte em blasfêmia ou numa paródia burlesca, maldita, e traz desunião na Igreja.

232 – A comunhão do “corpo e sangue de Deus” neste rito religioso era um Misterioso Sacramento em todas as partes do mundo antigo, inclusive no continente ocidental muitíssimo antes do Descobrimento da América; os mexicanos e os peruanos o celebravam e o chamavam “a mais santa festa”.



233 – Em muitas tumbas encontrou-se o “Osíris vegetante”; em alguns quadros a múmia de Osíris está coberta de sementes de trigo, e, em outros, a múmia está rodeada de espigas de milho. O *Livro dos Mortos* diz: “Os homens comem a tua carne”. Um papiro mágico reza: “Seja este vinho o sangue de Osíris”. Os mistérios do Osíris são representados pelo cálice e a espiga, o vinho e o pão da Eucaristia. Pois bem, Jesus, na sua ceia, nada mais fazia do que cumprir a Santa Lei dos iniciados, que convertiam o pão e o vinho em corpo e sangue verdadeiros do hierofante que oficiava.

234 – Nos mistérios eleusinos, o pão representa Ceres, deusa do trigo, e o vinho representa Baco, o deus do vinho, que deu o seu sangue aos homens para alimento. O pão e o vinho recebiam culto porque eram considerados como corpo e sangue, ou, na verdade, a substância real do Pai e da Mãe da vida. O vinho representa Ísis, o elemento feminino; o pão, representado em forma redonda, era o símbolo de Osíris, o Pai Sol, princípio masculino. A participação dos dois juntos significa a vida regenerada por vir.

235 – Nos festivais da primavera, homens e mulheres usavam um atavio alegre nos trajés e chapéus; essas festas eram consideradas como festas de ressurreição da vida e do poder gerador da Natureza. O mais surpreendente era que a rainha do céu ou deusa da vida dos antigos teutões e saxões se chamava Páscoa. O mês de abril era dedicado em sua honra. Era costume fazer presentes como ovos coloridos na festa dessa deusa porque o ovo era considerado o emblema sagrado da ressurreição. Há quatro mil anos, os caldeus festejavam a Deusa da Primavera, a Renovadora da Vida, a Rainha do Céu Ishtar, ou melhor, Páscoa Ishtar.

236 – Todas as religiões celebravam a ressurreição de um Deus (regeneração da vida). Rejuvenescimento depois da velhice, após permanecer três dias no túmulo. Astronomicamente, esses três dias são a representação dos três meses do inverno, durante os quais o Sol perde o seu poder, e o mundo carece deste doador da vida. Krishna, Buddha, Zoroastro, Osíris, Mitra, Hórus, Baco, Átis, Quetzalcoatl e todos os salvadores do mundo, depois de terem descido ao mundo inferior, se levantaram no terceiro dia e ascenderam ao céu... Na Iniciação Interna, o iniciado deve descer ao mundo inferior durante os três dias

para cumprir o seu dever de ajudar no mundo submerso, antes de voltar à vida para escolher o ramo de auxílio que deve seguir.

237 – A morte e ressurreição de Adônis (que significa Senhor, Luz Divina; dali vem Adonai) eram celebradas anualmente na primavera pelos assírios, babilônios, fenícios, judeus e outros povos. Todas as profecias referentes a Jesus que fazem menção ao filho de Deus ou redentor, ou àquele que se assentava à direita do Senhor, são simples referências a este Salvador, Tamuz, ou Adônis, e à sua amada Ishtar, que teve diversos nomes como Ashtoreth, Vênus, Astarte e outros, segundo o idioma do país. Pois Tamuz, Adônis, o Deus da Luz, foi tomado pelos povos e o seu culto foi estabelecido como costume religioso. A história do nascimento, morte e ressurreição foi acolhida como símbolo da ressurreição da alma ou redenção da humanidade (como um todo)...

238 – Em resumo: o sexo redime pela geração e a regeneração. Todos os salvadores do mundo são símbolos de Fogo-Luz divino no sexo, simbolizando primitivamente pelo Sol. Atrás disso tudo se encontra o Grande Mistério da Luz Divina e por seu intermédio a imortalização da alma, ou Regeneração do homem enquanto está com vida. Porque se isso não se obtém aqui e agora, não se pode consegui-lo quando a alma passar para o Além.

## A MAÇONARIA – RELIGIÃO, CIÊNCIA E FILOSOFIA

239 – Sabemos e não necessitamos de quem nos diga que a maçonaria, tal como é conhecida hoje em dia, está muito longe da instituição original. Todos os seus trabalhos atuais não são mais do que uma rememoração da Iniciação antiga nos mistérios de Osiris e, também, dos antigos druidas, fazendo dela, como todas as religiões, uma instituição composta e modernizada de tempos em tempos, segundo a exigência das circunstâncias.

240 – Todas as religiões têm por objetivo espiritualizar o homem e fazer dele um super-homem, intelectual e espiritualmente, suprema autoridade do domínio de si mesmo, varrendo a ignorância, o egoísmo e o medo. Chegar a super-homem ou mestre é chegar a defrontar-se com Deus, com o Fogo Sagrado, com a sarça de Horeb, e ouvir a voz interior que lhe grita: “Descalçai vossos pés, porque o solo que pisais é sagrado!”

241 – O mistério do fogo na maçonaria está baseado numa lenda de Hiram Abiff, que relata o Terceiro Grau do mestre maçom.

242 – A lenda deste grau é uma adaptação de um relato simbólico; seu disfarce oculta a Grande Verdade da Iniciação Interna.

A lenda é uma verdade disfarçada, porque a Verdade nua fere os olhos dos débeis, e estes tratam de destruí-la, como sucede com todas as verdades religiosas, que foram descobertas ao público.

A verdade nua envenenou Sócrates, crucificou o Nazareno, queimou Savonarola e assassinou Gandhi.

A lenda do Terceiro Grau é uma verdade oculta. Os homens de boa vontade podem descobrir e descerrar seu véu, chegando à sua compreensão por meio do estudo, da aspiração, respiração e meditação, como temos explicado nos graus anteriores. Sem estes requisitos, ninguém pode chegar a levantar o Véu de Ísis.

A lenda, com sua cerimônia enigmática, estimula primeiro a imaginação, e logo se converte em motivo de visualização, que conduz à intuição, e que nos abre a porta do

Templo da Verdade, isto é, nos dá o poder de descobrir a Verdade para podermos contemplar sua beleza.

243 – O significado da lenda: o motivo da lenda é a construção do templo, para que nele habite o Deus íntimo, e para ele ter sua completa liberdade de manifestação.

O Templo é o corpo dominado, educado e guiado por mandato do Espírito, que são a verdade e a virtude.

O Templo de Salomão é o modelo do corpo humano. O Templo, como o corpo humano, se estende do Oriente ao Ocidente e do Norte ao Sul, o que quer dizer que o homem é unidade indivisível como o Universo. Sua cabeça, que se eleva em direção a mundos superiores, se converte, pela Sabedoria Espiritual, em Salomão, que levanta um templo para glória do Grande Arquiteto do Universo Íntimo.

244 – Hiram – A lenda diz que Salomão (*Sol Man*, ‘o homem solar’), querendo fazer de seu corpo um templo digno para o Deus íntimo ou o Grande Arquiteto Eu Sol, pediu a Hiram, rei de Tiro (a Consciência Elevada, o Sol Elevado porque Hiram significa também Sol), um mestre arquiteto de obra.

Hiram, Rei Consciência, envia e lhe recomenda Hiram Abiff (Mestre Construtor Superconsciência, Sol espiritual no homem). Era filho de uma viúva, isto é, manifestado na Natureza e pela Natureza, como mãe; porém esta mãe nunca teve um marido.

Hiram Abiff, o Sol Pai Interior, é designado como chefe supremo dos obreiros (átomos, células, moléculas), para a construção do templo. Estes obreiros átomos, que impulsionam o homem desde épocas remotas para a formação de seu corpo-templo neste Jerusalém Interno – Cidade da Paz –, tinham diversos graus de capacidade e diferentes talentos individuais. Era, pois, necessário dividi-los segundo suas capacidades (superiores, medianas e inferiores), para poder aproveitar melhor o trabalho de cada obreiro.

Hiram, como sábio, justo e benevolente, os repartiu em três categorias: aprendizes (trabalhadores no mundo inferior do homem, que abrange a parte do estômago para baixo), companheiros (trabalhadores no mundo mediano, na caixa torácica) e mestres (trabalhadores no mundo superior, que é a cabeça). Hiram – a superconsciência – deu a cada um a maneira de se fazer conhecido como tal por meio de signos, toques e palavras

apropriados, isto é, deu-lhes a capacidade de influenciar-se por meio dos sentidos “visão, tato e audição”.

#### 245 – AS DUAS COLUNAS.

Hiram construiu e ergueu no Templo duas grandes colunas (duas pernas) de bronze, ocas. Determinou que os Aprendizes (átomos construtores) recebessem seu salário, isto é, seu bem-estar, na primeira coluna (Passiva e Esquerda), os Companheiros, na segunda (Positiva e Direita) e os Mestres, isto é, os átomos superiores do cérebro e da cabeça, na “câmara do meio”, o mundo interno e lugar secreto, que se encontra por dentro e acima dos dois.

Cada classe de obreiro, para poder receber seu salário, se fazia conhecer pelo esforço e trabalho que havia dedicado à Obra.

#### 246 – O TRABALHO INTERNO.

O trabalho foi dirigido e executado com sabedoria, ordem e exatidão, segundo as instruções recebidas da Consciência da Realidade ou Superconsciência, e a obra avançou em progresso e elevação rapidamente.

Apesar do número de obreiros, que entre todos eram mais de oitenta mil, e de ser feito todo gênero de obra, não se ouvia nenhum ruído de instrumento de metal (pelo fato de o Templo-Corpo não ter sido construído com instrumento e por mão de homens). É o silêncio e a quietude no mundo interno, origem de toda obra espiritual.

#### 247 – O TEMPLO DA INICIAÇÃO.

Durante os sete anos e mais, tempo necessário para a completa Iniciação Interna, para poder construir o digno Templo de Deus (porque a cada sete anos o corpo físico se desfaz totalmente de seus átomos e células antigas formados pelo desejo inferior, à força de martelar e trabalhar por meio de novas aspirações, respirações e pensamentos), durante essa construção, não houve chuva (isto é, nenhuma idéia, palavra ou obra negativa pôde impedir o desenvolvimento interior), porque o templo estava constantemente coberto.

Igualmente reinaram a paz e a prosperidade durante a construção do Templo, porque o iniciado se separa de tudo o que pode perturbar seu espírito por meio da compreensão e da força de vontade.

#### 248 – OS TRÊS MESTRES.

Salomão pediu a ajuda de Hiram, rei de Tiro; este o ajuda enviando-lhe Hiram Abiff, o Arquiteto. Os três foram Mestres da Obra e representam a sabedoria, a força e a beleza.

Assim também o corpo humano, que é o templo de Deus, tem dentro de si a Trindade Divina, que são poder (pai), o saber (filho) e a vida em movimento (o Espírito Santo).

#### 249 – O CRIME.

Este corpo-templo, maravilha das idades, foi construído e dirigido pelo poder, pelo saber e pela beleza. Apesar disso, no mundo inferior do homem existem sempre certos defeitos e vícios que o induzem a cometer barbaridades inauditas e indignas; estes defeitos são a ignorância, o medo e a ambição. A ignorância é um defeito que faz o homem crer que sabe, não desejando aprender nada; o medo elimina a fé do coração do homem em seu Deus íntimo e em seus guias, e a ambição é filha do egoísmo, que exige tudo para si, sem merecimento.

Pois bem, três obreiros da classe dos companheiros, julgando-se merecedores e dignos de serem mestres, e querendo conseguir isso pela força, como acontece com todos os ignorantes, tramaram uma conspiração para se apoderarem, pela violência, da Palavra Sagrada, e de serem reconhecidos como Mestres. Esta trindade de vícios – ignorância, medo e ambição – no homem quer sempre obter o que não merece do mundo espiritual e material.

Estes três vícios malvados e companheiros do homem, que ameaçam todas as conquistas e esforços espirituais, trataram de conquistar a complacência de outros vícios e companheiros dentro do homem, lograram convencer outros nove companheiros mestres, mas estes, no último momento, desistiram, porque foram perturbados pelo remorso.

Os três cúmplices ficaram sozinhos, e, urdindo o crime, resolveram obter a Palavra pela força, do mesmo Hiram (o homem inferior quer sempre obrigar seu Íntimo a outorgar-lhe todos os poderes divinos, pela força, e sem merecimento).

Os três aguardaram Hiram, a quem, por sua bondade, esperavam intimidar.

Escolheram o meio-dia como a hora mais propícia, pois a essa hora Hiram costumava visitar e revisar o trabalho, e elevar suas preces enquanto os demais descansavam. Os três se dirigiram para as três portas do Templo, que naquele momento já estavam desertas, porque todos os obreiros já haviam saído para descansar.

Quando Hiram terminou sua prece e quis atravessar a porta do sul, o companheiro ali postado o ameaçou com sua régua de vinte e quatro polegadas, pedindo-lhe a Palavra e o Sinal de Mestre. Todavia, o Mestre respondeu-lhe: “Trabalha, e serás recompensado!”

Vendo a inutilidade de seus esforços, o companheiro ignorante o golpeou fortemente com a régua (que representa o dia de vinte e quatro horas, mas que nunca foram aproveitadas, porque a ignorância sempre tenta obstaculizar a obra divina interna). E, havendo o Mestre levantado o braço direito para deter o golpe vibrado sobre sua garganta, seu ombro direito foi atingido, paralisando o braço (positivo).

O Mestre dirigiu-se, então, até a porta do Ocidente, e, ali, o segundo companheiro lhe exigiu, como o primeiro, A Palavra e o Sinal de Mestre, recebendo a mesma resposta: “Trabalha, e obterás”.

Então este companheiro deu-lhe um forte golpe no peito com o esquadro de ferro. Meio aturdido, Hiram dirigiu-se até a porta do Oriente. Nesta porta o terceiro o esperava. Era o pior intencionado dos três, o egoísmo, que, recebendo a mesma negativa do Mestre, deu-lhe um golpe mortal sobre a fronte, com o malhete que havia levado consigo.

Quando os três se encontraram novamente, comprovaram que nenhum possuía o Sinal nem a Palavra; horrorizaram-se pelo crime inútil e não tiveram outro pensamento senão o de ocultá-lo e fazer desaparecer seus vestígios. E, assim, de noite, levaram a vítima em direção ao Ocidente e a esconderam no cume de uma colina, perto do local da construção.

(O simbolismo ou a lenda nos ensina que o Mestre Interno, que está trabalhando sempre pelo bem do homem, pelo seu progresso espiritual e anímico, é atacado pelos três defeitos, em princípio, eram qualidades ou caracteres necessários ao homem. O desejo de

progredir se converteu, por meio do intelecto, em ambição egoísta; o amor desenfreado a si próprio tornou-se fanatismo estúpido, e, por sua ambição e ignorância fanática, o homem perdeu sua fé e o Medo se apoderou dele).

Estes três grandes vícios matam o homem, o Eu Superior na parte Oriental; a Personalidade na Ocidental; e, na parte Sul, o Intelecto. Em outras palavras: o Mestre Interno, Eu Superior, que é a Consciência; a Personalidade ou o Eu Individual, que é a Vontade, e o Intelecto ou Inteligência, representados, respectivamente, pelos membros feridos: peito, braço e cabeça.

#### 250 – A BUSCA.

Quando Hiram, o Eu Superior, não apareceu no lugar do trabalho, todos ficaram perplexos, pressagiando uma desgraça.

Terminou o dia, e o Arquiteto não apareceu; então, os nove companheiros, que haviam se oposto à empresa dos três malvados, decidiram revelar aos Mestres o ocorrido. Foram conduzidos à presença de Salomão, que, depois de ter escutado o relato dos três mestres e dos nove companheiros, ordenou aos primeiros que formassem três grupos, cada um deles unindo-se com seus companheiros para esquadrihar os territórios e regiões do Oriente, do Ocidente e do Meio-dia, em busca do Grande Mestre e Arquiteto Hiram Abiff, e dos três companheiros da Palavra Perdida, a qual nem mesmo Salomão conhecia, e que havia se perdido com o desaparecimento de Hiram.

Durante três dias o procuraram, inutilmente; porém, na manhã do quarto dia, um dos grupos que se dirigia para o Ocidente achava-se sobre as montanhas do Líbano a fim de encontrar um lugar onde pudesse passar a noite; ouviu então vozes humanas numa caverna. Eram os três companheiros assassinos. Estes viram os visitantes fazer os sinais do castigo, sinais que foram adotados depois para os três graus, como meio de reconhecimento.

Os três delinquentes escaparam por outra saída da caverna, e ninguém depois conseguiu encontrar seus rastros.

Quando regressavam a Jerusalém, na noite do sexto dia (já perto da cidade), um dos três viajantes se deixou cair, extenuado, sobre um montículo. Observou, então, que a terra havia sido recentemente removida, e que dela emanava o odor putrefato dos cadáveres.



Começando a escavar, chegaram a apalpar o corpo mas, como estava escuro, não se atreveram a continuar suas pesquisas. Recobriram então o cadáver e colocaram sobre o montículo um ramo de acácia, espécie de árvore comum, cujas flores e folhas são sempiternas. No dia seguinte, relataram seu descobrimento a Salomão; este fez o Sinal e pronunciou a palavra, que depois foram usados como sinais de socorro. Em seguida encarregou os nove mestres de verificar se se tratava do Grande Mestre Hiram, e de buscar nele os sinais de reconhecimento, os quais ficaram fixados pelas palavras que foram pronunciadas no momento em que o corpo foi levantado da sepultura.

Assim procederam e, ao verem a fronte ensangüentada, coberta por um avental, e sobre o peito a insígnia do grau, fizeram o Sinal de Horror, que ficou sendo o sinal de reconhecimento entre os maçons.

#### 251 – O SIGNIFICADO DA LENDA.

Como todas as lendas e fábulas escolhidas para transmitir uma verdade às gerações posteriores, seu significado é múltiplo.

Contudo, o único que importa ao Mestre Maçon é o significado interno e pessoal, ou individual.

Hiram é o Sol, é o Eu Superior, é o Espírito Divino dentro do corpo do homem, é o Ideal de todo ser que vem a este mundo. Enfim, é o homem. Este homem-Deus se encontra, continuamente, devido à sua mente objetiva, ameaçado pela Ignorância, pelo Fanatismo e pela Ambição, que o dominam e impedem seu progresso. Todavia, o homem nasce, e está obrigado a construir e dirigir o Templo da Vida, e a fazer dele o Templo de Deus Vivo, ou a levá-lo para a glória do Grande Arquiteto do Universo, expressando, em sua obra, sabedoria, poder e amor.

Porém, nossas baixas tendências e paixões estão sempre na expectativa, e matam, dentro de nós, a voz da consciência, a Voz do Íntimo, nosso único guia, e, assim, verifica-se em nós a simbólica “morte de Hiram” ou o adormecimento do Eu Superior, cujo Ideal Elevado dirige nossa vida a um fim superior.

Quando nos entregamos às nossas paixões, nossos trabalhos de adiantamento ficam suspensos devido à perda do guia ou do Eu Superior.

252 – Cada homem tem doze faculdades do Espírito, como vimos em estudos anteriores; porém, a cada faculdade se contrapõe um vício inimigo, filho de sua ignorância e medo. Esses doze companheiros, que vivem dentro do homem e que o acompanham a toda parte, são os que trabalham a cada instante para a sua perdição! Estas paixões ignóbeis lançam véus sobre o seu ideal, o qual se queda morto e sepultado: é o espírito latente na matéria.

Assim vemos que a Ignorância quer ocupar o posto da Verdade, o Fanatismo quer exigir que se lhe tributem todas as honras, e a Ambição quer usurpar toda a autoridade de Hiram – o princípio da luz. Estes três inimigos do homem querem se apoderar da Palavra de Poder, que outorga toda potestade, a qual somente é alcançada pela evolução e esforço individual, e não pela força; esta Palavra de Poder foi denominada a Luz Mestra que ilumina o mundo.

253 – Não há morte nem perda temporal que não sirva ou seja motivo para um novo nascimento. Não se pode destruir o que é eterno e mortal, senão, unicamente, oferecer-lhe a oportunidade de renascer numa nova forma, mais luminosa, como nasce o Espírito em sua Iniciação na Verdade e Virtude.

O Eu Superior nunca pode morrer, quaisquer que sejam os golpes que os erros possam desferir; somente danificam a sua forma exterior.

Já dissemos que os três assassinos são a Ignorância, que converte a atividade em Fanatismo, e a Ambição, sobrevivendo o drama cósmico da Involução. Porém, o Eu Superior, no homem, com o poder da vontade pode dominar os três companheiros-vícios, por meio dos três Mestres que foram em busca de Hiram, que são o Saber, a Fé e o Amor. Estes três atributos superiores conseguem encontrar, despertar e levantar essa Luz Interior, para que ela afirme seu domínio sobre a matéria e a ilumine, pois a Evolução segue a Involução.

254 – O franco-maçom ou filho da luz é o Grande Mestre Hiram Abiff; é também a representação do Sol, que percorre seus doze signos do Zodíaco, e que interpreta a lenda maçônica ou o drama místico. No equinócio da primavera, o Sol deixa o feminino, dócil e aquoso signo de Peixes, para entrar no belicoso, marcial, enérgico e ígneo signo de Áries, o Carneiro ou Cordeiro, onde exalta seu poderio. Os três meses de inverno são os três

companheiros que mataram e sepultaram o Sol nas trevas e no frio; porém, os nove meses ou nove mestres foram exaltá-los, para que brilhasse novamente na vida da matéria.

Os três inimigos do homem escondem o princípio iluminador “debaixo dos escombros do templo-corpo” para sepultá-lo na noite do esquecimento, escondendo-o no Ocidente, isto é, na parte inferior de nossa personalidade, ou com o Inimigo Secreto, que é criação do homem elaborada na parte inferior e baixa do corpo, onde residem os átomos densos, grosseiros e pesados. Ali é necessário descobri-los, para que sejam definitivamente afastados de dentro de nós. É onde o princípio iluminado se acha sepultado, porém não morto.

255 – Depois desta limpeza podemos encontrar o Deus Íntimo, com as doze faculdades do Espírito (representadas pelos três Mestres, que foram buscar os assassinos, e os nove companheiros, que ajudaram a levantar Hiram), e, assim, a ressurreição será efetiva.

Os três primeiros Mestres são: a fé, a esperança e o amor, e os nove restantes são: a percepção, o conhecimento, a associação, o juízo, o altruísmo, a memória, a vontade, a ordem e o acerto.

A palavra sagrada e perdida com a morte simbólica de Hiram Abiff não a possuíam nem Salomão nem Hiram, o rei de Tiro. Temos afirmado que a palavra do primeiro grau é fé; a do segundo é esperança, e a do terceiro deve ser caridade ou amor.

Os dois primeiros mestres, que simbolizam a fé e a esperança, não puderam encontrar o cadáver do Mestre; somente o terceiro, que é o amor, pôde achá-lo. As duas primeiras faculdades não têm o poder nem o impulso da terceira, a caridade, que, sozinha, pode realizar milagres.

Devemos vencer todo egoísmo, para podermos empregar a força onipotente do amor. O amor nunca pode conviver com o egoísmo, porque este trata sempre de matar em nós a fé e a esperança.

Então, a palavra sagrada é a essência da fé, da esperança e do amor.

256 – RESUMO DA LENDA.

O templo é o corpo do homem.

A construção do Templo é a evolução e a elevação de esforços para um fim superior, através do conhecimento da Verdade e da prática da virtude.

O Templo de Salomão é o símbolo do corpo físico, Jerusalém (cidade-paz) é o mundo interno.

Os quatro pontos cardeais do Templo, no corpo, são: a cabeça, que corresponde ao Oriente; e o baixo-ventre, ao Ocidente; o lado direito, ao Sul; e o esquerdo, ao Norte.

Os construtores do Templo são os átomos construtores no corpo físico.

Os três diretores do Templo são: Salomão, que representa o Saber; Hiram, rei de Tiro, o Poder; e Hiram Abiff, o Fazer. Os três representam, ainda, a fé, a esperança e a caridade. Fogo, luz, magnetismo.

Os obreiros tinham três graus e se dividiam em três categorias. Os Aprendizes trabalhavam na parte inferior do corpo, o ventre; os Companheiros na parte média, o tórax; e os Mestres, na parte superior, a cabeça.

257 – As duas colunas do Templo são os dois pólos, passivo e positivo, representados pelas pernas esquerda e direita.

A câmara do meio é o “Lugar Secreto”, ou o Mundo Interno do homem no coração ou peito.

Cada categoria recebia seu salário de acordo com o seu trabalho e a sua palavra sagrada. Os Aprendizes recebiam-no segundo a sua fé. Os Companheiros, segundo a sua esperança, e os Mestres, segundo o seu amor.

Apesar do grande número de obreiros dentro desse Templo, todos trabalhavam silenciosamente, na Obra do Grande Arquiteto, e não se ouve nenhum ruído, porque esse Templo não foi nem é construído por mãos humanas, nem por instrumentos materiais e metálicos.

Sete anos durou a construção do Templo, porque o resultado da Genuína e Verdadeira Iniciação se obtém depois de sete anos, os quais são necessários para a limpeza dos átomos inferiores, para dar lugar aos átomos superiores.

Hiram Abiff, o “filho da viúva”, é o Espírito, Chispa Divina no sexo, que nasce e se manifesta na Matéria ou *mater* – mãe, sem a vontade da carne. É a mãe sempre virgem, porque o “Eu Sou” entra e sai dela, e ela continua sempre virgem.

O lugar escolhido para a construção foi o monte Mória. Nome muito significativo para os maçons e ocultistas por sua relação com o Grande Mestre Mória.

258 – Ao aproximar-se o momento do triunfo final, acometem ao iniciado as três tentações no deserto da matéria, que são a Ignorância, o Fanatismo e a Ambição, ou os três companheiros que querem obter o salário de Mestre.

Cada defeito estava armado com um instrumento. A Ignorância atacou o lado direito – projetor do poder positivo – com uma régua de vinte e quatro polegadas, que representa o dia de vinte e quatro horas, e, ferindo a mão de Hiram, inutilizou a obra, ou o instrumento da obra, que é a mão.

O Fanatismo golpeou o coração com o esquadro, que é o símbolo do homem inferior, dominado pelo seu fanatismo; o esquadro é a forma material, é o conhecimento intelectual que é necessário ao homem, porém este, na maioria das vezes, se esquece do compasso, que representa a Intuição Divina. Ao golpear o coração, mata nele a tolerância e o amor.

A Ambição golpeou-lhe a cabeça com o martelo, representando neste ato a vontade mal dirigida e mal dominada.

Uma vez morta a Consciência, os três tratam de relegar o fato ao esquecimento, “sepultando o corpo do Mestre”.

Mas as doze faculdades do Espírito, ou os doze Mestres, começam a busca. Os três primeiros, a Fé, a Esperança e a Caridade, eliminam do corpo os três vícios, e os outros nove exaltam a Luz Interior, sepultada.

259 – Esta lenda é um fato da Natureza.

Cumpriram esta lenda, e a cumprirão sempre, todos os Mestres e Salvadores da Humanidade, como Hércules, Osíris, Mitra, Tamuz, Sansão, Krishna e Jesus, porque a lenda foi extraída do Drama Solar, que se repete a cada ano na Natureza, e todo Mestre deve imitar em sua vida o sucesso macrocósmico.

260 – “Descalçai vossos pés, porque o solo que pisais é sagrado!”

Antigamente, o neófito, ao se aproximar para receber a Iniciação no Templo, tinha de descalçar os pés. Os maçons fazem descalçar somente um. Não devia trazer mais do que roupas leves (brancas). No Colégio dos Magos usará apenas uma túnica branca sobre o corpo nu e um avental que lhe cobre os órgãos sexuais debaixo da túnica. Para passar por essa cerimônia, deve ter sido submetido a um longo treinamento de jejum e purificação, não só do corpo, como também da mente (dessa maneira, o homem se volta ao seu Criador, tal como dele saiu, ou seja, limpo e puro).

261 – O corpo é o Templo de Deus Vivo. Deus pode se manifestar neste corpo por meio da alma, que é fogo e luz no sexo, sempre na sua presença. O templo material onde se celebrava a Iniciação representa o corpo-templo de Eu Sou Aquele. As cerimônias são evocações que ajudam a encontrar o Fogo Sagrado e a Luz Interior. Foi isso que Jesus quis dizer: “O reino de Deus está dentro de vós... Vós sois o templo do Espírito Santo...”

262 – O Filho Pródigo é o ser que abandonou o seu templo interno e se afastou da Luz, e, tendo vagado devido à obscuridade, em impotência e ignorância, torna-se cego. O neófito, decepcionado e cheio de sofrimento, lembra-se de que na mesa de seu pai caem tantas migalhas, mais que suficientes para a nutrição de muitas pessoas. Volta, então, e bate à porta do Templo de Deus Vivo, em busca do novo nascimento. Por esse motivo o neófito entra na Loja com os olhos vendados, caminha em trevas e pede com fervor que lhe tirem a venda, a qual oculta aos seus olhos não-iniciados a Divina Verdade. Quem busca a verdadeira Luz Interior tem de se despir inteiramente de todas as idéias preconcebidas e regressar criança (neófito) ao Reino Interno, nu como ao nascer. E, quando vê a luz divina dentro de si e sente de onde vêm sua natureza e sua fonte, realiza-se o segundo nascimento, ou o nascimento do Cristo no coração (presépio humano).

263 – Escreve João, o apóstolo: “Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus...”

“Amados, agora (que já estamos iniciados) somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é o veremos.” (1. João 3: 1, 2). Jesus e, depois dele,

seus discípulos achavam que a palavra “Pai” era a mais adequada para designar “a fonte divina do amor que é Deus”.

264 – A construção do Templo de Salomão é um símbolo, pois cada neófito tem de se dedicar à construção do Templo de Deus Vivo, que é o seu corpo. É este o significado do Templo de Salomão, Templo do Sol, Templo da Alma, do Eu Sou. Este templo deve ser muito puro e digno daquele que o habita, porque aí deve ser o lugar onde Deus será adorado em espírito e verdade.

265 – Cada povo deve ter o seu livro, disse Maomé. O povo ocidental tem a Bíblia. Tomada como história, a Bíblia é um livro infantil, pois, tal como está traduzida do original grego e da linguagem bastarda hebraica, está cheia de erros contra a ciência, a lógica e até contra a fé racional. Mas, apesar de tudo, os ocidentais, até hoje, atribuem-lhe a santidade, e o livro por isso continuará sagrado, pela fé que nele se tem. È o volume que contém a Lei Sagrada. Para os maçons, a Bíblia é o Livro da Luz, e todo candidato (que se presume seja cristão) deverá seguir o caminho traçado pela Bíblia para alcançar a Iluminação. (Ler as obras do mesmo autor: *Esta é a Maçonaria*, em vários volumes, e *El Génesis Reconstituído*.)

266 – O círculo usado pelos maçons e demais escolas e religiões expressa a Eternidade, Deus que não tem princípio nem fim.

Ao Pai que é luz, alma e vida do mundo. Ao Sol, como símbolo exterior do Deus Verdadeiro. A Eu Sou, que é Luz no homem. Assim se pode sentir o que disse Hermes: “Assim como é em cima, assim é embaixo”.

267 – A maçonaria é, hoje, um reflexo dos antigos mistérios, e é baseada na trindade, cujo símbolo é o triângulo.

268 – O silêncio era a primeira condição importante para o neófito. Era uma condição primordial para a Iniciação nos mistérios.

269 – O juramento e os pactos eram cumpridos com a ajuda da mão direita, porque é a que representa a positividade e o emblema da fidelidade. Isso significa a saudação com a mão direita. A Deusa Fidas ou Fidelidade é, às vezes, representada com duas mãos direitas.

270 – Nos mistérios antigos, empregava-se a espada desembainhada, colocada sobre a garganta, para a confirmação de um juramento, invocando-se, nessa posição, o céu, a terra e o mar. A maçonaria herdou a espada dos druidas e de outras religiões.

271 – Tirar a venda dos olhos ao neófito, para que veja a Luz, é o símbolo da Iluminação. É o fim da viagem mística pela obscuridade da ignorância; é o triunfo da Luz sobre as trevas. O ritual de recepção na maçonaria é equivalente ao dos antigos mistérios, o qual era chamado a autópsia ou as provas dos quatro batismo, para que o último, o do Fogo-Luz queime todas as escórias e ilumine na obscuridade.

A maçonaria tem vários graus, como a verdadeira Iniciação, que era recebida gradualmente.

272 – Ninguém pode chegar à Iniciação e receber os mistérios antes de ver e sentir a chama do Fogo Sagrado em si mesmo, porque “Onde não há Luz não há Alma e, por conseguinte, não há imortalidade”.

273 – O último grau da Iniciação antiga consiste na entrega da Palavra Perdida...

274 – Hiram e Osíris se identificam; o significado de ambos os dramas é o mesmo. Se o homem não é um homem completo e não tem fogo sexual, não pode gerar; se não gera, não pode regenerar-se nem regenerar. A regeneração não pode ser efetuada sem a existência do fogo viril no corpo que deve ser aceso e sacrificado sobre o altar do Íntimo, onde se transforma em chama divina.

275 – A chama é a alma consciente do homem. Por ocasião da morte do corpo esta chama se liberta, de maneira que, com a morte de Hiram e, de Osíris, a Palavra Perdida não



estava sobre o corpo do Mestre Hiram, nem o Falo no corpo de Osíris. Então a Palavra Perdida tem relação íntima com o Fogo-Luz e o Falo. Porque sem o Falo o homem não pode ser criador, pois para ele a regeneração é impossível, por ser impossível a perfeição.

276 – Os mistérios de Osíris formavam o exaltado Terceiro Grau; o Deus era substituído pelo candidato, assim como o é Hiram na Iniciação maçônica. Na religião solar, o Sol é Deus Pai; a Lua é Ísis, a Mãe; e Tífon é o Inverno. Os três malditos assassinos são os três meses de Inverno. Sol, Krishna, Osíris, Jesus e os demais salvadores assassinados ressuscitarão entre os mortos. Quando o Deus Sol Fogo-Luz começa a esparramar os seus raios cheios de força ativa e prolífica, tem lugar a ressurreição, comunicando a vida a todos os corpos na Natureza. Ao morrer, o Sol perde o falo, ou a energia vivificadora de todo ser, em sua esposa, a Natureza (Ísis).

277 – Ísis, esposa e mãe, chora a morte de Osíris. Cibele deplora a mutilação de Átis. Ashtoreth chora a morte de Adônis, que foi ferido por um javali em suas partes viris. Osíris perdeu o falo, que, a princípio, dificultou a sua ressurreição. Logo, o Fogo-Luz do Sol é o falo fecundante da Natureza, que está prenhe durante o inverno, a primavera e o verão, e dá o fruto, o filho, no outono. O Sol era o Pai, e foi chamado Osíris, Krishna, Hiram etc.; e a Natureza era a mãe, segundo os mistérios, os quais lhe deram os nomes de Ísis, Vênus, Ashtoreth, Maria etc.

278 – Quando o Sol chega ao equinócio do outono, os seus raios começam a desvanecer-se e, com isso, os seus poderes prolíficos. Então, o Sol morre; Osíris é assassinado; Krishna, traspassado por uma seta; Adônis, ferido; Átis, mutilado; Jesus, crucificado, etc.

## A RELIGIÃO VÉDICA

279 – “O céu é meu Pai, a Terra é minha Mãe. O Pai fecunda as entranhas daquela que é esposa e filha”, cantava o poeta e sacerdote védico, há cinco mil anos, diante do altar do fogo.

280 – Ram, depois de triunfar sobre a tirania da mulher e sacerdotisa druida que governava naqueles tempos (ver *Cosmogénesis*, do Dr. Adoum), teve uma visão: viu um ser celeste, cujo corpo resplandecia como um sol, e se sentiu num templo aberto de imensas colunas. Em vez da pedra do sacrifício, ali se erguia um altar, junto ao qual estava um guerreiro que tinha na mão direita um archote e, na esquerda, um cálice. Sorrindo, disse a Ram: “Estou contente contigo, Ram. Vês este archote? É o fogo Sagrado do Espírito Divino. Vês este cálice? É o Cálice do Amor e da Vida. Dá o archote ao homem e o cálice à mulher”... “E, quando o homem teve nas mãos o archote e a mulher o cálice os dois se acenderam por si mesmos sobre o altar e ambos transfigurados, resplandeceram como o esposo e a esposa divinos. Ao mesmo tempo, as colunas do templo se elevaram em direção ao céu e a abóbada se perdeu no firmamento. O ser celeste, antes de se afastar de Ram, apontou na direção do Oriente”.

281 – Desde então Ram deixou de guerrear com as tribos da Europa, decidiu levar o melhor de seu povo para o centro da Ásia e anunciou aos seus que ia instituir o culto do Fogo Sagrado e que faria a felicidade dos homens. Aboliu para sempre os sacrifícios humanos, aboliu as invocações aos antepassados, cujas práticas pertenciam às sacerdotisas sanguinárias (ver *Cosmogénesis*, do Dr. Adoum) e instruiu que o matrimônio devia ser *um hino de adoração junto ao fogo que purifica*.

282 – O fogo invisível do altar era o símbolo do fogo celeste invisível. Depois escolheu o melhor de sua raça e saiu da Europa em busca de novas terras, onde pudesse instituir uma lei e um culto ao fogo criador. O Touro era a divisa do povo cita, inimigo de Ram, e este tinha por divisa o Carneiro.

283 – Por fim, Ram emigrou com a juventude do povo que lhe era afeto e, em formidável caravana, dirigiu-se para o centro da Ásia. Ao longo do Cáucaso dominou os negros e esculpiu em cada rocha a cabeça de um carneiro. A Providência ajudou Ram, que ditou para o seu povo a lei social como uma expressão da Lei Divina, que foi como uma luz para os conquistadores turânios. Ram fundou a cidade de Ver, ensinou a semear a terra e a plantar as vinhas. Criou as castas segundo as profissões e dividiu o povo em sacerdotes, guerreiros, agricultores e artífices. Combateu a escravidão e o assassinio, afirmando que a escravidão do homem pelo homem era a fonte de todos os males.

284 – Até então o homem considerava a mulher como escrava ou como sacerdotisa. Esta última era uma maga fascinadora e terrível, cujos oráculos tinham os mais nefastos poderes. Era poliandra e sacrificava os maridos degolando-os sobre o altar de sangue, com o pretexto de enviá-los como seus mensageiros para o outro mundo. Ram transformou a mulher em sacerdotisa do lar, depositária do Fogo Sagrado, igual ao marido, e, juntos, invocaram o Fogo Divino Criador.

285 – Ram estabeleceu, para a alegria de seu povo, quatro festas: a da primavera era dedicada ao amor conjugal; a do verão, à juventude, que oferecia o pão do sacrifício como fruto recolhido de seu próprio trabalho; no outono, celebrava-se a festa dos Pais e Mães, que distribuíam presentes aos filhos; a festa maior e mais sagrada era a do Natal: celebravam-na com fogueiras e cânticos, para festejar o renascimento do ano terrestre e solar, a germinação da vida no coração, e invocavam o Sol Menino, gestação triunfal pela Noite Mãe.

286 – Ram consagrou a festa mais misteriosa do Natal, ou das grades sementeiras, aos recém-nascidos, aos frutos do amor concebidos durante a primavera e às almas dos antepassados mortos, formando assim uma ponte de conjunção entre o visível e o invisível. Esta solenidade era como um adeus às almas desaparecidas e uma saudação mística àquelas que voltam a encarnar-se nas mães e a renascer nos filhos.

287 – Este povo é chamado ário, ou filho do Sol; celebrava com fogueiras aquela festa do renascimento do ano e, assim, como diz Zoroastro: “Rama é o chefe do povo e o mais afortunado monarca”. Valmíki, poeta hindu, canta em seus versos: “Rama, o dos olhos azuis, era Mestre do mundo, Senhor de sua alma e do amor dos homens; era o pai-mãe de seus súditos. Ele soube dar a todos os seres a cadeia do amor”.

288 – O Irã, o Himalaia e a Índia; brancos, amarelos e negros, todos foram súditos de Ram, diz o *Zend-Avesta*. Como iniciado, a tradição o representa fazendo brotar fontes de água no deserto. Com maná alimentou e, com uma planta chamada hom ou amomos, curou uma epidemia. Os sacerdotes da magia negra, ou do culto inferior, foram dominados pela Magia Superior de Ram ou Rama. Os milagres de Rama são muito numerosos para que possam ser citados aqui. Seu olhar dominava os leões e as serpentes. Por fim conquistou o Ceilão, último refúgio de um mago negro chamado Ravana, fazendo chover sobre ele granizo de fogo.

289 – A religião que Ram deixou para seu povo é a religião védica, que significa “saber” ou “gnóstica”. Os livros sagrados são os Vedas e têm um tríplice valor:

1.º) Os hinos fulgurantes que cristalizam a doutrina secreta das religiões arianas. A religião védica possui uma profunda sabedoria do Naturalismo e do Espiritualismo e se pratica do seguinte modo: ao romper da aurora, o pai da família está de pé ante o altar feito de terra, sobre o qual flameja o fogo em dois pedaços de madeira. (Em forma de cruz?) O pai é ao mesmo tempo sacerdote e rei do sacrifício. Quando surge a aurora “como uma mulher que sai do banho”, o chefe pronuncia uma invocação à aurora, ao Sol e aos espíritos da vida. A mãe, com os filhos que assistem o ofício, derrama o licor fermentado do soma sobre o Ágni-Fogo.

2.º) A religião dos Vedas considera que a matéria é um véu transparente e que por trás dela se movem as forças divinas. Estas forças são o objeto da invocação, da adoração e da personificação, porém sem serem joguete das metáforas.

3.º) O sol é a potência criadora da vida, mas, além dele, existe um poder Onicriador, que move todos os sistemas planetários do Universo. “O Sol é seu olho, os céus são seus sentidos; foi ele que edificou o céu e a terra. Ele construiu tudo e conserva tudo. Sabe tudo

e vê tudo, das alturas do céu, onde reside num palácio de mil portas: distingue tudo e julga os atos dos homens; é misericordioso com o homem que se arrepende, e castiga o culpado. O Fogo Divino é o agente cósmico”. Não é somente o fogo terrestre, tampouco é o relâmpago ou o Sol; sua verdadeira pátria é o céu invisível místico, morada da Luz Eterna. Desta Luz emanam os primeiros princípios de todas as coisas. Suas fontes são infinitas: brota do pedaço de madeira, onde dorme como o embrião na matriz, do mesmo modo que nasce como “Filho das ondas” ou como o estampido do trovão. É o primogênito dos deuses; pontifica no céu e na terra e oficia no Sol.

290 – Soma é semelhante ao fogo. É o suco fermentado de uma planta e é derramado no sacrifício em libações aos deuses. Tem, como o Ágni, uma existência mística e misteriosa. (*Livro dos Vedas*)

291 – O Falcão é o símbolo do relâmpago ou do próprio Fogo que, quando baixa sobre os homens, os torna imortais; alimenta, penetra nas plantas, vivifica o sêmen dos animais, inspira o artista e transporta à oração. “Vishnu e Ágni, um par inseparável, que ascendeu ao Sol e às estrelas”.

292 – Ágni-Fogo e Soma são os dois princípios essenciais do Universo. Ágni é o Eterno Masculino, Espírito puro; Soma é o Eterno Feminino, a alma do mundo, a substância etérea, matriz de todo o visível e invisível; é a Natureza ou a matéria sutil em suas infinitas formações. A união perfeita destes dois seres constitui a essência de Deus. Os Vedas fazem do ato cosmogênico um sacrifício perpétuo. Esse Ser Supremo se sacrifica para produzir tudo o que existe. Divide-se para sair da Unidade. Este sacrifício é o ponto vital de todas as funções da Natureza. (*Livro dos Vedas*)

293 – Esta crença deu origem à doutrina da queda, “no paraíso” da redenção das almas, que foi atribuída a Hermes e Orfeu. Dela se originou a doutrina sobre o Verbo Divino, proclamada por Krishna e completada depois por Jesus.

294 – O sacrifício ao fogo “e do fogo”, a oração, a invocação e todas as cerimônias que acompanham o sacrifício vêm sendo praticados até os nossos dias por todas as religiões do mundo. O sacerdote védico e o bramânico têm a crença de que os senhores invisíveis e as almas dos antepassados assistem durante o sacrifício pelo fogo, acompanhado com cânticos e orações.

“O homem, segundo os Vedas, tem uma parte imortal, que é o Fogo. É a alma que vai com ele e que volta com ele”. Esta é, em poucas palavras, a doutrina da reencarnação, crença fundamental do bramanismo, do budismo, dos osirianos, dos órficos, dos pitagóricos, dos platônicos, dos fenícios, dos gnósticos e das demais religiões que têm o espírito da verdade, embora seus fiéis ignorem o mistério dos mistérios e o arcano dos arcanos.

O sexo é a semente de todas as religiões... E toda religião que não seja iluminada pela luz divina do sexo é uma religião tenebrosa... retrógrada.

## A RELIGIÃO BRAMÂNICA

295 – A Índia teve dois cultos diferentes: a adoração a Deus em forma masculina, ou culto ao Sol, e a adoração em forma feminina, ou culto à Lua. O culto solar dava ao Deus do Universo um sexo varonil, com todas as tradições védicas: a ciência do Fogo Sagrado Criador, a oração, a noção esotérica do Deus Supremo, o respeito à mulher, o culto dos antepassados e a realeza eletiva e patriarcal.

296 – O culto lunar atribuía à Divindade um sexo feminino, ou a Natureza, e, na maioria das vezes, uma Natureza cega, inconsciente em suas manifestações violentas e terríveis. Este culto praticava a idolatria, a magia negra; favorecia a poligamia, que foi a herança de judeus e maometanos e de algumas outras religiões. A luta dos filhos do Sol com os da Lua inspirou a Epopéia Hindu, que é denominada *O Mahabharata*. No começo triunfaram os filhos da Lua, durante muitos anos, e o espírito das trevas triunfou sobre o da Luz. Os filhos do Sol tiveram de se retirar para as selvas longínquas e muitos deles se fizeram eremitas. Reuniam-se em grupos e tribos e conservaram a interpretação secreta dos Vedas. Chegaram a desenvolver, de maneira surpreendente, o poder da vontade. A voz e o olhar do ermitão afastavam as serpentes e amansavam os tigres. Os reis começaram a temer aqueles iogues ou anacoretas porque, como diz o poeta, “sua maldição perseguia o culpado até a terceira geração”.

297 – Do seio da irmandade dos anacoretas devia brotar a revolução do poder espiritual sobre o poder temporal, do anacoreta sobre o rei. E o Verbo Divino encarnou-se em um homem e este foi o primeiro Messias, o primogênito dos filhos de Deus, este foi o Krishna. (*O Mahabharata* e o *Bhagavad-Gita* representam a tradição popular e a tradição iniciática. Relatam o nascimento, a vida e a morte de Krishna, para os que queiram aprofundar o tema.)

298 – O dia do nascimento do Sol na Índia é dia de regozijo. O povo troca presentes, adorna os lares e se felicita mutuamente. Os antigos persas celebravam esse dia

como o do Senhor e Salvador Mitra. Os antigos egípcios festejavam o nascimento de seu Salvador Hórus, e, assim, em todas as partes do mundo, o 25 de dezembro era considerado como o dia mais feliz do ano, porque era o dia da esperança e do triunfo do Bem.

299 – Krishna, o salvador hindu, foi concebido pelo Espírito Santo na Virgem Deváki. Nasceu em 25 de dezembro, numa gruta, mil anos antes de Jesus, o Nazareno. Seu advento foi precedido por uma estrela brilhante. Anjos e espíritos alegres apareceram nos céus e deram a Boa Nova aos maravilhados e atemorizados mortais. Grandes profetas e simples pastores vieram prostrar-se diante do Divino Menino. Então, o tirano Kansa ordenou a matança de todos os meninos nascidos em seu reino, por temor a este rei recém-nascido; o Salvador, porém, escapou.

300 – Acompanhado de seus discípulos, viajava pelo país, pregando a paz e a salvação, curando os enfermos, os coxos, os surdos e os cegos, e ainda ressuscitando os mortos. Depois de muitas perseguições, por causa da traição de um dos seus discípulos, deu sua vida em divina expiação pelos pecados do mundo. Encontrou a morte na Cruz e o crucifixo se tornou seu emblema sagrado. (Outra lenda diz que morreu a flechadas.) Na hora da sua morte o Sol se obscureceu, caíram do céu fogo e cinzas e os mortos andaram novamente sobre a terra. Desceu à morada dos espíritos desencarnados e, ao terceiro dia, ressuscitou entre os mortos; ascendeu em corpo ao céu, de onde, de acordo com sua própria profecia, voltaria novamente no último dia do mundo, quando chegasse a hora. Por ocasião da sua vinda, o Sol e a Lua se obscurecerão, a terra tremerá e as estrelas cairão do firmamento. O quê? Se este relato não é o de Jesus Cristo, é o de Krishna, mil anos antes de Cristo.

301 – As doutrinas deixadas por Krishna para os iniciados se acham no livro denominado O Bhagavad-Gita, que significa “o Canto do Senhor”. Krishna, depois de sete anos de ascetismo e meditação, sentiu que sua natureza divina dominava sua natureza terrena, e que estava identificado com o Sol de Mahadeva, para merecer o nome de Filho de Deus.



Chamou, então, os anacoretas velhos e jovens para revelar-lhes sua doutrina. Arjuna, um dos descendentes dos reis solares, estava cheio do Fogo e se fez o mais apaixonado discípulo de Krishna. O Mestre começou a revelar a seus discípulos as verdades inacessíveis aos homens que vivem na escravidão dos sentidos.

Esta doutrina se resume no seguinte:

“A alma é imortal, reencarna-se e está unida misticamente a Deus. O corpo é a morada temporária da alma. O corpo é finito, porém a alma que o habita é invisível, imponderável, incorruptível e eterna”.

“O homem terreno é triúno como a divindade de que ele é o reflexo, e se constitui de Inteligência, Alma e Corpo”.

“Se a alma se une à inteligência, alcançará a sabedoria e a paz; se vive indecisa entre a inteligência e a paixão do corpo, girará num círculo fatal; se, no entanto, se abandona totalmente ao corpo, cai na ignorância e na morte temporária: esta é a roda que cada homem pode observar dentro de si mesmo. A alma se acha infalivelmente sujeita à lei da reencarnação e nisso reside o mistério. Quando o corpo está dissolvido (dominado), a sabedoria domina e a alma voa às regiões dos seres puros, que têm contato com o Todo-Poderoso”.

“Para chegar à perfeição é mister conquistar a ciência da unidade, isto é, é preciso se elevar até o ser divino de onde procedeu a alma e que se acha dentro de cada um de nós. É o verdadeiro caminho da salvação”.

“Não é suficiente fazer o bem, é necessário se bom. O motivo da bondade deve estar no ato e não em seus frutos. É preciso renunciar aos frutos das obras, e cada um dos atos deve ser como uma oferenda ao Ser Supremo. Quem encontra em si mesmo a felicidade e a luz é uno com Deus e sua alma fica isenta da roda da encarnação inconsciente.”

“Faz-nos ver o Mahadeva”, disse Arjuna, e Krishna respondeu: “Se se ascendesse nos céus, ao mesmo tempo, o esplendor de mil sóis, apenas se assemelharia a um fragmento ou um raio do esplendor do Todo-Poderoso”.

302 – A história de Sarasvati, irmã de Nichdali, é igual à de Maria Madalena e Marta. Sarasvati era uma pecadora e a irmã lhe disse: “Eu te perdôo, porém meu irmão não te perdoará nunca. Só Krishna pode salvar-te”.

O filho de Deus estava sentado à mesa de um festim na casa de um chefe, quando as duas mulheres pediram para ser apresentadas ao profeta. Deixaram-nas entrar devido aos seus trajes de penitentes. Saravasti correu e se ajoelhou aos pés de Krishna, lavando-os com uma torrente de lágrimas e dizendo: “Se tu quiseres, podes salvar-me”. Os rajás disseram: “Por que, santo richi, consentes que estas mulheres do povo te aborreçam com suas palavras insensatas?” Krishna lhes respondeu: “Deixai que abrandem seus corações. Ela são mais dignas do que vós. Porque esta tem fé e aquela tem amor. Saravasti! Perdoados estão teus pecados desde este momento porque creste em mim... É preciso que saibas que minha mãe radiosa, que vive no Sol de Mahadeva, te ensinará os mistérios do amor eterno”. Desde aquele dias as duas irmãs seguiram Krishna por toda parte.

A vida, paixão e morte de Jesus no Evangelho ou é um decalque sobre a vida e morte de Krishna ou uma repetição maravilhosa dos mesmos acontecimentos, com a diferença de lugares e nomes.

Krishna consagrou seu discípulo Arjuna como rei descendente de raça solar e concedeu autoridade aos sacerdotes para que fossem conselheiros dos reis como fez Jesus com Pedro...

303 – No entanto, o mais surpreendente da doutrina de Krishna é o simbolismo das guerras entre os dois exércitos, que se encontravam frente a frente na nova povoação, construída por Krishna e seus anacoretas, chamada Dvaraka. Os reis do culto lunar (o Mal) contra os do culto solar (o Bem). Então, pergunta o Mestre com severidade ao seu discípulo e rei Arjuna: “Por que não deste início ao combate que deve fazer triunfar os filhos do Sol?” E Arjuna responde: “Não o podia fazer sem ti. Olha esses exércitos imensos de homens que se matarão entre si...! Que prazer poderei experimentar em matar meus inimigos? Mortos os maus, o pecado cairá sobre nós. Eu não combaterei”.

“Arjuna, teu corpo venceu tua alma. Tu choras aqueles que não devias chorar... Os homens instruídos nunca lamentam nem os vivos nem os mortos... Porquanto o que está em todas as coisas está por cima da destruição. Os corpos durarão pouco mais e a alma neles encarnada é eterna, indestrutível e infinita. A alma não mata nem morre. Nem a espada é capaz de cortá-la; nem o fogo nem a chama são capazes de queimá-la; nem a água nem a umidade, de molhá-la; nem o ar, de secá-la...” (*Bhagavad-Gita*)

E assim, quando Krishna ficou certo do triunfo da alma sobre o exército da paixão maléfica, retirou-se à sua ermita para se preparar para o sacrifício.

Nenhum dos seus discípulos conseguiu penetrar em seus desígnios. Somente Sarasvati e sua irmã Nichdali puderam decifrar a intenção do Mestre, devido ao poder do amor que existe nas mulheres; Saravasti lhe disse: “Mestre, não nos deixes”, e Nichdali continuou: “Eu sei aonde vais, porém a nós que tanto te amamos deixa-nos seguir-te”. Krishna respondeu: “No meu céu não será recusado o amor. Vinde”.

Em outra ocasião, disse a seus discípulos: “É preciso que o filho de Mahadeva morra transpassado por uma seta para que o mundo creia em sua palavra”.

“Explica-nos esse mistério”.

“Vós o compreenderéis depois da minha morte. Oremos”.

304 – Durante sete dias o Mestre fez abluções e jejuns. Seu rosto se transfigurou e parecia um Sol radiante. Depois de sete dias chegaram os arqueiros do rei Kansa para prendê-lo. As duas mulheres o preveniram para que se defendesse e aquele divino ser, que afugentava os tigres e as serpentes com um simples olhar, ajoelhou-se junto a uma grande árvore de cedro e se entregou à sua oração. Ninguém pôde fazê-lo sair de sua meditação; então os arqueiros o amarraram contra a árvore e começaram a disparar suas flechas contra ele. Ao ver atingido pela primeira flecha, Krishna exclamou: “Vasishta (era o nome de seu Mestre, que lhe entregara o poder), os filhos do Sol são vitoriosos!”

Quando recebeu a segunda flecha, disse: “Que aqueles que me amam entrem comigo em Tua Luz”. Na terceira seta murmurou somente “Mahadeva”, e, depois, com o nome de Brahma em seus lábios, expirou.

Então o Sol se ocultou. Um furacão açoitou a terra; a neve de Himavat caiu sobre os vales e planícies. O céu se obscureceu e um torvelinho negro varreu as montanhas. Os assassinos, espantados, fugiram espavoridos. As duas mulheres, geladas de pavor, morreram com o Mestre, lançando-se na fogueira para juntar-se a Ele.

Desde aquele dia uma grande parte da Índia adotou o culto de Vishnu, que conciliava os cultos solares e lunares na religião de Brahma.

305 – Muitos dos europeus crêm que o mito de Krishna é um conto de fadas, aplicado ao Mito Solar. Deixemos que esses cientistas se debatam em suas trevas e tratemos das grandezas que existem no budismo, filho da lenda de Krishna, segundo os nossos sábios ocidentais, apoiados por suas religiões... Pois bem, o budismo dominou, a despeito das invasões mongólicas, maometana e inglesa. E pela primeira vez a imortalidade da alma, a Trindade, o Verbo Divino, a Reencarnação, a Idéia de Deus, a Verdade, a Beleza e a Bondade Infinitas surgiram com Krishna. Krishna conquistou, com sua doutrina imortal, a Ásia e a Europa. Na Pérsia é Mitra, reconciliador do luminoso Ormazd com o sombrio Ahriman; no Egito é Hórus, filho de Osíris e Ísis; na Grécia é Apolo, o Deus do Sol e da lira. É Dionísio, o Deus Solar, o mediador. É a Luz Inefável, é o Messias. É o Fogo-Luz Criador.

## A RELIGIÃO BUDISTA

306 – Buddha (que significa “homem celeste”) é o nome de três reformadores, cuja recordação é venerada pelos indianos como divindades que dizem respeito a épocas baseadas nos astros ou constelações personificadas por meio de figuras hieroglíficas. Os indianos crêem que Buddha desceu à terra para ajudar o homem a conquistar a perfeição, fazendo com que ele pudesse depois formar com a humanidade uma só e completa unidade. Segundo a tradição, Buddha morreu na Cruz, e por isso os indianos santificam esse sinal de suplício. (Enquanto os iniciados o santificam porque o consideram símbolo da regeneração.) O primeiro Buddha deve ter existido 5500 anos antes de nossa era. O segundo, chamado Buddha-Chaucasam, viveu entre 3200 e 3100 antes da era cristã e foi o fundador da doutrina contida no *Bahgout-Goutta*. Este reformador é considerado a encarnação do Ser Supremo e, ao mesmo tempo, mediador e expiador dos crimes dos homens. O terceiro é o Buddha-Gonagom, que viveu pelo ano de 1366, reformador divinizado com a segunda encarnação da Divindade.

307 – Buddha-Gautama – Profundo filósofo, autor do *Gandsour*, que contém suas doutrinas e preceitos, divinizado como quarta encarnação de Deus. Nasceu em 607 a.C. Segundo as tradições, Buddha desceu do céu ao Ventre de Malhamaya, filha ou irmã de Suddhodana. Ela o concebeu sem detrimento de sua virgindade, dando-o à luz ao cabo de dez meses, sem sentir nenhuma dor. Nasceu ao pé de uma árvore e não tocou o solo porque Brahma, que estava ali esperando seu advento ao mundo, o recebeu dentro de uma bandeja de ouro. Assistiram ao seu nascimento muitos deuses encarnados, e os manus e doutores pundistas lhe deram o nome *Dereta-Dera*, que significa “o Deus dos deuses”. Inquieto o rei Suddhodana pelo seu nascimento, resolveu fazê-lo morrer. Por isso decretou a degolação de todos os varões nascidos naquela época. Salvo pelos pastores, foi conduzido ao deserto, onde viveu até a idade de trinta anos. No entanto, existe outra lenda que diz que Buddha viveu sem perigo ao lado de sua real família. Estudou com incrível progresso e casou-se com uma princesa de sua estirpe, da qual teve um filho e uma filha. Por fim, possuído de um intenso amor pela humanidade e condoído dos males que afligiam seus semelhantes,

desejoso de redimi-los e libertá-los de tais sofrimentos, um dia abandonou seu palácio, retirando-se para o deserto, onde começou sua missão divina de ensinar os homens a livrar-se do demônio da ignorância. Ali se ordenou sacerdote, raspou a cabeça, e, durante muitos anos, entregou-se a uma vida cheia de privações, em companhia de seus cinco discípulos prediletos.

Uma vez alcançada a transfiguração por aquela austeridade, trocou o seu nome pelo de Gautama e começou a pregar sua sagrada doutrina, ensinando a lei aos homens. Depois de realizar os mais surpreendentes milagres, venceu os falsos doutores, não só pela sua ciência como por sua força, e obrigou-os a submeter-se e prestar-lhe homenagem. Sua doutrina foi a continuação e o cumprimento da doutrina de Krishna, que foi prevalecendo até se tornar triunfante em todo o Indústão. Ao morrer, deixou aos seus discípulos o “Evangelho” que continha sua doutrina.

308 – Dele tomemos o que se segue:

“O que abandona seu pai e sua mãe para seguir-me será um perfeito homem celeste”.

“O que pratica meus ensinamentos até o quarto grau de perfeição adquire a faculdade de voar pelos ares, de fazer mover o céu e a terra e de prolongar ou diminuir a vida”.

“O homem celeste despreza a riqueza e só usa o mais estritamente necessário; mortifica seu corpo, vence suas paixões, não deseja nem tem apego por nada, medita sem cessar em minha doutrina; sofre com paciência as injúrias e nunca sente a menor aversão pelo próximo”.

“A terra e o céu perecerão; desprezai vosso corpo composto de quatro elementos percíveis e não cuideis senão de vossa alma, que é imortal”.

“Não escuteis os instintos da carne; as paixões produzem o temor e o desgosto; afogai-as e as destruireis.”

“Todo aquele que morrer sem haver abraçado a minha religião voltará a viver entre os homens até que lhe venha a compreensão.”

“Amai todo ser vivente.”

Seus dogmas foram a imortalidade da alma, as penas e recompensas futuras, a reencarnação, a Unidade de Deus, a trindade de sua natureza e atributos, a encarnação do Ser Supremo e a redenção dos pecados da humanidade. O budismo é uma das maiores religiões do mundo atual. Seus templos enchem a Índia, a China, a Tartária e muitos outros pontos. Buddha é representado em várias formas, porém a mais conhecida é a do ato de meditação, nu, de corpo negro e com os cabelos curtos e frisados, que, na realidade, não são cabelos, pois ele havia raspado a cabeça, mas representam o simbolismo do desenvolvimento do centro magnético (*chakra*) de mil pétalas...

309 – O ensino esotérico do budismo consiste no desenvolvimento ou despertar da Kundalini ou a Serpente do fogo, dentro de cada ser, por meio da castidade; por isso recomenda não dar ouvidos aos instintos da carne. A auréola em volta da cabeça de Buddha, que à primeira vista parece cabelo curto e frisado, é o efeito da transmutação da energia criadora do fogo em luz ou chama sagrada, que envolve a cabeça de todos os santos que chegaram a transmutar o metal inferior em superior, segundo a expressão dos alquimistas.

310 – A idéia de que Deus é a Verdade, a Beleza e a Bondade infinitas se revela no homem consciente com um poder redentor, que se eleva até o céu pela força do amor e do sacrifício. Essa idéia fecunda entre todas as religiões surgiu pela primeira vez com Krishna, que revelou a idéia do Verbo Divino feito carne e continuou encarnando-se em todas as demais religiões, até mesmo nas mais recentes de nossa época. Por isso vemos a mesma idéia na Pérsia, reencarnada em Mitra; no Egito, em Hórus; na Grécia, em Apolo; na Índia pelos Buddhas, etc. E todos esses reformadores ou encarnações da divindade são o símbolo da Fogo Divino que desceu sobre os homens.

## A DOCTRINA BÍBLICA

311 – Todo fundador de religião tem duas personalidades: uma mística e outra histórica. Por isso, vemos que ao redor de cada fundador ou reformador sempre é tecida uma roupagem fabulosa, através da qual brilham os pontos luminosos da verdade. Todos nascem de uma virgem e, conforme foi explicado, desse modo cada Salvador deve imitar em sua vida os princípios da lei cósmica. O Sol como pai, a Terra como mãe, e a vida, que brota pela união do pai com a virgem Mãe, é o Verbo Filho feito carne e que habita em nós para nos salvar.

312 – A narração bíblica faz de Moisés um judeu da tribo de Levi. Plagiando a mesma história de Asserhadun, que foi recolhido da água pela filha de um rei, anotaram que Moisés foi recolhido pela filha de um faraó quando esta tomava banho no Nilo. Tais absurdos não podem mais ser aceitos pela lúcida razão, pois não é possível banhar-se no Nilo porque ele é infestado de crocodilos e, além do mais, a corte do faraó se achava a mais de trezentos quilômetros da margem do rio. Manethon, o sacerdote egípcio, a quem devemos as informações mais exatas sobre as dinastias dos faraós, afirma que Moisés foi um sacerdote de Osíris. Estrabão, que possuía as mesmas informações dos sacerdotes egípcios, afirma igualmente o que acabamos de dizer. Portanto, a fonte egípcia sobre Moisés tem aqui mais valor do que a fonte judaica, a qual, por uma questão de nacionalismo, quis que o fundador de sua nação fosse um homem de seu próprio sangue. Moisés foi iniciado no Ciência Egípcia. A Bíblia afirma que Moisés foi educado no palácio do faraó e que foi enviado por seu governo como inspetor de judeus.

313 – O sacerdote de Osíris sentiu uma secreta simpatia por aqueles seres “de cerviz dura”, cujos anciãos ensinavam a adoração de um Deus único, e que se rebelavam no trabalho e protestavam contra seus governantes porque se diziam ser o povo escolhido por Deus. Um dia Moisés viu um soldado egípcio maltratar um judeu indefeso; seu coração se indignou e Moisés matou o soldado no mesmo momento, tendo este ato mudado o rumo de sua vida.



O sacerdote assassino foi julgado pelo colégio sacerdotal e, sentido que o perigo se aproximava, fugiu para o deserto, a fim de expiar o seu crime. Chegou a Madian, na Arábia, onde havia um templo para a adoração do Deus único, chamado Elohim. Este santuário, de origem babilônica, servia de centro religioso aos árabes que haviam fugido da perseguição dos novos conquistadores da Babilônia. Esse templo se achava em Sinai e nele Moisés se refugiou.

314 – Jetro era o grande sacerdote (*Raguel*, que significa “vigia de Deus”) e era um homem sábio: em sua memória e nas bibliotecas de pedras de seu templo se achavam acumulados tesouros de ciência. Ele era o protetor dos homens do deserto, sendo uma espécie de pai espiritual para aqueles seres errantes e livres. Moisés foi a ele e lhe pediu asilo em nome de Elohim-Osiris. Depois, passou alguns anos cuidando dos rebanhos do grande sacerdote e casou com uma de suas sete filhas. Esta é a história profana de um homem que se chama Moisés pela Bíblia, o qual, graças às traduções etiópicas e caldaicas que encontrou no templo, pôde completar o que havia aprendido nos santuários no Egito. Na casa de seu sogro Jetro, encontrou dois livros de cosmogonia: *As guerras de Jeová* e *As gerações de Adão*, a cujo estudo se dedicou. E, querendo imitar os que o precederam, como Rama, Krishna, Hermes, Zoroastro, Fo-Hi, começou a estruturar uma religião, que foi o seu *Sepher Bereshit*, ou *O livro dos princípios*, síntese concentrada da ciência passada e quadro fundamental da ciência futura.

315 – Muitos sábios modernos afirmam que o Gênesis não é obra de Moisés (e tem razão) pois, segundo as descobertas modernas em vários lugares do globo, ficou provado que o Gênesis foi escrito milhares de anos antes de Moisés. Outros negam sua existência e dizem que não passa de um ser lendário, criado quatro ou cinco séculos mais tarde pelo sacerdócio judaico, para dar uma origem divina à sua religião. A crítica moderna demonstrou claramente que o Sepher foi escrito pelo menos quatrocentos anos depois da morte de Moisés. Na realidade, o Pentateuco nos dá uma narração lendária da vida de Moisés, mas isso não significa que Moisés histórico não tenha existido; assim como, se as tradições elohista e javehista foram escritas quatrocentos anos depois do Êxodo, não se

compreende que tenham sido os inventores do Gênesis e sim que se tenham guiado por um documento anterior, mal compreendido.

O Gênesis perdeu a sua chave e ficou até hoje como um documento precioso que espera o ser iniciado para decifrar seus mistérios e descobrir seus tesouros.

316 – Os sacerdotes egípcios tinham três maneiras de exprimir seus pensamentos: “a primeira era clara e simples, a segunda simbólica e figurada, e a terceira sagrada e hieroglífica”. A mesma palavra tinha para eles o sentido próprio, o sentido figurado e o transcendente. Pois bem, o Sepher de Moisés está escrito nesta língua transcendental, sendo impossível compreender-se os dois últimos significados sem chave, apesar do que dizem os teólogos das seitas derivadas do judaísmo e do cristianismo (ver as obras do Dr. Jorge Adoum: *El pueblo de las mil y una noches* e *Génesis reconstituído*). Moisés escreveu o Gênesis em linguagem hieroglífica, com três significados, e confiou verbalmente as chaves e as explicações a seus sucessores; entretanto, quando mais tarde, no templo de Salomão, traduziam o Gênesis em caracteres fenícios e, ainda, depois do cativo da Babilônia, quando foi escrito em caracteres aramaicos caldeus, o sacerdote hebreu já não manejava mais aquelas chaves. O único homem que restaurou a cosmogonia de Moisés é um gênio hoje em dia quase esquecido e se chama Fabre D’Olivet, que escreveu *La langue hébraïque restituée* e, desse modo, pôde restaurar alguns capítulos do Gênesis. (Ver *Génesis reconstituído*, do Dr. Jorge Adoum)

317 – Analisando, embora superficialmente, a religião deixada por Moisés, vemos que se trata de um cópia exata da de Hermes, sobre Osíris e Ísis. Segundo a ciência hermética, Ísis tem três sentidos diferentes: no sentido próprio, é a mulher ou o gênero feminino universal; no sentido comparativo, personifica a natureza terrestre com todas as suas potências conceptivas; no sentido superlativo, é a natureza celeste invisível, ou o elemento das almas e dos espíritos, a luz espiritual e inteligível por si mesma, que se confere ao iniciado.

O símbolo que corresponde a Ísis no texto do Gênesis e na intelectualidade judeu-cristã é Eva (Hava), a mulher eterna. Esta Eva não é somente mulher de Adão, mas é também a esposa de Deus. Ela constitui as três quartas partes de sua essência, porque o

nome do Eterno Ieva, do qual impropriamente fazemos Jehovah ou Jeveh, compõe-se do prefixo IOD e do nome EVA.

318 – Aqui descobrimos o mistério do sexo na base da religião judeu-cristã. O grande sacerdote de Jerusalém pronunciava uma vez por ano o nome divino, vocalizando-o letra por letra da maneira seguinte: YOD-HÉ-UAU-HÉ. A primeira letra exprime a idéia divina, a ciência teogônica (*Natura naturante*, segundo Spinoza); as três letras do nome de Eva, as três ordens da Natureza (a *Natura-naturata*, de Spinoza). O inefável encerra em seu seio profundo o Eterno Masculino e o Eterno Feminino. De sua união indissolúvel resulta o seu poder eterno e misterioso. A letra YOD equivale ao número 10; é o número da A-D-Ã-O:  $1+4+4+4 = \text{Total } 10$ , representado pela letra I ou YOD, que significa o falo em ereção. Eva, também chamada Aisha, ou seja, mãe da vida, unida ao YOD (falo) forma Ieva, o nome misterioso: o masculino unido ao feminino. Deus à Natureza. Osíris a Ísis. O homem à mulher, para criar o Verbo. Por conseguinte, tudo isso demonstra a religião do sexo divino, o mistério do fogo, que é a causa de toda vida. E, assim, a mulher se converte em esposa de Deus, mãe de Deus e filha de Deus.

319 – A serpente do Gênesis chamada Nahash significa “a vida universal quando está em círculo”. A luz astral é o agente mágico dessa vida universal. Tem também outro sentido, mais profundo: Nahash é a força que põe esta vida em movimento, a atração do corpo para outro corpo. Os gregos a chamavam Eros, isto é, Amor ou Desejo.

Desse modo, o pecado original se transforma na vasta espiral da natureza divina, universal, com seus reinos, seus gêneros e suas espécies, no círculo formidável e inevitável da vida. Logo, a queda simbólica era uma lei necessária para a evolução infinita do Universo... Deste dois exemplos do Gênesis vemos que o significado oculto era cosmogênico para o iniciado, enquanto para o profano não é mais do que uma descrição da vida de um homem e de uma mulher. O Sepher de Moisés não é uma história profana, mas sim a história da evolução da alma, que dá sua explicação em seu aspecto interior. A ciência antiga nunca desconheceu que tudo é vida, tudo é dotado de uma inteligência, de uma alma e de uma vontade. Assim como no corpo humano os movimentos são traduzidos

pela alma invisível e invencível, também no Universo todos os movimentos não são mais do que a repercussão de uma ordem invisível.

320 – Elohim significa “Deus dos deuses” ou “Ele-Eles”, porque a palavra “El” sempre designou Deus, como em Babel, “casa de Deus” ou “porta de Deus”. *Que se faça a luz e a luz foi feita*. O original *dez Roua Elohim Auor* e significa “soprou Elohim luz” ou, em outras palavras, do sopro de Ele-eles, a luz da manifestação se fez. A palavra “sopro” corresponde a Roua ou espírito que ali vem espirar, respirar, expirar, aspirar, etc. Ora muito bem, se invertermos a palavra Roua, que significa Espírito, teremos Auor (Luz). O sopro divino voltando-se sobre si mesmo cria a luz inteligível. (Aqui começa o mistério da respiração...)

321 – Até aqui temos falado de Moisés segundo a história e agora vamos tratar de Moisés segundo a lenda. A primeira lenda é a sarça de Horeb e sua conversação com Deus, que quer retirar do Egito o seu povo escolhido. “Deus não foi visto por ninguém”, diz Jesus. Logo, se Deus é o Criador de todos os povos, Ele não tem o direito de escolher um povo como seu e abandonar os outros. Aqui se vê a intenção do outro autor do Gênesis de atribuir à sua raça a amizade de Deus. No entanto, se despirmos a lenda de sua roupagem fantástica, brilhará a luz eterna que se habita em cada ser. A segunda lenda é a que relata as pragas do Egito. E, em seguida, o Êxodo, a divisão da água do Mar Vermelho e a morte do faraó e seu exército, afogados no mar. Desse modo vemos muitas maravilhas praticadas por Moisés, imitando os deuses antigos. O povo de Israel nunca chegou a crer definitivamente num só Deus, apesar do monoteísmo que Moisés quis implantar em seus corações. Também sacrificavam seres humanos a seus deuses. Moisés e seu irmão Aarão trataram de eliminar do coração duro daquele povo todos os ressaibos antigos. Subiu à montanha do Sinai e trouxe as duas pedras da lei gravadas pelo dedo do próprio Deus; porém, ao ver que o povo estava adorando o bezerro de ouro, quebrou as duas pedras e castigou os culpados.

322 – Essas tábuas de pedra gravada pelo dedo de Deus têm dado oportunidade a muitas críticas, pois o Ser Supremo é apresentado como um homem que fala, que vê, que vai e vem e que por fim escreve sobre pedras certos mandamentos copiados dos brâmanes,

da antiga *Shashtra*, do imperador chinês Cam-Hi, do monólogo de Confúcio, dos antigos mistérios do Egito, etc. O antigo Baco escreveu suas leis sobre mármore. Também Baco andou sobre as águas do Mar Vermelho para ir às Índias com o seu exército. Baco também expelia raios como Moisés, para dar testemunho de seu contínuo comércio com os deuses.

323 – Pede, então, Moisés a Deus: “Deixa-me ver a tua glória”, e Deus lhe diz: “...Não poderás ver meu rosto, pois nenhum mortal pode vê-lo sem morrer... Verás minhas costas, mas não minha face...” Todas essas fábulas pertencem ao Moisés do mito. Sêmele morreu por ter visto a Zeus em toda sua glória... E assim se encontram na Bíblia muitas fábulas e lendas atribuídas a Moisés, para dar-lhe maior glória e testemunhar o que dizem alguns versículos anteriores: “O Senhor falava com Moisés frente a frente, como um homem fala com seu amigo...” Pois bem, todos esses sucessos extraordinários são cópias de fábulas antigas atribuídas a deuses pagãos e nas quais Moisés não teve nenhuma participação como um ser histórico...

324 – A religião judaica é, como já dissemos anteriormente, uma religião sexual ou religião do fogo. Até mesmo o nome de Deus na Bíblia é Ieva, o que quer dizer macho-fêmea, masculino-feminino, como já foi explicado. Soprou Elohim luz. O fogo divino, voltando-se sobre si mesmo, cria a luz inteligível. Até mesmo a palavra Gênesis vem de “geração”, “genésico”.

325 – Sempre a aparição de Deus ao homem se produzia em glória e esplendor, tomando as formas de fogo e de luz. No Êxodo 19:16 a 22 relata: “... e todo o monte de Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo: e seu fumo subiu como fumo dum forno, e todo o monte tremia grandemente”.

No Deuteronômio 4:11,12: “E vós vos chegastes, e vos pusestes ao pé do monte: e o monte ardia em fogo até ao meio dos céus e havia trevas, e nuvens e escuridão; então o Senhor vos falou do meio do fogo...”

No Êxodo 3:2 a 5: “E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia...”

E assim em vários pontos da Bíblia, como no Levítico 9:24; em Juízes 6:21; em 2.Crônicas 7:1; em 1.Reis 18:36 a 40; etc.

326 – A deidade mora nos mundo luminosos e a única lâmpada que os ilumina é a lâmpada do Supremo Amor. Só o amor é poder. O amor é o atributo exclusivo do coração. O poder não vem da alma, mas sim através do fogo do amor; não do desejo, mas do amor, que é fogo vital, oposto ao fogo da paixão do homem inferior. Deus mora dentro do fogo, atrás da chama serpentina. Todas as manifestações da alma são formas de fogo. O mundo da alma é do fogo puro, polarizado dentro do corpo humano, e seu sopro negativo tem sua residência no cérebro. O outro pólo da alma está situado no sistema genital – o cérebro pélvico.

A chama cósmica é a base do fogo cósmico, é a base do fogo do Universo, que tem o poder sobre o crescimento, emoção, beleza, poder, calor, energia e fogo básico de toda existência. O fogo do sexo é a manifestação direta do Onipotente. Os pensamentos mais altos, mais puros e mais doces são uma manifestação das forças sexuais, que são o princípio e o fim da manifestação suprema e divina no homem. “Neste templo do fogo é onde El que foi se transforma em El é, e El é se transforma em El será”. O amor, o sexo, e o fogo são tri-unidade.

Quando se intensifica no homem o poder mágico generativo, forma-se um círculo de luz deslumbrante ao redor de sua cabeça: é a transfiguração.

As coroas, os diademas e toda insígnia de dignidade são imitações deste círculo luminoso que circunda a cabeça do homem santo.

O iniciado tem dois batismos: o da água e o do fogo. O batismo do fogo é do Espírito Santo. Logo, ao falar do fogo, refere-se ao fogo espiritual e não ao material. Eu vos batizo com água, mas já está vindo alguém que é mais poderoso que eu. Não sou digno de desamarrar-lhe as correias das sandálias. Ele é quem vos batizará com o Espírito Santo (com o Fogo Divino).

## A RELIGIÃO CRISTÃ E O CRISTO MÍSTICO

327 – O cristianismo é o extrato de todas as religiões. Na religião cristã estão as crenças, os símbolos, os ritos, as cerimônias, histórias e festas comemorativas em geral; porém, perderam todo o significado místico, que é o mais importante, ficando apenas com o sentido de uma história muito duvidosa. Os sábios compreendem que a maioria dessas narrativas religiosas tem um fundo puramente alegórico. Certas pessoas julgam ser muito perigoso o estudo mítico e místico do cristianismo para a própria religião. Essas pessoas que vivem nas trevas não podem compreender que a ignorância é o maior perigo que ameaça a Verdade.

328 – As contradições dos Evangelhos, dos quais burlam os cientistas, isto é, os que se julgam sábios, são provas suficientes para demonstrar a pura verdade da religião de Cristo. Os verdadeiros sábios acreditam num Cristo revelado segundo o mito, segundo a história e segundo o espírito místico. São Paulo, o Verdadeiro Arquiteto do Cristianismo, assim declarou em muitas ocasiões nas suas epístolas.

A religião cristã é puramente uma religião solar. A mitologia comparada tem sido uma arma perigosa para o combate a todas as religiões. Os seus golpes mais perigosos foram dirigidos contra Cristo. Seu nascimento de uma virgem, a degola dos inocentes, seus milagres e ensinamentos, a crucificação e ressurreição, a ascensão e demais acontecimentos revelados pela história, tudo isso nos mostra a identidade das narrativas com outras vidas, surgindo daí a dúvida da existência histórica de Jesus.

O mito é uma narrativa dos movimentos que projetam sombras, e a linguagem empregada nessas narrativas é o que se chama linguagem simbólica. Os símbolos representam um alfabeto pitoresco empregado pelos autores do mito; cada símbolo possui um determinado sentido. Sem o conhecimento dos símbolos é impossível a leitura do mito, pois os primeiros autores dos grandes mitos sempre foram iniciados habituados ao emprego de uma linguagem simbólica em sentido fixo e convencional.

329 – Cada símbolo tem um sentido principal e vários sentidos secundários que interpretam o primeiro. O círculo, por exemplo, é o símbolo do Deus infinito, mas também simboliza o Sol, que, a seu turno, simboliza o Logos e a encarnação do Logos. Também é o enviado. O iniciado e o instrutor do mundo são designados pelo símbolo do Sol. Pois, assim como o Sol salva o mundo, também o Enviado salva a humanidade. Assim, todo instrutor ou enviado é um Logos “Filho de Deus”, o qual desce ao plano material para salvar o mundo das trevas da ignorância e do despotismo, como o Sol salva a terra da obscuridade do frio e da morte. É este o Mito Solar.

330 – O sol é a sombra física do Logos ou assim como a chama do seu corpo. Então a encarnação do Logos se representa por uma sombra e em corpo mortal. O Mito Solar, pois, é uma narrativa na qual, em primeiro lugar, aparece a atividade do Logos ou Verbo no Cosmo e logo nos fatos de vida de um ser que é uma encarnação do Logos, representado como Deus ou Semideus, sendo que sua carreira será determinada pelo curso do Sol, por ser este astro a sombra do Logos. O Logos Encarnado nasce com o Sol e, como este, no solstício do inverno, morre no equinócio da primavera e é vencedor da morte, ascende ao céu. O Deus Solar ocupa os seis primeiros meses do ano com um trabalho laborioso, ao passo que os outros seis meses são um período de proteção e de conservação. Nasce sempre no solstício do inverno, após o dia mais curto do ano (no hemisfério boreal) e na noite entre 24 e 25 de dezembro, a noite santa por excelência em todo o ano. O signo zodiacal da Virgem Imaculada Celestial está sobre o horizonte oriental à meia-noite, e o Sol (Menino) do ano-novo dá então começo à sua jornada, desde o ponto mais austral, em direção ao hemisfério norte, para livrar essa parte da obscuridade e do frio, da umidade e da fome, que seriam inevitáveis se permanecesse sempre debaixo do Equador.

331 – O Menino Solar nasce de uma virgem (Signo da Virgem) que está no horizonte e conserva a sua virgindade depois do nascimento do Menino Solar. O Menino é fraco e débil, pois vem ao mundo quando os dias são mais curtos e as noites mais longas (ao norte do Equador); sua infância está cercada de perigos, porque nesses tempos o reino das trevas é mais forte que o seu, e os infantes astros, estrelas e luminares do céu são



degolados com a aproximação do Menino Sol no equinócio da primavera. Chega, finalmente, a um ponto do seu passo, a crucificação, cuja data varia anualmente.

332 – O Deus nascido na aurora de 24 de dezembro é sempre crucificado no equinócio vernal e dá a vida para alimentar os seus adoradores. Essas são as características mais importantes do Deus Solar. É fixa a data do seu nascimento, ao passo que a da sua morte é variável, devido ao fato de a primeira corresponder a uma posição fixa do Sol, enquanto a segunda é uma posição variável; pois a Páscoa (de passo) é variável e calculada segundo as posições relativas do Sol e da Lua, porque esta data não se refere à história de um homem, mas sim à do Deus Solar.

333 – Ísis egípcia, Maria de Belém, cada uma delas é Nossa Senhora Imaculada, Estrela do Mar, Rainha do Céu, Mãe de Deus. Ambas são representadas pela Lua: Ísis, a cabeça coroada com a lua, representa a atração da Matéria, ao passo que a virgem pisa a lua e é coroada com doze estrelas; ou seja, o Espírito dominando a Matéria.

334 – Ísis é representada com a lua crescente na cabeça, amamentando Hórus. Está sentada numa cadeirinha enquanto o filho carrega uma cruz sobre os ombros. A virgem do zodíaco é representada em esboços antigos por uma mulher amamentando um menino, que representa o tipo de todas as almas futuras com os seus filhos divinos. Representam Deváki com Krishna nos braços; Ishtar em Babilônia, sempre com a coroa de estrelas, e seu filho Tamuz. Hércules, Perseu, os Dioseuros, Mitra e Zaratustra tinham um nascimento tanto divino como humano.

335 – Os antigos cristãos sabiam que Jesus não nasceu em 25 de dezembro. Cento e trinta datas foram escolhidas, a princípio, por diversas seitas, como dias do nascimento do Nazareno, até que, no século IV, o papa Júlio I optou pelo dia 25 de dezembro: “Este dia 25 de dezembro em Roma acaba de ser escolhido para o dia do nascimento de Jesus, a fim de que os pagãos ocupados com suas cerimônias (as Brumálias, em honra de Baco) deixem que os cristãos celebrem os seus próprios ritos sem ser incomodados”. Muitas fontes históricas temos à mão, mas o que aí está é suficiente.

336 – O animal que simboliza o Herói ou Salvador é o Signo Zodiacal, no qual o Sol atinge o equinócio vernal; este varia de acordo com a precessão dos equinócios.

Na Assíria, Oanes tinha por signo Pisces ou Peixes e era considerado sob esta forma; observamos que os altos sacerdotes da Babilônia ou da Assíria têm suas mitras, adorno de cabeça, em forma de peixe, representando a fecundidade. Mitra coincide com Taurus (Touro). Osíris também era venerado sob a forma de Ápis ou Serápis, “O Touro”. O Sol em Áries, Carneiro ou Cordeiro é o símbolo da Astarte, de Júpiter-Amon e de Jesus, o cordeiro de Deus. Também o Peixe é aplicado a Jesus, como se vê nas catacumbas.

A morte e a ressurreição do Deus Solar ou Seu Verbo no equinócio da primavera, ou perto desta data, encontram-se difundidas, bem como o seu nascimento, no solstício de inverno. Todos os anos a morte de Tamuz é chorada na Babilônia e Síria. Adônis é chorado na Síria e na Grécia; Átis, na Frigia; Mitra, na Pérsia, e Baco e Dionísio, na Grécia. No México encontramos a mesma idéia acompanhada da Cruz. (Williamson, Great Lan, págs. 40, 42, 157 etc.)

337 – Existe um costume, comum desde a Antiguidade, que é o de não comer carne quando morre um ente querido. Este costume, demonstrando a aflição e grande tristeza dos parentes, é uma herança de tempos remotos. Quando morreu Tamuz, Ishtar chorou e não aceitou qualquer alimento por causa de sua profunda tristeza. Pois bem, esta tristeza nos legou o jejum que precede à morte do Sol no equinócio vernal (a quaresma); encontramos esse costume no México, na Babilônia, na Assíria, no Egito, na Pérsia e na Ásia Menor. Sua duração, em certos casos, é de quarenta dias. (Williamson, Ob.cit.120-123.)

O Cordeiro era o signo do equinócio vernal, na época do Cristo; ao passar (pela Páscoa) o grande círculo do horizonte, “foi o cordeiro de Deus crucificado no espaço”.

Essas narrativas nunca se referiram de modo particular a um indivíduo chamado Jesus, Osíris, Krishna ou outro fundador de uma religião, senão ao Cristo Universal. O Cristo do Mito Solar era o Cristo dos Mistérios e o Cristo dos Mistérios é o homem Deus ou o Deus-homem; é o Cristo Místico.

338 – Em todos os templos de mistério, os hierofantes ensinaram que existe no Sol uma força espiritual, assim como uma força física. Esta última é a dos raios solares, que fecunda a natureza, como o pai fecunda a mãe. Produz o crescimento das plantas e, portanto, sustenta e conserva os reinos animais e humanos. É uma energia construtora, criadora e fonte de toda força física.

O drama do Cristo Solar e do Cristo Místico é o drama do homem, como veremos mais tarde, pois o homem tem dois nascimentos: um nascimento físico e outro místico. O nascimento físico pode-se dar em qualquer época; o nascimento místico, porém, por meio da Iniciação, era efetuado nos templos antigos, à meia-noite do dia 24 de dezembro, e, durante a cerimônia, o neófito, o menino, via o Sol espiritual (estrela de Belém na casa do pão), via Cristo, seu salvador espiritual, no coração, assim como o Sol físico era o seu salvador físico.

## O CRISTO MÍSTICO

339 – Muitas pessoas duvidam da existência histórica de Cristo. Vamos deixá-las em suas divagações, pois não temos tempo para demonstrar a existência do Sol.

A narrativa da descida do Verbo ao seio da matéria é tão perfeita, tão verdadeira quanto a descida do Eu Sou ao meu corpo.

Jesus identificou-se com Cristo, o Verbo por quem todas as coisas foram feitas. Para as igrejas, este fato divino tornou-se datas históricas de Jesus, a quem consideravam a Divindade Encarnada (Cristo Místico). Assim como o Cristo dos Mistérios, o Logos, a Segunda Pessoa da Trindade, é o Macrocosmos, também o Microcosmos ou o homem encerra e representa o segundo aspecto do Espírito Divino, chamado, por isso, Cristo. O segundo aspecto do Cristo dos Mistérios é, portanto, a vida do iniciado, a vida do segundo nascimento no Reino Interno. Durante esta Iniciação Interna, Cristo nasce no homem e, mais tarde, se exalta, para tornar mais inteligível ao iniciado a natureza do Espírito nele.

340 – Somente por meio do amor o homem pode aspirar à Iniciação. Pelo amor verdadeiro o homem pode tornar-se “puro, santo, sem mancha, e viver sem transgressão”, chegando assim a ser iniciado, a ser Cristo conscientemente. Esse é o caminho das provas que leva à “porta estreita”, “ao caminho da santidade” e, pois, “ao Gólgota, com a cruz às costas”.

341 – O Cristo Sol no homem é o Fogo Divino da alma, que se deve converter em luz. “Nosso Deus é fogo”, disse Moisés. É o Menino que nasce como homem no presépio, Belém (casa do pão), o corpo físico.

O candidato deve desenvolver estas qualidades de maneira perfeita, antes que Cristo possa nascer nele. Deve preparar a morada para este Menino Divino que vai crescer dentro dele. Os preceitos necessários para desenvolver essas qualidades estão perfeitamente traçados no Sermão da Montanha, e nada mais temos que dizer sobre esse particular.

342 – O maior mistério do cristianismo está encerrado nos quatorze versículos do primeiro capítulo do Evangelho de São João:

1. No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
2. Ele estava no princípio com Deus.
3. Todas *as coisas* foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.
4. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens;
5. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.
6. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome *era* João.
7. Este veio para testemunho para que testificasse da luz; para que todos cressem por ele.
8. Não era a luz; mas para que testificasse da luz,
9. Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo.
10. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu.
11. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.
12. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no seu nome;
13. Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.
14. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

343 – Todas as religiões, antigas e modernas, colocaram e colocam sobre altares a imagem de um homem ou de uma mulher para simbolizar o poder divino e o adorar. A Arca de Noé, a Terra Prometida, o presépio de Belém, o Santo Sepulcro, o Tabernáculo, Jerusalém, o Templo de Salomão etc. etc. não são mais do que o mesmíssimo corpo humano onde arde o Fogo Crístico.

344 – O homem é um sistema universal composto de astros, planetas, sóis, luas, cometas, vias-lácteas e constelações; deve seguir a mesma lei do sistema maior. Quanto mais perfeito é o homem, tanto maior cumprimento dá a estas leis, como o fez Jesus Cristo. Nós também “devemos chegar, algum dia, à estatura de Cristo”.

345 – Há uma só religião com muitas instituições religiosas, assim como há uma única humanidade com muitas raças e costumes. O grande arcano das religiões, como temos visto, está no poder do Fogo Crístico e da Luz Inefável. O Sol, sempre o Sol, era adorado como o Grande Fogo que ardia no meio do Universo, ao passo que o Fogo Divino está mais além do Sol físico. Por este Fogo Divino Interno, que foi adorado no princípio, o homem nos deixou um símbolo no archote, na espada flamígera e na coroa de ouro cujas pontas se assemelhavam aos raios solares. Todos os homens-deuses tinham nomes que significavam Fogo-Luz: Júpiter, Apolo, Hermes, Mitra, Baco, Odín, Buddha, Krishna, Zoroastro, Fo-Hi, Ágni, Hiram Abiff, Sansão, Josué, Vulcano, Alá, Bel, Baal, Serápis, Salomão, Jeshua (Jesus), e muitas outras divindades.

346 – A fábula de Prometeu é um véu da Verdade: a alma humana, ao possuir o fogo divino da humanidade, empregou-o para a destruição; foi encadeada à rocha (corpo) e devorada pelo abutre (dos desejos), até que um homem conseguisse dominar o fogo e se tornasse perfeito. Esta profecia foi cumprida por Hércules (Cristo), que (nascendo como Luz no mesmo fogo da alma) libertou a que, havia tantos anos, estava submetida ao tormento (nascendo no seu coração pelo segundo nascimento ou Iniciação).

A luz que brilha no sistema nervoso é o mediador entre o Deus Íntimo e o homem externo. É a ponte que une o Espírito à Matéria (Ver *La Religión de los Sábios*). Por causa desta Luz o filho do homem é chamado filho de Deus. Os filhos da Luz conseguiram ver o Sol Interno invisível. As antigas religiões buscavam a maneira de captar o fogo cósmico que circulava no éter; por isso, os sacerdotes se valiam de plantas, de animais e de metais de propriedades absorventes dessa Luz Invisível. O cristianismo emprega o fogo em seus ritos com o incenso para simbolizar que, assim como o fogo queima o incenso e este se converte em fumaça perfumada, também o Fogo Divino, no homem, consome da alma tudo quanto é grosseiro, para convertê-la em fragrante perfume. Os campanários, as torres, os obeliscos e as pirâmides são símbolos do falo portador do fogo.

347 – A árvore edênica significa o falo e o seu fruto é o fogo cósmico. O ouro dos templos tem a cor da luz solar. Os círios acesos nos altares e a pequena lamparina vermelha alimentada com azeite de oliva representam o Fogo Divino.

O azeite é o símbolo do sangue: este mantém a chama sagrada do homem, assim como o outro sustenta as chamas físicas.

O sangue é o veículo da chispa divina. Esta chispa move-se com a corrente sanguínea e não se encontra em qualquer ponto particular do organismo. A vibração desta chispa pode ser dirigida e localizada em qualquer parte do corpo, por meio da vontade concentrada. O sangue incendeia-se nas veias e manifesta o Fogo Divino Interno.

348 – O iniciado participa do Divino Poder Solar. Transfigura-se. Este poder se manifesta em forma de auréola de luz ao redor de sua cabeça, porque o fogo do Espírito Santo no Sacro se converte em luz no cérebro, e o iniciado se converte em Onisciente sem necessidade do intelecto. Esta auréola de luz, com o tempo, converte-se em diadema para o rei, mitra para o bispo, auréola de luz para a cabeça dos santos. O Fogo Criador, ao subir pela espinha dorsal e, finalmente, chegar ao terceiro ventrículo do cérebro, toma uma formosíssima cor dourado e a irradia em todas as direções, formando uma coroa sobre o osso occipital, em forma de leque. Esta luz significa a regeneração do homem que alcançou a “estatura de Cristo”. Ela muda de cor conforme o pensamento: a pureza se converte em branca; a espiritualidade, em azul; o saber, em amarelo; o amor, em cor-de-rosa, etc. Temos hoje muitos meios de demonstrar estes fenômenos e muitos homens de ciência estão ocupados no estudo da aura humana.

349 – Já dissemos que o homem deve ter dois nascimentos: um físico e um espiritual. Tem de ser homem e Cristo ao mesmo tempo. Vamos agora tratar de decifrar o mistério do Cristo no homem físico assim como deciframos o significado do Cristo solar.

O grânulo de vida fica depositado no útero materno, porta da vida, durante nove meses; após esse tempo, nasce, e a Alma Cristo permanece no pesebre do coração, no corpo (casa de carne). O Menino-Cristo no homem está rodeado de animais: a ignorância do burro, a debilidade do cordeiro e a brutalidade do touro. O rei das trevas, no corpo, com a ambição e o orgulho, quer matar o novo rei, para livrar-se do remorso e ter ampla liberdade

de seguir os desejos da carne. O neófito é atacado pelo fantasma do umbral no segundo nascimento e é perseguido por todas as hostes do inferno (mundo inferior). Foge, então, para o Egito, isto é, refugia-se no mundo interno, abandonando as tentações do corpo e suas paixões, a fim de crescer espiritualmente e voltar, depois, ao cumprimento de sua missão na vida. Assim como o Sol percorre aparentemente os doze signos zodiacais, também o Espírito Crístico tem de percorrer todas as dependências do seu sistema no corpo, que é a miniatura do Universo. A cabeça é o Oriente do homem, de onde sai o Sol Cristo. O iniciado deve dirigir sempre os seus pensamentos e suas práticas para o cérebro, onde tem a raiz de sua trindade. A porta para o Ocidente é o coração, por onde deve entrar o neófito. Por esta porta o neófito ou recém-nascido é conduzido para as piras do batismo (que se acham no fígado, órgão que forma, por suas emoções e desejos, o corpo astral ou de desejo); ali ele é batizado e submetido à prova d'água, que significa o domínio do desejo. O recém-nascido jura ante o altar no coração, onde brilham um Sol e seis luminares. (O Sol foi depois representado pela custódia, símbolo do Sol resplandecente, ou símbolo do Fogo Divino; os seus centros magnéticos ou planetas são simbolizados pelos seis círios.)

(Para aprofundar o estudo sobre as Iniciações de todas as religiões e sua relação com o homem é necessário estudar a obra do Dr. Adoum intitulada *As chaves do reino interno ou o conhecimento de si mesmo*.)

350 – Do capítulo anterior conclui-se que o Chrestos (que em grego significa “Bom”) é uma qualidade que deve ser adquirida antes de poder se tornar um Cristo, um ungido. Após ter chegado a viver uma vida virtuosamente esotérica, poder-se-á começar a viagem ou o caminho para a Iniciação, a senda da provação – a senda que conduz à porta estreita – caminho da Santidade – caminho da Cruz. O aspirante deve adquirir as sete virtudes para sentir o ardor pela felicidade de ver Deus e de unir-se a Ele (São Mateus 5:8).

351 – O Espírito que mora no corpo é um fragmento invisível de Deus. É trino, por ser Deus. É Poder, Amor e Saber. O Pai é o Poder; o Filho é o Amor, e o Espírito Santo é o Saber. A Iniciação consiste em dar completa liberdade ao Íntimo para que obre por meio dos seus três atributos. O Cristo Místico, pois, é o ser interno do homem, e, por conseguinte, é duplo. É o Logos, Verbo ou Segunda Pessoa da Trindade, que desce à



Matéria. Em seguida o Amor, segundo aspecto do Espírito Divino, faz evoluir o homem. Um representa os processos cósmicos no Mito Solar, o outro representa o processo que se passa no indivíduo. Ambas as fases, a Solar e a Individual, se encontram na narrativa dos Evangelhos; sua união nos apresenta uma imagem do Cristo Místico. O Cristo Cósmico, a divindade que se envolve com a Matéria, é a encarnação do Logos ou Deus feito carne. Esta Matéria-Mãe recebe da Terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo, a vida que a anima e lhe permite tomar forma. A Matéria condensada é modelada em seguida pelo Filho, segundo Logos, que se sacrifica encerrando-se ou crucificando-se, a fim de tornar “homem celeste”.

Do seu corpo fazem parte todas as formas. Isso é o processo cósmico dramaticamente representado nos mistérios.

“O Espírito de Deus pairava sobre as águas. E as trevas estavam sobre a face do abismo”, disse o Gênesis.

Logo lhe foi dada a Forma pelo Logos: “Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez”, disse São João no seu Evangelho.

352 – Uma vez terminado o trabalho do Espírito, o Cristo Cósmico e Místico pode revestir-se de Matéria, entrando no seio da Virgem Matéria. Esta Matéria foi vivificada pelo Espírito Santo a fim de receber o segundo Logos, e, assim, Cristo se encarna e se faz carne; a vida e a matéria O envolvem com uma vestimenta dupla. É a descida do Logos na Matéria, descrita com o nascimento do Cristo de uma Virgem. Isto se torna em Mito Solar, esse é o nascimento de Deus Sol no momento em que o Signo de Virgo ou Virgem se levanta no horizonte. Começam aqui os símbolos e as lendas. O Menino nascido está sujeito a todas as debilidades infantis. Ele, então, representa a alma frágil que nasce para a evolução. A Matéria o aprisiona para matá-lo; ele, porém, lentamente triunfa e modela o corpo para um destino sublime. Consegue a maturação do corpo e se crucifica nessa matéria com a finalidade de derramar da cruz todas as energias de sua vida, sacrificada em benefício do progresso da criação.

Padece, depois morre para os sentidos e é sepultado; mas levanta-se com o corpo astral radiante que torna veículo ou vestimenta (da alma) e vive através das idades. A crucificação de Cristo é uma parte do grande sacrifício cósmico. Todas essas alegorias da

crucificação nos mistérios se materializavam até o ponto de tornar-se morte verdadeira de uma pessoa, sofrida na Cruz e num crucifixo levado por um ser humano que expira.

353 – Toda esta história é, hoje, a história de um homem; foi aplicada ao Instrutor Divino, Jesus, e se transformou na história de sua morte física, assim como o seu nascimento de uma Virgem e a infância rodeada de perigos. A ressurreição e a ascensão transformam-se em incidentes da sua vida. Os mistérios desaparecem, mas as lendas chegam a ser a vestimenta do Instrutor da Judéia. O Cristo Cósmico desaparece no Cristo Histórico. Para os iniciados, porém, o Cristo era, é e será sempre o dos mistérios, que está intimamente ligado ao coração humano. O Cristo do espírito humano. O Cristo que existe em cada um de nós, que aí nasce, aí vive, é crucificado, ressuscita dentre os mortos e sobe ao céu, em meio aos sofrimentos e ao triunfo de todo “filho do homem”. A vida de todo iniciado nos mistérios celestes está traçada em grandes linhas na biografia dos Evangelhos. Por isso São Paulo fala do nascimento, da Evolução e da maturação completa de Cristo no discípulo. Todo homem é potencialmente um Cristo e segue de modo geral a narrativa dos Evangelhos nos incidentes principais; mas, como vimos, estes têm um caráter universal e não particular.

354 – Cinco grandes Iniciações esperam o aspirante a Cristo. A primeira é o segundo nascimento do Cristo no coração, pois o discípulo nasce no reino interno de Deus como um menino. “Se não vos tornardes como meninos, não entrareis no reino dos céus”, disse Jesus. Jesus nasceu na caverna. (É a gruta da Iniciação conhecida pelos antigos como a “Caverna da Iniciação”.) Em cima da gruta brilha a Estrela da Iniciação, cuja luz resplandece pelo nascimento da Luz Inefável. Sua vida está em perigo por causa das forças tenebrosas do mal. Apesar de todo o perigo, alcança o estado viril, porque, uma vez nascido, o Cristo não pode morrer, tem de terminar sua evolução no homem. Sua vida se expande em beleza e força, crescendo em sabedoria e espiritualidade até alcançar a Segunda Iniciação.

355 – A Segunda Iniciação é o batismo da água ou o domínio de todos os desejos, o qual lhe confere os poderes necessários a um instrutor. Então, descendo o Espírito Divino

sobre Ele com a glória do Pai Invisível, ilumina-o e assim chega a ser “o filho bem-amado”; a ele se deve escutar.

Logo Ele é levado ao deserto da Matéria para ser tentado. O inimigo secreto, que reside no baixo-ventre ou no inferno (parte inferior do corpo), esforça-se por lhe mostrar a dificuldade de seguir a senda, e convida-o a servi-lo, para a sua própria tranqüilidade e proveito pessoal. Ele, porém, vence o Tentador e a Tentação e volta aos homens, a fim de alimentá-los com o pão da vida e curá-los das doenças.

356 – Depois de tantos serviços impessoais e sofrimentos internos, galga a montanha sagrada da Terceira Iniciação, onde se transfigura, tornando-se tão radioso quanto o Sol.

357 – Está preparado para o Batismo do Fogo ou o Batismo do Espírito Santo e a entrada na última etapa do caminho da Cruz. É, então, perseguido e vituperado; contudo, não deixa de crescer a vida do amor. Bebe o cálice amargo da traição, do abandono e é negado por todos os seus. Anda desapreciado pelos homens, carregando a cruz na qual deve morrer, renunciando à vida do mundo inferior. Cercado de inimigos triunfantes, o seu heróico coração lança um grito ao Pai que parece tê-lo abandonado, e então abandona o corpo de desejos. Ele, o iniciado, desce aos infernos para poder salvar os que pedem auxílio e os átomos que desejam trabalhar sob o estandarte do Eu Superior (ver *As chaves do reino interno*). Volta depois à luz, abandonando as trevas inferiores, com o sentimento de que é o filho inseparável do Pai.

358 – Uma vez terminados os seus deveres na vida terrestre, Ele sobe ao Pai por meio da Quinta Iniciação, porque já está unido ao Deus Íntimo.

É esta a história dos Cristos e dos mistérios, ou do Cristo dos Mistérios, sob o duplo aspecto: Logos e homem; cósmico e individual.

Jesus é considerado como o Cristo Místico e Humano, que luta, sofre e, finalmente, triunfa: é o homem em quem a humanidade se vê crucificada e ressuscitada, cuja história promete uma vitória a todos os que, como Ele, forem fiéis até a morte, e até mais além da morte.

## O CREDO

359 – Toda religião tem seu credo, pois o credo é o símbolo da crença religiosa. Todo credo é misterioso em seu significado interno. Pelo que já aprendemos anteriormente, não é mais necessário penetrar o significado interno de cada credo; nestas páginas nos limitaremos a transcrever, com algumas observações, os credos dos reinos anteriores ao nosso.

**CREDO DOS BRÂMANES PUROS:** – *Eu adoro o ser que não está sujeito à mudança nem à inquietude, cuja natureza invisível e cuja espiritualidade não admitem divisão alguma de suas qualidades, o qual é a origem e a causa de todos os seres e a todos supera em Excelência; eu adoro esse ser que é o sustentáculo do Universo e fonte de tripla potência. O Verdadeiro Deus incriado, espiritual, invisível, onipotente, justo e misericordioso; está presente em toda parte; tudo vê e tudo ouve. Ele recompensará os bons e castigará os maus. Tomou formas visíveis em diferentes épocas, nas quais se encarnou para cumprir sua misericórdia ou sua vingança. Ele se manifesta na terra todos os dias, desde que o roguemos com um coração puro e cheio de fé. Quando chegar o fim dos séculos, fixado pelos decretos eternos, destruirá este mundo, como o destruiu nas três eras precedentes.*

360 – **CREDO DOS BRÂMANES DE TODAS AS SEITAS:** – *Creio no verdadeiro Deus que é incriado e espiritual, invisível, onipotente, justo, misericordioso. Está presente em toda parte, tudo vê e tudo ouve; nada se lhe pode ocultar, pois vê até os pensamentos. Ele recompensará os bons e castigará os maus. Ele tem tomado com freqüência formas visíveis, encarnando-as para seguir os passos de sua misericórdia ou de sua vingança; Ele se manifesta na terra todos os dias, quando ouve a prece de um coração virtuoso e cheio de fé. Ao chegar o fim dos séculos, fixado pelos decretos eternos, destruirá o mundo nesta quarta idade, como o destruiu nas três idades precedentes.*

361 – **CREDO DO ANTIGO SHASTRA:** – *Deus é o que foi sempre. Criou tudo o que existe. Uma débil imagem Sua é a esfera, que não tem princípio nem fim. Ele anima e governa todas as criaturas por meio de sua Providência geral, de seus invariáveis e eternos princípios: “Nunca perscrutes de nenhum modo a natureza da existência daquele que sempre existiu, porque é inútil e criminosa busca. Deves contentar-te com que, dia a dia, noite por noite, suas obras te anunciem sua sabedoria, seu poder e sua misericórdia. Trata de tirar proveito disso”.*(Shastra, por Howel)

362 – **CREDO CHINÊS (PELO IMPERADOR CAM-HI):** – *Deus, o verdadeiro princípio de todas as coisas, não teve princípio; produziu todas as coisas, as quais governa e das quais é Senhor; Ele é infinitamente bom e justo; Ele ilumina, ampara e rege tudo com suprema autoridade e soberana justiça.* (Compilação de Duhaldes)

363 – **CREDO DOS ISRAELITAS:** – *Adorarás a um só Deus.* Veja-se o decálogo – cópia dos mistérios egípcios que Moisés adaptou ao caráter dos hebreus, dizendo-lhes que o havia recebido das mãos de Adonai, no cume do Sinai.

364 – **CREDO DOS ANTIGOS MISTÉRIOS GREGOS:** – *Caminhai pela senda da justiça. Adorai o único Senhor do Universo. Ele é uno; Ele é o único ser que existe por si mesmo e ao qual todos os seres devem a existência. Ele atua neles e por eles; Ele tudo vê e jamais foi visto por olhos mortais.*

365 – **CREDO DOS PARSES:** – *O fogo é o emblema da natureza. O Sol é o trono do Criador e sua mais bela obra. Dentro de 12.000 anos haverá um juízo final. Os maus serão então excluídos para sempre da comunhão dos Eleitos, adoradores do Fogo.*

366 – **CREDO DOS MISTÉRIOS MODERNOS:** – O credo de Nicéia dos Cristãos é o símbolo da religião solar, pois o Sol nasce, morre, ressuscita e retorna ao trópico; eleva-se, ascende no solstício do verão; transfigura-se perto do segundo trópico e

descende no solstício do inverno, para voltar a renascer no Natal como filho de Deus, na qualidade de redentor da Natureza, a qual se vê ameaçada de destruição todos os anos.

O credo cristão diz assim: *Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus Verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus: e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem* (frase enxertada para designar Jesus). *Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Além de ser um símbolo de Tifon, que matou Osíris, pode ser também Pôncio Pilatos, como explica Leadbeater em sua obra O Credo Cristão, uma alteração do nome “Pôncio Pilatos”, que significa “mar denso”, ou seja, o mar da matéria. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.* Como se vê, o credo cristão é uma mescla dos símbolos do Cristo solar com os do Cristo místico-histórico, nem mais nem menos, como os mistérios menores da religião de Cristo e de todas as religiões existentes no mundo.

## MEU CREDO

367 – Assim como é em cima, assim é embaixo. Assim como sucede no Macrocosmos, forçosamente tem de suceder no Microcosmos. Conforme está no Corpo do Universo, assim está em meu corpo... Portanto, o homem deve ter seu Credo Interno, que reflete o Credo Cósmico.

Creio em um só Deus Todo-Poderoso, que manifestou de Si todas as coisas visíveis e invisíveis aos meus sentidos.

Ele é invisível, porém eu O sinto porque estou n'Ele e Ele está em mim.

Creio que eu sou o Verbo, seu filho, que era no princípio; eu sou o Verbo que Era com Deus e eu sou o Verbo que era Deus. Deus de Deus, luz da luz; filho gerado, não criado, sendo a mesma substância do Pai. Por mim. Eu sou o Verbo por quem todas as coisas foram feitas.

Creio que Eu Sou desceu do Seio do Pai e se encarnou pelas vibrações do Espírito Santo e da Virgem Matéria e se fez homem, por meio do sexo.

Creio que Eu Sou padeceu e padece devido à sua limitação no mar da Matéria, e sobre a Matéria foi crucificado e nela foi morto e sepultado.

Creio que desceu aos mundos inferiores materiais e depois de três rondas, durante as quais esteve sepultado, ergue-se como Fogo Divino e ascende ao Céu do Cérebro e ali está sentado à direita do Pai Todo-Poderoso e de onde há de vir pela segunda vez (a segunda vinda) para guiar os vivos e os mortos e seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Terceiro Atributo do Absoluto Deus, Dispensador da Vida, aquele que por suas vibrações ilumina todo ser.

Creio na Santa Igreja Universal, que é o corpo de toda a humanidade, e no trabalho da grade fraternidade dos adeptos para a evolução humana.

Creio na emancipação dos erros por meio da santa sabedoria; no verdadeiro Batismo, que consiste no domínio dos desejos inferiores.

Creio na ressurreição no corpo (Reencarnação);

Creio na Vida Eterna porque sou eterno;

Creio que eu sou o que o Criador é;

Creio que eu sou Ele, Ele é eu;  
Creio que eu sou Deus em forma corpórea.



## O GRANDE MISTÉRIO

368 – A verdade é triúna como Deus é Trindade: a primeira pessoa. O primeiro grande mistério indizível, o arcano incompreensível pode ser declarado assim: “É a divindade do homem, o homem é Deus”.

Um mistério indizível porque desde a sua afirmação expressa uma mentira e a mais monstruosa das mentiras. De fato, o homem não é Deus, e, no entanto, está escrito: “Vós sois deuses (...) E eis que o homem se fez um de nós”. Dizer que Deus é um homem, que blasfêmia! Para a Cruz com o profanador e blasfemo! Ao fogo os iniciadores!

369 – A segunda pessoa da Verdade diz assim: “Deus se fez homem” (por meio do sexo).

Que absurdo! E, no entanto, João assegurou em seu Evangelho: “E o verbo se fez carne e habitou entre (*em*, diz o texto original) nós”.

O primeiro homem imortal, antes da queda, era homem-mulher: Adão-Eva. O homem posterior, o ressuscitado, será também homem-mulher. Assim deve ser naquele triunfo da morte com a morte, do sexo com o sexo. A humanização de Deus cede o posto no momento à divinização do homem; devemos recordar-nos, porém, que o homem há de ser Deus. Hoje os deuses mortais da Antiguidade são demasiadamente humanos, por isso o antigo sacerdote orava no ofício cotidiano dizendo: “Não vim matar o Deus, mas sim reanimá-lo”. Mas, que Deus é esse e com que hão de reanimá-lo?... Com o sexo, porque o sexo tem o poder de matar e de reanimar os deuses. O sexo humanizou os deuses e o sexo divinizará os homens.

370 – A terceira face da Verdade é:

“O homem se faz Deus por meio do sexo”. Como?

Reina o silêncio!

“O que sabe não fala e o que fala nada sabe”, diz Lao Tse.

